Prof. João Mangabeira e Deputados Paulistas e Paraibanos Favoráveis ao Registro do Partido Comunista Brasileiro

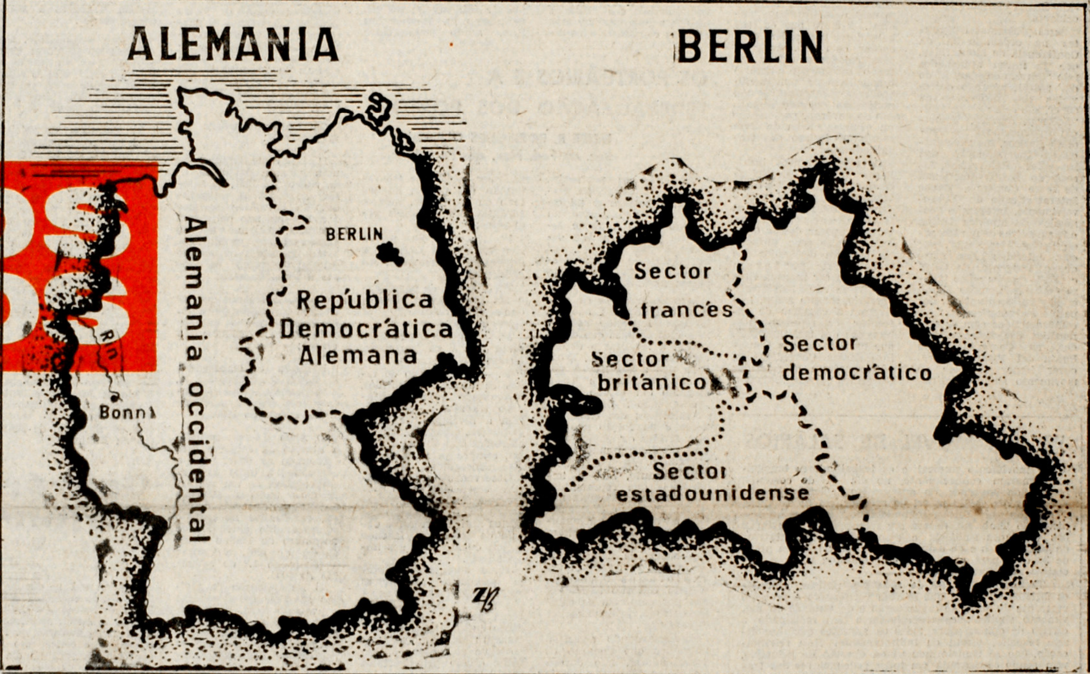
Texto na 3ª página

Kruschiov Fala Sôbre a Alemanha e a Situação Mundial

TEXTO NA 8ª PAGINA

BERLIM: PROVOCAÇÕES IMPERIALISTAS PÕEM EM RISCO A PAZ MUNDIAL

TEXTO NA 3ª PAGINA



PUNTA DEL ESTE: TEXTO DO DISCURSO DE «CHE» GUEVARA

NR oferece a seus leitores, nesta edição, um caderno dedicado à Conferencia de Punta del Este, para a qual mandamos, como correspondente especial, o nosso companheiro Josué Almeida. Além das reportagens de Josué Almeida, em que são focalizados os mais importantes problemas suscitados na Conferência, divulgamos, pela primeira vez na imprensa brasileira, o texto integral do memorável discurso pronunciado em Punta del Este pelo ministro da Indústria de Cuba e chefe da delegação de seu país ao encontro de Montevidéu — o legendário comandante Che Guevara.

NOVOS RUMOS

Ano III — Rio, Semana de 18 a 24 de agôsto de 1961 — Nº 128

Coleta de Assinaturas Para o Registro do Partido Comunista Brasileiro

Leia instruções na 3ª página

São Paulo Aplaude Reatamento Com a URSS

LIDERES de numerosos partidos e entidades representativas dos mais diversos setores de atividades realizaram, dia 13 último, na Praça da Sé, em São Paulo, um comício de regosijo pela atitude do govêrno federal, determinando o restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética. Milhares de pessoas compareceram à manifestação, muitas das quais conduziam dísticos e cartazes saudando a medida do presidente Jânio Quadros e reivindicando outras medidas como o restabelecimento de relações com a China Popular, denúncia dos tratados internacionais que contrariam a soberania nacional, como o acôrdo militar Brasil-Estados Unidos.

VÁRIOS oradores fizeram uso da palavra, abordando os diversos aspectos positivos do reatamento e destacando a necessidade de o govêrno federal trilhar por um caminho progressista conseqüente em suas relações com os governos de todos os países.

ENTRE outros, falaram: Luis Firmino de Lima, presidente do Sindicato dos Têxteis, em nome dos trabalhaodres; Kamal Chaim, pelo Diretório Metropolitano do PSB, que leu mensagem de apoio aprovada na última Convenção Regional do Partido, sôbre o reatamento e a política externa do Brasil; Braulio de Barros, pelo PR; deputado federal Dagoberto Sales, pelo PSD; vereador Rio Branco Paranhos, pelo PTB; Plinio de Moura, pelo Diretório Regional do PSB; Idibal Pivett, pelo Movimento Popular de Março; João Aciolli, pelo PSP e Ênio Sandoval Peixoto, pelos comunistas. Na foto, aspecto da manifestação.

Reforma Agrária - Problema Nacional

CARLOS MARIGHELLA

A REFORMA agrária constitui uma necessidade de nosso progresso e desenvolvimento. De tôda parte eleva-se o clamor pela sua urgente realização. É uma medida reclamada com insistência, porque, antes de tudo, o exigem a expansão industrial e os interêsses nacionais. A estrutura agrária do país já de há muito tornou-se caduca. Impõe-se a eliminação do monopólio da terra, a extinção do latifúndio, para que se extirpem a miséria e o atraso de milhões de brasileiros e para que as fôrças produtivas avancem livremente. A reforma agrária está na ordem-do-dia.

OS COMUNISTAS iniciaram a luta pela reforma agrária, no Brasil. Mas no momento atual outras fôrças também lutam pela mesma medida. Encontros sindicais de operários, assembléias de camponeses, encontros estudantis e de economistas, bispos, homens de profissões liberais, parlamentares, governadores de Estado, vários setores da vida pública têm-se pronunciado a favor da reforma agrária. A êsses pronunciamentos soma-se, agora, o do presidente da República, que proclamou a necessidade e a urgência da reforma agrária, qualificando de decadente a estrutura agrária do país.

O ECO dessas fôrças refletiu-se de maneira afirmativa no Parlamento. Constituiu-se na Câmara dos Deputados uma Comissão Especial de Reforma Agrária. Seu relator, o deputado José Joffily, apresentou ali um substitutivo aos projetos de lei de reforma agrária. Pela primeira vez, o assunto vai mesmo a debate no plenário do Parlamento, sem passar pelas comissões, ao invés do que acontecia com outros projetos de idêntica natureza, que acabavam engavetados para sempre.

O PROJETO do deputado Joffily surge num momento em que se agrava o conflito entre as relações de produção retrógradas e as fôrças produtivas em desenvolvimento. Aparece quando êste choque se evidencia, entre outros fatos, pelo emprêgo de várias formas de luta, como em Formoso, Engenho da Galiléia e outros pontos, e pela organização crescente de sindicatos rurais, cooperativas, associações, ligas camponesas.

O EXAME do projeto do deputado Joffily revela-nos, porém, que êle é insuficiente e não corresponde ao nível das lutas de massas e do movimento camponês. O projeto é de excessiva timidez. Não está à altura do grande anseio nacional, visando à efetivação da reforma agrária. Não institui a liquidação do latifúndio nem a distribuição da terra aos que nela queiram trabalhar. Meeiros, terceiros, arrendatários pobres, parceiros, subarrendatários, assalariados de todos os tipos, as grandes massas camponesas só dificilmente poderão ter acesso a um pedaço de terra. Quanto aos posseiros, sua situação no projeto fica aquém das conquistas por êles já obtidas nos dias de hoje, uma vez que a posse da terra só lhes seria garantida após dois anos de atividade agrícola, à base da permanencia de núcleos residenciais de nunca menos de dez famílias.

O PROJETO Joffily cria um órgão altamente prejudicial — a COFRA (Comissão Federal de Reforma Agrária). Além de seu profundo caráter burocrático, será composto por elementos nomeados pelo presidente da República, entre os quais não se incluem os camponeses ou seus legítimos representantes. Incumbe a êste órgão a função mais importante no dispositivo proposto. É de sua alçada promover a execução da lei e a elaboração do planejamento geral da reforma agrária. Cabe-lhe manejar os fabulosos recursos do Fundo Agrário Nacional, que, para isso, ficam à sua inteira disposição, depositados no Banco do Brasil. Pela sua natureza e finalidades, a COFRA agirá segundo a vontade e os interêsses dos latifundiários e grandes capitalistas, em prejuízo da grande massa de camponeses sem terra.

ASSIM, o projeto do deputado Joffily — como êle mesmo dá a entender em seu parecer — é, em sua expressão singela e verdadeira, uma fórmula de conciliação dos interêsses da burguesia com os dos latifundiários, à custa das grandes massas laboriosas do campo.

NO ENTANTO, ainda sem eliminar o latifúndio, o projeto Joffily enfrenta questões que merecem amplo apoio, por favorecerem a reforma agrária. Não foi outro motivo que a Confederação Rural Brasileira, a mais alta entidade de classe dos latifundiários, rechaçou o projeto numa assembléia-geral extraordinária.

OS LATIFUNDIÁRIOS classificam como "Junta de Devassa do Tribunal do Santo Ofício" a apuração da legitimidade dos títulos de propriedade de mais de 500 hectares. A desapropriação para utilização temporária, que o projeto Joffily recomenda por um prazo mínimo de 10 anos, a juros de 6 por cento ao ano, sôbre o valor da propriedade, é também por êles condenada.

POSITIVO e, por isso, merecedor de apoio é o dispositivo que determina a justa indenização da propriedade desapropriada, segundo o valor atribuído no último lançamento do impôsto territorial. A doação gratuita de um lote agrícola ao posseiro, que, à data da lei, ocupar terras de domínio público, é outro ponto digno de aprovação.

O PROJETO Joffily presta um grande serviço à causa da reforma agrária, ao proporcionar um amplo debate sôbre o assunto. A discussão que se abre no Parlamento torna possível uma grande campanha de massas em tôrno da reforma agrária. E nessa questão, como em tôdas as demais, as massas são o fator decisivo. O essencial é, pois, dar livre curso a essa campanha. Que os camponeses falem e sejam ouvidos, digam que tipo de reforma agrária lhes interessa. Que os patriotas e democratas, os nacionalistas e todo o povo estejam nessa campanha.

(Conclui na 2.ª pág.)

ARCHIVIO STORICO DEL MOVIMENTO OPERAIO BRASILIANO

1890-1965

Congresso Sindical da ORIT a Serviço do Imperialismo

AGOSTINHO DIAS DE OLIVEIRA

Os divisionistas do movimento sindical realizarão, nos dias 17 a 19, em São Paulo, uma reunião intitulada de Conferência Sindical Interamericana sôbre Assuntos Econômicos e a seguir, durante os dias 20 a 25, um chamado Congresso Continental, patrocinado pela ORIT.

Os objetivos dessas reuniões é obter, para fins propagandísticos, o apoio dos seus participantes à Conferência de Punta del Este, realizada com a finalidade de impor aos países da América Latina a "Aliança para o Progresso" do sr. Kennedy.

Em entrevista publicada no "Correio da Manhã" o sr. Hurtado, dirigente da ORIT, já deu o "serviço". Disse que a Conferência e o Congresso serão realizados para "estudar" os problemas econômicos americanos a cargo da CEPAL, OEA, BID e outros órgãos criados para aplicar a política econômica e financeira do imperialismo norte-americano no hemisfério ocidental.

Esses problemas constantes na ordem-do-dia da Conferência de Montevidéu, que já foram anunciados pelo "Correio da Manhã" do dia 9/8/61, segundo entrevistas dos dirigentes da ORIT, são os seguintes: "Reforma Agrária, Comércio Internacional de Produtos Básicos, Industrialização e Diversificação das Inversões e Reinversões, Associação Latino-Americana de Livre Comércio, Banco Interamericano de Desenvolvimento, Integração Econômica da América Latina e Perspectivas de um Mercado Latino-Americano". Por esta entrevista fica claro que os dirigentes da ORIT e CIOSL (assim como já fizeram o sr. Douglas Dillon e os "representantes" dos países sul-americanos mais comprometidos com os monopólios dos Estados Unidos, na Conferência de Punta del Este) vão procurar impor também ao movimento sindical latino-americano, a política de guerra e submissão ao imperialismo norte-americano.

O movimento sindical brasileiro está alheio a êsta "Conferência" e a êste "Congresso", pois, não foram convocados os trabalhadores para tais "Conciliações"; os dirigentes das Confederações que lá compareceram estão exorbitando de um mandato que os trabalhadores não lhes confiaram, porque a própria filiação à ORIT das três Confederações do Comércio, dos Transportes e da Indústria — realizou-se em obediência à lei reacionária nº 2.802, que modificou o art. 565 da C.L.T. Esta lei estabelece que "as entidades sindicais reconhecidas nos têrmos desta lei não poderão filiar-se a organização internacional, nem com elas manter relações, sem prévia licença concedida por decreto do presidente da República". Esta lei oficializa a intervenção do govêrno no movimento sindical, fere o princípio da liberdade sindical. É claro que os trabalhadores não podem concordar com isso. As relações que devem existir entre o movimento operário brasileiro e o movimento operário internacional não podem ser obra da imposição do govêrno, parlamento ou grupos, e sim da livre escolha e decisão dos trabalhadores.

Os representantes brasileiros que vão participar dessa "Conferência" e dêsse "Congresso" não têm credencial para representar os trabalhadores brasileiros, porque, apesar dessas Confederações e seus dirigentes estarem desligados dos trabalhadores por terem passado a ser instrumentos de divisão do movimento operário, mesmo assim, não tiveram a coragem de enfrentar os representantes honestos dos trabalhadores, que participam dos Conselhos dessas Confederações, não reuniram os referidos Conselhos para participar a realização desses "Concilios", notícia que veio à luz pelas páginas da "imprensa séria".

Essa "Conferência" e êsse "Congresso" têm por objetivo aprofundar as divergências do movimento sindical, a fim de os trabalhadores, quebrado o seu instrumento principal de luta, que é a unidade, não poderem travar a luta pelas suas reivindicações e passarem a defender os interêsses dos seus exploradores; por isso, os dirigentes da ORIT, como fêz o sr. Hurtado, têm a coragem de dizer, em entrevista, que essa organização é "independente e autônoma com relação a governos e grupos financeiros ou religiosos, que não recebe auxílios nem subvenções da igreja, do Departamento de Estado e de Wall Street, pois vive de uma receita de cêrca de 250 mil dólares anuais, obtida com recebimento de mensalidades das organizações filiadas".

Essa é uma declaração muito grave e comprometedora, porque complica a situação não só do sr. Hurtado com as organizações governamentais dos Estados Unidos acima citadas, mas também compromete os dirigentes das Confederações sindicais brasileiras, se nos balancetes das mesmas não estiverem incluídas essas mensalidades pagas à ORIT.

O trabalho divisionista que vêm realizando a ORIT e a CIOSL, não só em nosso continente, mas na Europa, Ásia, África e Oceania, precisa ser denunciado a fim de os trabalhados não se deixarem enganar pelos cantos de sereia dos "pelegos" internacionais, que percorrem o mundo fazendo propaganda do modo de vida americano. Porque só esclarecidos podem os trabalhadores travar a batalha pela sua unidade por cima dos traidores da classe operária, que se venderam ao imperialismo e a seu serviço fazem a dispendiosa propaganda anticomunista para dividir os trabalhadores de todo o mundo, que lutam pela paz e o bem-estar de tôda humanidade.

Os trabalhadores e o povo brasileiro precisam saber que a "Conferência" e o "Congresso", a realizar-se no Brasil, patrocinados pela ORIT, são parte dos planos de intervenção do imperialismo na América Latina, sendo financiados por Wall Street. Visam os aspectos positivos da política exterior do sr. Jânio Quadros, isto é, a defesa da coexistência pacífica e da autodeterminação dos povos. Por isso mesmo, merecem dos trabalhadores e do povo, de todos que desejam a paz e a felicidade do nosso país, a mais completa repulsa. Esses "pelegos" internacionais, ao mesmo tempo em que atacam essa orientação no plano internacional, apóiam a política de fome, posta em prática internamente pelo govêrno sob a orientação do Fundo Monetário Internacional, do qual êles são os agentes no movimento operário.

Cabe, portanto, ao movimento sindical brasileiro a grande tarefa de, desmascarando os divisionistas do movimento operário, conclamar as massas operárias e camponesas a unir-se a todos aquêles que desejam a manutenção, neste sistema de fome a que o atual govêrno vem submetendo o povo brasileiro para a luta por um govêrno voltado para o povo, um govêrno nacionalista e democrático, do qual participem as fôrças patrióticas e progressistas do país. Só um govêrno dêsse, pode dar passos no sentido da conquista de nossa emancipação nacional e impulsionar o nosso país para o caminho de sua industrialização independente, realizando uma reforma agrária radical, que distribua a terra com as massas camponesas. Só assim o nosso povo virá a ter fartura e verá liquidada a carestia de vida e vislumbrará um futuro de paz e progresso.

ESCALA MÓVEL DE SALÁRIOS

O movimento sindical e os trabalhadores brasileiros tomaram conhecimento, no dia 11 do corrente, através da imprensa, do anteprojeto de lei instituindo o sistema de escala móvel de salários em todo o país. O referido anteprojeto, segundo determinações do ministro do Trabalho, deverá ser submetido à apreciação das entidades sindicais e associações representativas de empregados e de empregadores, que terão um prazo de 30 dias para apresentar suas opiniões sôbre a iniciativa ministerial.

Trata-se realmente de uma boa notícia. Durante os últimos anos, em que se vem verificando o processo crescente do nível de organização e de unidade do movimento sindical, os trabalhadores têm reclamado o direito de opinar sôbre todos os assuntos que lhes dizem respeito, direta ou indiretamente. Essa reivindicação, que se transformou numa questão de princípio, vem sendo consagrada em todos os conclaves dos trabalhadores.

Essa conduta dos trabalhadores pesou na decisão do govêrno. A tendência do ministro do Trabalho e de seus assessôres, segundo repetidas declarações à imprensa, era para levar o anteprojeto de escala móvel de salários diretamente à Câmara dos Deputados, sem ouvir préviamente os trabalhadores, através das suas organizações sindicais. Pretendia-se apresentar um fato consumado.

Mudando de conduta, submetendo o anteprojeto à apreciação das massas assalariadas, o ministro do Trabalho atendeu, em princípio, a uma exigência do movimento sindical brasileiro. Como se sabe, o II Encontro Sindical Nacional dos Trabalhadores, realizado em Belo Horizonte, fêz ver ao govêrno que qualquer projeto de escala móvel de salários, antes de enviado à Câmara, devia ser submetido ao debate dos trabalhadores.

O Encontro de Belo Horizonte considerou passado o tempo em que os trabalhadores não eram ouvidos e nem cheirados quando se legislava sôbre assunto de seu interêsse direto. O Encontro fêz ver que o movimento sindical deseja opinar e opinar de verdade, através de suas próprias entidades representativas, e não apenas pelas organizações de cúpula, muitas delas desvinculadas dos interêsses das massas. Ficou claro que os trabalhadores querem debater os assuntos de seu interêsse, nas suas assembléias sindicais, nos locais de trabalho e centros residenciais.

O govêrno considerou, em parte, essa exigência dos trabalhadores. Dissemos em parte porque os 30 dias concedidos para debate não serão suficientes para que assunto de tal envergadura, como o instituto da escala móvel de salários, seja devidamente apreciado pelos trabalhadores e suas entidades representativas.

O anteprojeto de escala móvel foi elaborado num processo prolongado, por uma equipe de técnicos do SEPT que trabalhou durante longos meses, até concluí-lo. Estranho, portanto, que assunto de natureza complexa, que reclamou a atenção de técnicos e especialistas durante tanto tempo, possa ser examinado, em todo o vasto território nacional, pelas entidades sindicais, em apenas 30 dias.

Trata-se de anteprojeto longo, composto de 43 artigos e 36 parágrafos, dispondo sôbre matéria desconhecida, que passará a regulamentar tôda a política salarial do país. Sabemos que a escala móvel de salários foi aplicada em vários países, mas escassas são as notícias sôbre os seus resultados. Não temos portanto, nem mesmo a experiência dos trabalhadores de outros países a nosso favor. Precisam os trabalhadores brasileiros, por essas e outras razões, de um prazo maior para que possam conhecer e opinar sôbre o projeto de escala móvel.

A Executiva da Comissão Permanente das Organizações Sindicais da Guanabara já considerou que o anteprojeto em foco só poderá ser debatido em todo o território nacional se os trabalhadores dispuserem de um prazo nunca inferior a 90 dias para tal fim. Êsse é realmente o prazo mínimo que se pode solicitar do govêrno para que os trabalhadores possam opinar de maneira responsável, introduzindo no anteprojeto os elementos que correspondam aos seus interêsses.

As entidades sindicais devem, por isso mesmo, dirigir-se, sem demora, ao ministro do Trabalho, solicitando a dilatação do prazo destinado à apreciação do anteprojeto que institui a escala móvel de salários no país ao mesmo tempo que orientar o debate da matéria nos locais de trabalho, nas assembléias sindicais e nas reuniões intersindicais.

Ao Sr. Presidente [illegible] da República promoção de

OS PORTUÁRIOS E A FEDERALIZAÇÃO DOS PORTOS

FELIPE R. RORRIGUES (Felipão)
Sec. da Fed. Nac. dos Portuários

Debaterão os portuários em seu II Congresso Nacional, a realizar-se na cidade de Pôrto Alegre no período de 25 a 30 de setembro próximo, a tese levantada pela União dos Portuários do Brasil referente à federalização dos portos nacionais.

Lamentamos que os portuários autárquicos não nos tenham fornecido as razões e os estudos que os levaram a levantar e defender essa proposição, pois para nós a matéria é por demais complexa e está exigindo um estudo mais aprofundado a fim de que os interêsses dos trabalhadores e da Nação não sejam feridos ou postergados por medidas tomadas de afogadilho.

No entanto, face a importância que representam os portos na economia nacional, pois são os terminetros vivos da nacionalidade por onde transitam tôdas as riquezas produzidas, somos de parecer que os mesmos deveriam ser explorados diretamente pelo Govêrno Federal e não por emprêsas de capital privado, principalmente estrangeiras.

Salvaguardando a posição patriótica que tomarão os trabalhadores, não deverá o Poder Executivo adotar qualquer medida de federalização dos portos, no seu todo ou em parte, sem a garantia dos seguintes requesitos:

1º. — discussão prévia nas Assembléias Gerais dos Sindicatos interessados, em cada pôrto;

2º. — forma de pagamento da encampação, levando-se em consideração os interêsses do País;

3º. — sindicalização imediata para os portuários autárquicos;

4º. — conservação de todos os direitos adquiridos, formulando-se uma legislação trabalhista - portuária com a nivelação de todos os direitos e vantagens conquistados nos diversos portos, sempre pelo maior índice conseguido.

Observadas estas condições essenciais então poder-se-á falar concretamente na federalização dos portos sem incorrer na dívida de estarmos fazendo o jôgo do interêsse dos imperialistas.

Temos a certeza que tanto portuários autárquicos como sindicalizados saberão muito bem defender uma posição nacionalista, desde que ratifiquem o documento sôbre a matéria entregue ao Grupo de Trabalho criado pela Portaria MTPS 273/61.

METALÚRGICOS DEFENDEM A INDÚSTRIA FERROVIÁRIA

Os problemas que os trabalhadores e a indústria nacional de material ferroviário enfrentam, notadamente o do desemprêgo, continuam a constituir uma das grandes preocupações da corporação metalúrgica. No III Congresso dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico do Brasil, sôbre o qual publicamos ligeira reportagem na última edição, várias teses sôbre a matéria foram apresentadas. As teses das Federações e Sindicatos de Metalúrgicos de São Paulo e da Guanabara, que foram aprovadas, concluiram pela adoção das seguintes medidas:

1) Manter a luta em defesa da indústria nacional de material ferroviário, reivindicando a proibição da importação de carros, automotrizes ou vagões, acabados, desmontados ou semifabricados, sob qualquer pretexto, desde que a indústria nacional esteja habilitada a produzi-los;

2) Reafirmar os pronunciamentos anteriores ao emprêgo do aço inoxidável para construção de estruturas e revestimentos de carros e automotrizes, visto não ser a solução compatível com os recursos das ferrovias brasileiras, ser de discutível vantagem com relação aos aços comuns e com outros tipos a que Volta Redonda já está habilitada a produzir, e por obrigar o dispêndio desnecessário de divisas;

3) Solicitar a anulação da compra efetuada pela Rêde Ferroviária Federal de 50 vagões de aço inoxidável da Estrada de Ferro Sorocabana, por não corresponder a compra aos legítimos interêsses dos usuários daquela ferrovia e tampouco representar a solução para se [illegible] da

sindicância mais pormenorizada no sentido de serem também examinados outros desmandos administrativos anteriores da Rêde Ferroviária Federal, inclusive com relação às circunstâncias, condições em que foram firmados os contratos ou não que proporcionam a essa autarquia os contratos de arrendamento de suas oficinas, na Lapa, em São Paulo, e uma emprêsa particular e, sendo o caso, propor novas condições para a licitação dos direitos de arrendamento, em concorrência pública;

5) Nomeação de uma Comissão Intersindical para examinar as circunstâncias e motivos da dispensa recente de 25 operários da Fábrica arrendada à "Material Ferroviário S. A." (MAFERSA), em São Paulo.

REFORMA AGRÁRIA...

(Conclusão da 1ª página)

PARTIDARIOS de uma reforma agrária radical, que liquide o monopólio da propriedade da terra pelos latifundiários e fortaleça a economia camponesa sob formas individuais ou associadas, os comunistas lutam também por medidas parciais e pelas reivindicações imediatas dos camponeses e apoiam qualsquer reformas úteis às massas trabalhadoras do campo.

EM ALIANÇA com o proletariado e junto com todas as fôrças patrióticas e progressistas, os camponeses, organizados em suas ligas e associações, podem conquistar, através da luta de massas, importantes direitos e influir sôbre o Parlamento, para que sejam votadas medidas em seu favor.

A CONJUGAÇÃO dos esforços de todo o povo e de todos quantos querem o progresso e o bem-estar pode atuar igualmente sôbre o Parlamento e conseguir expungir do projeto Joffily o que êle tem de negativo e introduzir, através de emendas, conquistas e medidas capazes de tornar a reforma agrária uma realidade.

A REFORMA agrária é um problema nacional, de interêsse de todo o povo. Para a sua conquista impõe-se a ação da frente única, a unidade de todos os patriotas e democratas. Urge, assim, o amplo pronunciamento das massas e de todos quantos, sem distinção de partidos, credos filosóficos ou religiosos, julgam chegado o momento de modificar radicalmente a caduca estrutura agrária brasileira.

PETROBRÁS REAJUSTOU OS SALÁRIOS DOS EMPREGADOS

Os trabalhadores da Petrobrás tiveram os seus salários reajustados a partir de 1.º de agôsto corrente em conseqüência do acôrdo firmado entre os sindicatos representativos da classe e os representantes do Ministério do Trabalho e da Petrobrás.

Os pontos do acôrdo são os seguintes:

1) serão melhorados, de uma letra, a partir de 1.º de agôsto de 1961, os salários de todos os empregados da Petrobrás (grupos 5 a 11) que não obtiveram melhoria, promoção ou acesso ou que, promovidos foram mantidos no mesmo salário, de agôsto de 1960 até a presente data;

a) os empregados que estiverem na última letra terão os seus salários aumentados de 5% (cinco por cento);

b) para os empregados da RPBC dos grupos 5 a 11, a melhoria que ora se concede terá efeito a partir de 1.º de agôsto de 1960.

2) Além dessa medida, a direção da emprêsa está estudando as bases para a concessão, a todos os seus empregados, de um reajustamento de parte dos salários aos índices de custo de vida, registrados no período compreendido entre 1º. de novembro de 1960 e 1º de agôsto de 1961, a vigorar a partir do 1.º de setembro de 1961.

a) Na aplicação da revisão salarial, de que trata o presente item, será adotado o critério de percentuais deferenciados, a fim de possibilitar, atenuar ou neutralizar disparidades salariais que se criaram em virtude de concessão, no passado, de vantagens específicas a determinados grupos de empregados. Os sindicatos signatários do presente acôrdo apresentarão sugestões a serem consideradas na organização dar tabelas para aplicação diferenciada da revisão salarial.

b) Será retardada por 30 (trinta) dias em relação às outras unidades a vigência na RPBC da revisão salarial dos Grupos 5 a 11, a que se refere o presente item.

c) Ficam suspensas as melhorias dos empregados do Grupos 5 a 11 da PETROBRÁS, até que sejam aprovadas normas regladoras da matéria, que serão estudadas pela emprêsa em entendimento com os Sindicatos.

3) Embora os signatários estejam de acôrdo com as presentes bases, sua execução é condicionada à aceitação expressa das assembléias dos sindicatos que assinam o presente e à homologação do Ministério do Trabalho e Previdência Social.

a) Fica estabelecido, ainda, que as presentes bases deverão ter aprovação ou rejeição total, não se admitindo aprovação ou rejeição parcial de seus itens pelas assembléias gerais.

b) Em caso de rejeição pelas assembléias gerais, serão reiniciadas as negociações entre as partes.

O acôrdo foi assinado em 2 de agôsto do corrente pelos srs. Paulo Santos, do Ministério do Trabalho; José Maria Arantes, da Petrobrás; Geraldo Silvino de Oliveira, presidente do dos Trabalhadores na Indústria de Refinação e Destilação de Petróleo de Cubatão; Mário Soares Lima, do Sindicato Ind. de Ref. e Dest. de Petróleo da Bahia; Sylas Confôrto e Lydio Andrade de Souza, do Sindicato dos Trabalhadores na Ind. de Ref. e Dest. de Petróleo da Guanabara e Rio de Janeiro; e Wilton Valença, do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Petróleo da Bahia.

Operários do Petróleo Forjam a Sua Unidade

JOÃO MASSENA MELO

Instalar-se-á no dia 29 de setembro do corrente, na Cidade de Salvador, a I Convenção Nacional dos Trabalhadores na Indústria do Petróleo. O encerramento do conclave ocorrerá no dia 3 de outubro, data em que não só os trabalhadores petrolíferos, mas todos aquêles que lutaram firmemente pelo monopólio estatal do petróleo e pela criação da Petrobrás, comemoram o aniversário da lei 2004, de 3 de outubro de 1953, que lançou as bases da nova política petrolífera do país.

Naturalmente que a realização da I Convenção Nacional dos Trabalhadores na Indústria do Petróleo não visa sòmente a comemoração dessa importante data, mas assinalará um dos grandes vitórias do povo brasileiro — vitória da frente única patriótica e democrática em sua luta pela emancipação econômica e política de nosso país. As próprias comemorações terão um sentido diferente. A Convenção há de imprimir às comemorações dessa data um conteúdo dinâmico e progressista, impulsionando aquilo que constitui o fundamento das vitórias democráticas do povo brasileiro — a unidade da classe operária, unidade que se estabelece e se reforça no plano local, regional e nacional.

A Petrobrás, criada há oito anos, vem se desenvolvendo em vários Estados e Municípios da Federação. Com o crescimento da emprêsa cresceu o número de trabalhadores ocupados na prospecção e refinação de petróleo. Para congregar os operários nesse nôvo e importante ramo de atividade profissional surgiram novas associações e sindicatos. Começaram a aparecer os problemas específicos dos trabalhadores do petróleo, problemas que foram se avolumando e reclamando solução, obrigando os líderes dos trabalhadores em petróleo, de regiões diferentes, a procurarem contactos entre si a fim de debater assuntos do interêsse de tôda a coletividade ocupada na nova indústria. Encontros esporádicos foram realizados em diversas oportunidades. Finalmente, por ocasião do III Congresso Sindical Nacional, estabeleceu-se um roteiro de atividade entre os líderes dos trabalhadores na indústria petrolífera. Do entendimento entre os vários dirigentes de sindicatos e associações profissionais de todo o país surgiu a convocação da I Convenção Nacional dos Trabalhadores na Indústria do Petróleo.

Verifica-se, portanto, que êsse encontro a realizar-se na Bahia será estendido a outras locais. A unidade de cada sindicato ou associação, por outro lado, deve ser realmente apoiada nas sólidas bases da organização desde baixo.

Agora que a CIOSL e ORIT, agências do Departamento de Estado Norte-americano, procuram aplicar a linha divisionista da AFL-CIO em todo o Continente, e aceleram sua atividade em nosso país, contando para isso com o apoio oficial, todo o trabalho que oriente os operários para sua unidade corresponderá aos anseios manifestados pela classe operária brasileira nas dezenas de conferências estaduais realizadas em 1959 e no seu Congresso Nacional de 1960.

Aguardemos, pois, a realização da Convenção e que os trabalhos de sua preparação aumentem de intensidade por parte de todos os ativistas dos Estados de Sergipe, Alagoas, Maranhão, Pará, Amazonas, Bahia, São Paulo, Estado da Guanabara, etc, tendo em vista o maior êxito na assembléia de uma legislação específica para os trabalhadores do petróleo, foram outros fatôres que determinaram a convocação do conclave.

Tratando-se de um setor nôvo, que realiza pela primeira vez um encontro de âmbito nacional, é de se prever que nêle se procurará enfrentar um número demasiado de questões. Êsse é um problema não muito simples a ser encarado pela Convenção. E do desejo de muitos dirigentes sindicais, partindo do conhecimento que têm da realidade quanto ao desenvolvimento desigual das várias organizações dos trabalhadores do petróleo, não colocar muitas questões em debate a fim de evitar a dispersão, a discussão acadêmica, que daria pouco resultado. Silva o exemplo de outros congressos e conferências de trabalhadores que aprovaram documentos, aliás muito importantes e bem fundamentados, mas que, pela sua extensão e número de objetivos a alcançar, terminaram por ficar quase totalmente como letra morta, sem um programa concreto que não possibilitavam uma ação imediata e concreta, uma mobilização constante dos trabalhadores capaz de ajudá-los a elevar sua consciência política, na medida que travam a luta por suas reivindicações. Faz-se necessário levar em conta que o nível de organização já alcançado pelos trabalhadores de Cubatão, Manguinhos etc. merece ser estendido a outros locais. A unidade de cada sindicato ou associação, por outro lado, deve ser realmente apoiada nas sólidas bases da organização desde baixo.

Agora que a CIOSL e ORIT, agências do Departamento de Estado Norte-americano, procuram aplicar a linha divisionista da AFL-CIO em todo o Continente, e aceleram sua atividade em nosso país, contando para isso com o apoio oficial, todo o trabalho que oriente os operários para sua unidade corresponderá aos anseios manifestados pela classe operária brasileira nas dezenas de conferências estaduais realizadas em 1959 e no seu Congresso Nacional de 1960.

Aguardemos, pois, a realização da Convenção e que os trabalhos de sua preparação aumentem de intensidade por parte de todos os ativistas dos Estados de Sergipe, Alagoas, Maranhão, Pará, Amazonas, Bahia, São Paulo, Estado da Guanabara, etc, tendo em vista o maior êxito na assembléia de uma legislação específica para os trabalhadores do petróleo, foram outros fatôres que determinaram a convocação do conclave.

Tratando-se de um setor nôvo, que realiza pela primeira vez um encontro de âmbito nacional, é de se prever que nêle se procurará enfrentar um número demasiado de questões. Êsse é um problema não muito simples a ser encarado pela Convenção. E do desejo de muitos dirigentes sindicais, partindo do conhecimento que têm da realidade quanto ao desenvolvimento desigual das várias organizações dos trabalhadores do petróleo, não colocar muitas questões em debate a fim de evitar a dispersão, a discussão acadêmica, que daria pouco resultado. Silva o exemplo de outros congressos e conferências de trabalhadores que aprovaram documentos, aliás muito importantes e bem fundamentados, mas que, pela sua extensão e número de objetivos a alcançar, terminaram por ficar quase totalmente como letra morta, sem um programa concreto que não possibilitavam uma ação

PREFEITO APLAUDE REATAMENTO COM URSS

PALMARES, agôsto (Do Correspondente) — O prefeito Luis Portela de Carvalho, dêste município pernambucano, enviou telegrama de felicitações ao presidente Jânio Quadros pelas suas declarações referentes à política brasileira de defesa do direito de autodeterminação dos povos e pela determinação no Ministério do Exterior no sentido de promover a adoção de medidas necessárias para o restabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética.

Defende Teu Direito

B. Calheiros Bonfim

ACUMULAÇÃO DE EMPREGOS. Afirmou a Junta que o reclamante não cometeu falta, por não continuar trabalhando em outro emprêgo, que tem, durante o período em que estêve licenciado pela recorrente, por motivo de enfermidade. — Recurso de revista a que se nega provimento. Ao empregado prestando serviço a dois empregadores, com conhecimento de ambos, não se pode exigir que abandone o segundo emprêgo por ter sido licenciado do primeiro. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. RR 3.669/60). Relator Ministro Hildebrando Bisaglia, publicado em audiência de 19-4-61.

CONTRATO DE EXPERIENCIA. A decisão recorrida mandou pagar aviso prévio, por dispensa de empregado nos últimos dias de um contrato experimental de seis meses. — Agravo a que se nega provimento. No primeiro ano, reputado de experiência, a lei dispensa a indenização, mas não o aviso prévio. Contrato experimental de trabalho, com prazo determinado, que permite a dispensa do empregado, sem motivo, antes do têrmo, equipara-se, ocorrendo tal hipotese aos contratos de prazo indeterminado, nos quais é devido o aviso prévio. As convenções em contrário a essas normas de ordem pública são fulminadas pelo art. 9º da Consolidação. Ac. STF 2ª Turma (Ag. inst. 24.270), Rel. Ministro Victor Nunes, publicado em audiência de 10-5-61.

CONTRATO A TERMO. Nos contratos por obra certa, é lícito ao empregador a dispensa de operário à proporção em que se vai reduzindo a necessidade de serviço. Não é possível, em tais circunstâncias, a manutenção de todos os empregados especializados e serventes, quando a obra está em fase adiantada de acabamento e arremates finais. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. RR 4.182/60). Relator Ministro Delfim Moreira, publicado em audiência de 19-4-61.

DESCONTO SALARIAL. A decisão recorrida admitiu o desconto do salário diário por atrasos do empregado ao serviço. — Revista provida. O empregado que chega atrasado ao trabalho, mas presta serviços, não pode sofrer desconto salarial superior ao período de atraso. O desconto desproporcional ao tempo em que deixou de haver prestação de serviço, aplicado como uma penalidade, contraria o disposto no art. 462 da Consolidação das Leis do Trabalho. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. RR 3.842/60), Relator Ministro Tostes Malta, publicado em audiência de 19-4-61.

EQUIPARAÇÃO SALARIAL. O reclamante pediu a equiparação de seus salários aos de um colega empregado de outra emprêsa, pertencente ao mesmo grupo comercial. O Tribunal Regional, julgando procedente a reclamação, salientou que as três emprêsas em causa conjugaram os seus serviços, passando a explorá-los em comum, sendo inegável a existência de empregadora única. — Revista a que, nessa parte, se nega provimento. As emprêsas que se consorciaram para a exploração em comum de um negócio, valem para os empregados que aí trabalham, como uma só empregadora. Ac. TST, 2ª Turma (Proc. RR 3.740/60), Relator Ministro Délio Maranhão, julgado em 12-1-61.

GREVE. Não constitui justa causa para o despedimento do empregado a paralisação do serviço por motivo de impontualidade no pagamento do salários. No caso, a impontualidade ficou plenamente provada pelos pagamentos efetuados em audiência. E esse retardamento na satisfação de tal obrigação validou o procedimento dos empregados suspendendo o trabalho. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. RR 4.459/60), Relator Ministro Delfim Moreira, publicado em audiência de 19-4-61.

HORAS EXTRAS. O chefe de serviço, com elevado padrão salarial, não sujeito a horário de trabalho, não pode pretender pagamento de horas extraordinárias. Não é possível colocar tal empregado em plano idêntico aos demais servidores, obedientes à duração certa de trabalho diário. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. RR 3.632/60), Relator Ministro Hildebrando Bisaglia, julgado em 10-1-61.

BERLIM: AÇÃO DA RDA PARA ELIMINAR FOCO DE GUERRA!

«Se as fronteiras de Berlim Ocidental estiveram abertas até agora, foi com a esperança de que as potências ocidentais não menosprezassem a boa vontade do govêrno da República Democrática Alemã. Contudo, essas potências serviram-se da situação atual para a realização do seu trabalho de sabotagem, desprezando os interêsses do povo alemão e da população berlinense. Deve-se pôr côbro à situação anormal atual, por meio da vigilância e do contrôle reforçado na fronteira de Berlim Ocidental».

E foi exatamente para pôr um ponto final «à situação anormal» a que se refere o comunicado distribuído pelo govêrno da República Democrática Alemã (um trecho do qual assinalamos acima), que, na madrugada de domingo foram estabelecidos um contrôle eficaz e uma vigilância segura em tôrno das fronteiras de Berlim Ocidental. A decisão das autoridades da Alemanha democrática foi tomada depois de solicitação formulada pelos países representados no Pacto de Varsóvia, que em reunião realizada recentemente para discutir as questões internacionais, e principalmente o problema da regularização da situação alemã, constataram os graves perigos para a paz decorrentes da situação anormal criada em Berlim Ocidental pelos serviços de espionagem das potências ocidentais e pelas organizações nazistas e revanchistas da Alemanha de Bonn, cujos ativistas enviados à parte ocidental de Berlim vinham, ùltimamente, recrudescendo sua atividade de provocação e chantagem na Berlim democrática.

PERIGO DE GUERRA

A situação na Alemanha, como se sabe, vem dando margem a profundas preocupações. Diante da crescente militarização do Estado alemão do Ocidente, militarização essa que se faz paralelamente à exacerbação da propaganda de guerra e das ameaças contra outros Estados pacíficos da Europa, principalmente a RDA, a Polônia e a Tchecoslováquia, e da situação anormal existente ainda na Alemanha (16 anos depois de terminada a guerra ainda não se tratou da assinatura do Tratado de Paz com a nação vencida), a União Soviética reiterou firmemente as suas propostas visando à regulamentação definitiva da questão. Já foram amplamente divulgadas as proposições da URSS referentes à questão, tôdas baseadas nos acôrdos concertados pelas três grandes potências aliadas na guerra contra o nazismo, em Ialta e Potsdam.

Exatamente no período que se seguiu à solicitação soviética, e paralelamente ao clima de tensão e de guerra agitado no Ocidente, principalmente nos Estados Unidos, pelos círculos ainda interessados numa solução dos problemas internacionais pendentes através da utilização da fôrça, recrudesceu em Berlim Ocidental a atividade de corrupção e chantagem — como bem o afirma o govêrno da RDA em sua nota divulgada domingo, dia 13 — dos agentes a serviço de Adenauer e dos monopólios industriais alemães interessados em manter e agravar o perigo de guerra no mundo. A êsse recrudescimento das atividades e atos de provocação contra as autoridades legítimas da RDA e contra a população de Berlim Oriental, se seguiu uma intensa campanha de aliciamento entre as camadas menos esclarecidas da população da zona oriental da antiga capital alemã, tendo em vista principalmente prejudicar a economia da RDA e lançar, através dos órgãos de divulgação a serviço do imperialismo uma onda de calúnias e mentiras contra a RDA. Procurou-se também, durante êsse período, e com mais intensidade nos últimos dias de julho e os seguintes dias de agôsto, «agitar os ânimos» e, quem sabe, fabricar uma «revolta contra o domínio comunista em Berlim». Os jornais ocidentais, durante todo êsse período, publicaram seguidas informações «oficiais» e «oficiosas» sôbre pretenso descontentamento das massas populares na Alemanha Democrática e sôbre dificuldades de abastecimento que se verificavam naquela parte da Alemanha.

Estas manobras e os atos de provocação aumentaram consideràvelmente nos últimos dias, e de tal maneira que qualquer «passo em falso» poderia acarretar uma sucessão de acontecimentos de conseqüências imprevisíveis. Um jornal como **O Estado de São Paulo**, conhecido porta-voz dos pontos-de-vista do imperialismo, não escondia êsse fato em nota publicada em sua edição do dia 15 sôbre a «crise de Berlim.» Afirmava com tôdas as letras que «não se deve afastar a hipótese de que, mandando erguer uma fronteira impenetrável entre as duas Alemanhas e entre as duas partes de Berlim, Kruschiov (está claro que não foi êle, foram os países signatários do Pacto de Varsóvia que solicitaram ao govêrno da RDA — n. d/r.) procure impedir, fisicamente, o primeiro choque de onde poderia surgir a fagulha fatal».

No comunicado que divulgaram a respeito da situação, os países signatários do Pacto de Varsóvia responsabilizam as potências ocidentais e o govêrno de Bonn pela medida, alertando que a mesma visa apenas «proporcionar, nos limites de Berlim Ocidental, a instauração de uma ordem que ponha fim a tôda atividade subversiva contra os países do campo socialista».

TRATADO DE PAZ

A situação criada em Berlim por culpa exclusiva da política que vem sendo seguida pelos ocidentais na parte que ocupam da antiga capital alemã, revelam a necessidde premente de uma regulamentação definitiva do problma alemão, única maneira de reduzir a tensão internacional naquela parte da Europa e assegurar um passo importante no caminho da consolidação da paz mundial.

O «Daily Express» e o «Daily Herald», prestigiosos órgãos da imprensa britânica, comentando os acontecimentos de Berlim, ressaltam a necessidade de as potências ocidentais abandonarem o terreno da provocação e da histéria de guerra e enveredarem pelo caminho do entendimento. «O interêsse e o bom-senso demonstram que chegou a hora de negociar» — afirma o «Daily Express».

A situação criada em Berlim, no quadro atual da conjuntura internacional, só poderá ser solucionada dentro do contexto de uma regulamentação geral do problema alemão. As potências ocidentais e os governantes reacionários e militaristas de Bonn, entre êles o falso social-democrata Willy Brandt, prefeito ilegal de Berlim Ocidental e um dos campeões da guerra fria, foram longe demais em suas provocações contra o legítimo govêrno da República Democrática Alemã.

A decisão agora tomada por êsse govêrno, instaurando um sistema de contrôle nas fronteiras, direito inerente a qualquer Estado soberano, tem em vista fundamentalmente liquidar uma situação anormal e abrir caminho para que novas formas regulem as suas relações com as potências ocidentais.

Os acontecimentos que agora se verificam na antiga capital alemã, indicam também que o «status quo» existente é prejudicial à própria população de Berlim Ocidental, vítima da política sem escrúpulos das potências que ocupam essa parte do território alemão.

TAUBATÉ: SELVAGERIA DA POLÍCIA PAULISTA

Os montes de cadáveres que continuam sendo retirados dos escombros do presídio de Taubaté são uma acusação irrespondível contra o desumano regime de violências, perseguições e castigos a que o govêrno do sr. Carvalho Pinto submete os prisioneiros. O levante dos presos já era previsto: não podiam êles continuar suportando por mais tempo o arbítrio e maus tratos dos esbirros policiais. O próprio médico da Colônia Correcional, dr. João Dias de Abreu, em declarações feitas à imprensa, afirmou que "as condições de vida e tratamento não eram aconselháveis, sendo o levante uma questão apenas de tempo". Verificando-se o protesto inevitável, abateu-se sôbre os presos inermes a fúria selvagem dos policiais, metralhando a sangue frio, numa incessante fuzilaria.

Em menos de um mês, êste é, aliás, o segundo motim que se verifica nos presídios de São Paulo, sendo uma só a causa: o bárbaro tratamento impôsto aos presidiários. "Tratamento idêntico, aliás, dá a polícia paulista aos presos e detentos, em geral, segundo insistentes denúncias veiculadas pela imprensa.

Por suas proporções, êste último caso, que custou a vida a mais de 40 brasileiros, chama a atenção para o que há de atrasado e desumano não só nos métodos da polícia do sr. Carvalho Pinto, em São Paulo, mas em todo o sistema penitenciário vigente no país.

ELEIÇÕES NO CLUBE DE ENGENHARIA

No próximo dia 24 serão realizadas as eleições para a Diretoria e renovação de um têrço do Conselhò Diretor do Clube de Engenharia. Ao pleito concorre chapa única encabeçada pelo eng. Hélio de Almeida, compondo-a ainda nomes expressivos como Rufino de Almeida Pizarro, Antônio Alves de Noronha e Álvaro Cesar Café.

Os engenheiros Hélio de Almeida e Antônio Alves de Noronha estiveram há algum tempo na URSS tendo feito, juntamente com o prof. Maurício Joppert, uma série de conferências sôbre a viagem.

Para o Conselho Diretor, entre os 20 nomes da chapa figuram os dos engenheiros Plínio Cantanhede e Luiz Hildberando Horta Barbosa.

O programa apresentado pelos componentes da chapa e, inegavelmente, o mais avançado entre os que até o momento surgiram no Clube, destacando-se além da defesa da profissão de engenheiro, a sua participação na vida política nacional, nos movimentos progressistas e patrióticos.

É esperada uma grande afluência de engenheiros às eleições do dia 24 por merecer, a chapa em questão, as simpatias da maioria esmagadora dos associados do Clube.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Um repórter e um fotógrafo de "Última Hora" conseguiram falar ao sr. Jânio Quadros em seu refúgio de Bertioga, em Santos. O presidente da República, descrito na reportagem como bem disposto e expansivo, abordou assuntos importantes, sem peias na língua. Não conhecia os resultados oficiais da Conferência de Punta del Este, mas advertia: "Palavras não bastam. É preciso a prática, e imediatamente".

* * *

Segundo afirmou ao jornalista, o sr. Jânio Quadros instruiu a delegação brasileira a fim de que em Montevidéu tomasse a defesa dos interêsses brasileiros e dos demais países latino-americanos. O que se sabe, porém, é que êsses delegados arvoraram-se em mediadores entre o lôbo norte-americano e os cordeiros latino-americanos reunidos no Uruguai.

* * *

Contudo, o sol é quente e a natureza é bela, na praia fronteira à ilha santista, o que predispõe à eloqüência. Risonho e corado, o sr. Jânio Quadros deixou de parte a reunião de Punta del Este, passando a se manifestar sôbre a questão da terra. "Êste Brasil de grandes latifúndios — disse êle — abusando de humildes trabalhadores do campo, precisa acabar. Os latifúndios terão o seu fim. A terra é para produzir e distribuir seus frutos a todos". A figura do primeiro-magistrado é descrita na reportagem. O sr. Jânio Quadros marcha animadamente através da areia marron da praia paulista, fazendo largos gestos enquanto falava. E assim, no passeio higiênico, dizia: "A reforma agrária no Brasil é urgentíssima".

* * *

Gregos e troianos têm acusado o sr. Jânio Quadros de muita coisa. Ninguém no entanto, até agora, descobriu em Sua Excelência, qualidades mediúnicas, que segundo o espiritismo fazem com que, um organismo humano (a matéria, como diria o deputado Vergal) passe mecânicamente a atuar segundo influência do espírito de um morto. Assim, o "medium", simples aparêlho, pode com freqüência, assumir atitudes contraditórias e multiformes.

* * *

Na verdade, atuado por um espírito de luz na fulgurante praia da Bertioga, o sr. Jânio Quadros afirmou coisas perfeitamente sensatas sôbre Punta del Este (estamos no ciclo dos balneários) e o latifúndio. Entretanto, o mesmo repórter que ouviu do sr. Jânio Quadros palavras tão bonitas, observou que o presidente "não fêz qualquer referência ao grave problema do aumento do custo da vida, cuja vertiginosa ascenção está fazendo cair sôbre os ombros do povo e só do povo, o terrível prêço da verdade Cambial. De certo, Punta del Este e o latifúndio muito têm a ver com o problema econômico do Brasil, que origina a carestia e em seu animado passeio o sr. Jânio Quadros fêz mal em esquecer a vertiginosa corrida do custo da vida. A carestia é um dos calcanhares de Aquiles de seu govêrno, que são mais de dois e certamente menos de quatro.

Até «O Globo» Confessa: Escravidão em Angola

O odioso regime colonial português, em desmoronamento final, tem encontrado num dos mais reacionários órgãos da imprensa brasileira — "O Globo" — um conseqüente defensor de seus interêsses. No ano passado, um dos redatores daquele jornal foi premiado por Salazar por haver escrito uma série de reportagens enaltecendo o fascismo português. Êsse mesmo repórter de "O Globo" manda neste momento reportagens sôbre as colônias portuguêsas na África. Apesar de pago para isso, e ao lado dos maiores elogios ao sistema colonial salazarista, o repórter é obrigado a confirmar que o habitante de Angola, por exemplo, é vitimado em massa pela tuberculose e a sífilis, o impaludismo e a doença-do-sono. A vida em Angola, como a descreve o repórter de "O Globo", é insuportável. O regime de escravidão no trabalho leva à fuga em massa das populações angolanas, que se dirigem às Rodésias do Norte e do Sul, preferindo o trabalho nas minas inglêsas, embora aí também o trabalho seja duro. Mas, tudo justifica "O Globo", como órgão semioficial da colônia portuguêsa salazarista no Rio. E assim o faz, com o maior cinismo: "O negro tem liberdade de movimentos, liberdade de ir e vir. Apenas, o govêrno, na sua missão tutelar, exerce uma vigilância protetora a fim de que não se escravize ou se explore, em têrmos não-cristãos, o trabalho humano".

Aí está a verdade: escravizar-se em têrmos cristãos — é admissível, e é o que faz Salazar, com os elogios bem pagos de "O Globo".

Quanto ao mais, o fato é que há poucos dias o mesmo "O Globo" divulgava que ùltimamente 100 mil nativos angolanos fugiram para além-fronteiras.

E se outros argumentos não bastassem, aí está a luta armada do povo angolano por sua libertação, luta que o regime fascista e sangrento de Salazar não consegue deter nem impedir que conduza à libertação das colônias africanas durante séculos exploradas e ignominiosamente oprimidas pelos banqueiros e comerciantes portuguêses.

Comissões Pró-Registro ao PCB Serão Formadas em Todo o País

Teve a maior repercussão, em todo país, o lançamento do Manifesto, assinado por Luiz Carlos Prestes, anunciando o próximo pedido de registro do Partido Comunista Brasileiro, cujos projetos de Programa e Estatutos foram também publicados. A edição de NOVOS RUMOS que divulgou êsses documentos esgotou-se em pouco tempo, sendo enorme o número de pessoas que, durante êsses dias, têm procurado a nossa Redação, inclusive oferecendo-se já para assinar as listas de eleitores.

A solicitação do registro do PCB ao Superior Tribunal Eleitoral será precedida de uma intensa campanha de esclarecimento popular e coleta de assinaturas em todos os Estados. Em alguns Estados já estão para ser instaladas as Comissões Pró-Registro do Partido Comunista Prasileiro, constituídas com o apoio e a participação de parlamentares dos vários partidos, líderes sindicais e estudantis, vereadores, intelectuais e personalidades de outros círculos. Comissões semelhantes funcionarão nos municípios e bairros, não só organizando a coleta das assinaturas de eleitores (comunistas e não comunistas), como obtendo manifestações individuais de personalidades (governadores, parlamentares, líderes populares, etc.) ou manifestações coletivas de diferentes organizações.

As Comissões Pró-Registro do PC Brasileiro, que estão se constituindo da maneira mais ampla, reunindo em seu seio pessoas filiadas a diversos partidos e correntes políticas, deverão promover palestras, conferências e comícios, assim como confeccionar e distribuir, em grandes quantidades, folhetos e volantes explicando às massas que o registro do PCB será uma conquista não só dos comunistas, mas de todos os patriotas e democratas, de todos os trabalhadores, que desejam que o Partido Comunista Brasileiro possa participar livremente nos pleitos eleitorais.

INSTRUÇÕES PARA A COLETA DE ASSINATURAS

1 — Na parte de cima da lista deverão ser preenchidos nos claros o nome do Estado ou D. Federal, da zona e do juízo eleitoral.

2 — O eleitor deve em primeiro lugar, escrever o seu nome de forma bem legível (abaixo da indicação — *nome do eleitor*); em seguida, na mesma linha fazer a sua assinatura, conforme assinou o título eleitoral (abaixo da indicação — *assinatura do eleitor*); em seguida, na mesma linha fazer a sua assinatura, conforme assinou o título eleitoral (abaixo da indicação — *assinatura do eleitor*); número do seu título eleitoral.

3 — As assinaturas para a obtenção do registro eleitoral devem ser conseguidas em *duas* vias, isto é para que fique em poder das Comissões uma cópia das assinaturas conseguidas, o que será de grande utilidade para o caso de extravio de qualquer lista. Por isso deve o coletor solicitar que o eleitor assine em *duas* vias.

4 — Nas cidades onde existir mais de uma zona eleitoral, cada coletor de assinaturas deve andar com tantas listas (a primeira e a segunda via) quantas sejam as zonas eleitorais a fim de que cada eleitor só assine na lista da sua zona. Será extremamente prejudicial se o eleitor assinar em lista que não corresponder exatamente à de sua zona. Sendo assim, é necessário que, antes do eleitor dar sua assinatura, o coletor verifique o seu título eleitoral.

5 — Nenhum eleitor deve assinar em duplicata, isto é, em mais de uma lista (com a sua segunda via).

6 — Após preenchidas as listas é indispensável que se obtenha o certificado do escrivão eleitoral de que são verdadeiras as assinaturas. As listas devem ser levadas ao Cartório (pelos responsáveis da coleta em cada zona) e o escrivão deverá dar um recibo e terá um prazo de 48 horas para lavrar o atestado (§ 2.º do art. 133 do Código Eleitoral).

7 — A medida em que foram sendo preenchidas as listas elas devem ser remetidas à Comissão Central, sem qualquer delonga.

João Mangabeira: «Comunistas Verão Atendido o Pedido de Registro do PCB»

"Os comunistas verão atendido o seu direito de se organizarem legalmente em partido político, por que se se apresentam com Programa e Estatutos que não colidem com a Constituição e satisfazem as exigências legais; restará apenas ao Tribunal Superior Eleitoral o atendimento à solicitação que fazem do registro do Partido Comunista Brasileiro, ou qualquer outro nome que tenha" — declarou a NOVOS RUMOS o dr. João Mangabeira, presidente do Partido Socialista Brasileiro, ex-parlamentar em mais de uma legislatura e eminente jurista. E aduziu: "Até mesmo porque sòmente pela existência legal do Partido Comunista se poderá saber exatamente sua fôrça. E isso é essencial à democracia, que todos proclamam ser o nosso regime e declaram defender."

SEMPRE FOI A FAVOR

"Sempre fui a favor da existência legal de um Partido Comunista — prosseguiu o nosso ilustre entrevistado — e na Câmara, como deputado, critiquei o acórdão que cancelou o registro do antigo Partido Comunista do Brasil. Na imprensa, várias vêzes, manifestei-me da mesma forma. O meu partido, o Partido Socialista Brasileiro, da mesma maneira sempre se pronunciou. Combati na Câmara, juntamente com a bancada socialista, a resolução que cassava o mandato aos deputados comunistas. Trata-se de um acórdão proferido por três votos contra dois. Mas a verdade constitucional e a sabedoria política estão expressas no voto vencido do ministro Sá Filho. Um acórdão, porém, desfaz-se por outro acórdão. Além disto, mudaram-se as condições políticas e sociais com o perpassar dos anos sôbre aquele acórdão que, na realidade, nunca logrou eficácia."

INEXISTÊNCIA ARTIFICIAL

"É que de fato — continuou o dr. João Mangabeira — o Partido Comunista, apesar daquele acórdão precário, continuou a existir no Brasil, e existe como agremiação política organizada e disciplinada. Quanto a êstes característicos talvez nenhum dos outros partidos possa com êle competir. Nenhum deles tem a rígida disciplina do Partido Comunista. Além disto, proibido de existir legalmente por inconsistente acórdão, ficou o Partido proibido evidentemente de apresentar candidatos sob legenda própria. Entretanto, como tinha um eleitorado que lhe obedecia a direção, nos pleitos eleitorais vários dos outros partidos pactuavam alianças com êle e, por sua vez, êle lhes introduzia, na lista dos candidatos, elementos comunistas. Tinha assim o Partido Comunista representantes seus, embora eleitos sob legendas alheias. Com isso mantinha o Partido Comunista a sua disciplina, mas introduzia por êsse processo elementos de dissolução nos partidos alheios. E é preciso confessar, porém, que não podia nem devia agir de outra maneira, porque assim o obrigava o acórdão inócuo. "É preciso acabar com esta comédia" — disse o dr. João Mangabeira. E concluiu: "O Partido Comunista tem vida. E o acórdão não passa de uma ficção".

Deputado Jorge Nicolau (São Paulo): PCB Deve Ser Registrado

«Certo de exprimir o pensamento democrático e progressista de São Paulo, dirijo-me ao Govêrno da República com um apêlo para que seja assegurada a legalidade do Partido Comunista» — declarou na tribuna da Assembléia Estadual de São Paulo o deputado Jorge Nicolau, comentando o Manifesto em que Luiz Carlos Psestes anuncia o pedido de registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro.

Eis o texto do discurso pronunciado pelo sr. Jorge Nicolau:

«Sr. Presidente, Srs. deputados: Acabamos de ler o manifesto que o ex-senador da República, Sr. Luiz Carlos Prestes, acaba de dirigir às autoridades e ao povo brasileiro, reivindicando a legalidade do Partido Comunista Brasileiro. Trata-se de uma iniciativa, srs. deputados, que a nosso ver, merece receber todo acatamento. Não podemos compreender, até agora, as razões por que êste partido ainda continua sem existência legal. Os comunistas são brasileiros iguais aos que se vangloriam de o ser. São patriotas, cidadãos com responsabilidades e direitos constitucionais como nós outros. Por que, então, não podem ter o seu partido devidamente liberto, legal e atuando como os demais partidos? Vivemos numa democracia e uma das suas exigências é de que todos são iguais perante a lei. Os direitos à reunião, à livre manifestação do pensamento através da palavra escrita ou falada, assim como o de organizar-se em partido político são prerrogativas inalienáveis a todos. A Constituição da República garante a pluralidade de partidos e nenhum cidadão poderá sofrer qualquer coação por manifestar esta ou aquela ideologia. Além do mais os comunistas têm participado, durante todos êsses anos, desde que foi cassado o registro de sua organização partidária, de todos os movimentos políticos e eleitorais em nosso país. Dirigentes políticos e partidários têm aparecido nas praças públicas, ombro a ombro com os comunistas, defendendo causas as mais justas e de amplo interêsse da Nação, sem que tenha havido qualquer preconceito que os divida. O sr. Jânio Quadros, por exemplo, quando do governador de São Paulo, em diversas campanhas eleitorais, principalmente quando apoiou a candidatura do sr. Prestes Maia a Prefeito da Capital, não teve dúvidas nem constrangimentos em ter a seu lado, no mesmo palanque, os oradores do Partido Comunista.

Não vemos, por conseguinte, razões para que o Partido Comunista continue na ilegalidade. Mesmo porque, na maioria dos países que participam da Organização das Nações Unidas, o Partido Comunista vive legalmente e coopera para que o progresso e a paz não sejam sofreados. Certo de representar o pensamento da comunidade democrática e progresista de São Paulo, enviamos ao Govêrno da República nosso apêlo para que, influindo sôbre a reconsideração do ato que ilegalizou o Partido Comunista do Brasil, contribua para que o PCB venha a formar entre os partidos políticos, na plena e livre ação dos seus atos e programas.»

Deputados da Paraíba Pedem a Legalidade Para o PCP

JOÃO PESSOA — (De João Manoel de Carvalho, especial para NOVOS RUMOS) — Deputados paraibanos pronunciaram-se plenamente favoráveis ao registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro. A opinião de parlamentares de tôdas as bancadas é de que a ilegalidade do Partido Comunista é "um atentado à vigência e ao aperfeiçoamento do regime democrático».

O sr. Clóvis Bezerra, da UDN, acha que a legalidade é necessária, "mesmo porque os comunistas participam e atuam na vida política brasileira".

O sr. Luiz Ribeiro Coutinho, também da UDN, declarou: "Por ser um democrata convicto, sou inteiramente favorável à legalidade do Partido Comunista Brasileiro."

O sr. Severino Ismael, do PTN, acha que "a legalidade é a melhor forma de conhecer a atividade política real dos comunistas na vida da nação".

NECESSIDADE INADIÁVEL

Para o sr. Joacil Pereira, da UDN, a legalidade do PCB é "uma necessidade inadiável". Acha o representante udenista que "no regime democrático tôdas as idéias devem ter curso livre", adiantando que "a cassação do mandato dos parlamentares comunista foi um crime inominável contra a realidade do regime democrático vigente".

O sr. Seraphico da Nóbrega, da UDN, declarou-se "um revoltado" contra a cassação do mandato dos parlamentares comunistas. E adianta: "Sou inteiramente favorável à legalidade do Partido Comunista Brasileiro."

O sr. Francisco Souto, presidente da Frente Nacionalista da Paraíba, afirma que "não se concebe num regime democrático o cerceamento das liberdades de pensamento e de ideologia". E diz: "Os comunistas representam ponderável fôrça dinâmica na realidade política brasileira pelo que devem ter o seu Partido legal e as suas atividades acobertadas pela lei".

CRIME CONTRA A DEMOCRACIA

O sr. Mário Silveira, do PSD, entende que o Partido Comunista fora da lei «é crime inominável contra a democracia". E adianta: "O Partido Comunista é um organismo de vanguarda da classe operária e deve ter a sua atuação aprovada pela legislação eleitoral brasileira. Não se pode conceber que se mantenha fora da lei um Partido que tantas aspirações e reivindicações populares defende na sua programática."

O sr. Dirceu Arnaud, do PSD, é plenamente favorável à legalidade do PCB porque acha que "todos os partidos devem ter existência legal, sejam quais forem as tendências ideológicas que representem".

O sr. José Braz do Rêgo, do PTB, pronunciou-se inteiramente a favor da legalidade do Partido Comunista Brasileiro.

— "Acho que o PCB deve ter registro eleitoral como qualquer outro partido porque representa uma fôrça ponderável e atuando na vida política brasileira".

Por outro lado, segundo se sabe, o deputado Mário Silveira proporá, ainda esta semana na Assembléia Estadual, o envio de uma mensagem pedindo ao Congresso ao Poder Judiciário e ao presidente da República o registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro.

26 DE JULHO EM BELÉM: "MORTE AO INVASOR!"

BELÉM, agôsto (Do correspondente) — O 26 de Julho, data que marca o início da revolução cubana, foi comemorado amplamente neste Estado. Em diversos bairros de Belém houve, à tarde, reuniões, em que se realizaram palestras alusivas à data e foram distribuídos exemplares do manifesto da Comissão Brasileira de Solidariedade a Cuba. Na Assembléia Legislativa o deputado Cléo Bernardo pronunciou veemente discurso fazendo o histórico da revolução e acentuando as realizações do govêrno de Fidel Castro. Vários outros deputados saudaram o 26 de Julho.

Às 18,30 horas, no Cine Palácio — a mais moderna casa de espetáculos da cidade — foi exibido o filme "Morte ao Invasor", em que se retrata a criminosa agressão do imperialismo norte-americano a Cuba.

Através de uma emissora, às 21,30 horas, o deputado Cléo Bernardo voltou a saudar a revolução cubana, finalizando o seu discurso com a leitura do manifesto da Comissão Brasileira de Solidariedade a Cuba, da qual é o representante no Pará.

Teoria e Prática

Apolônio de Carvalho

"Como encarar, hoje, o problema do "acaso"?

PERGUNTA DO LEITOR MANUEL BERNADO, DO ESTADO DA GUANABADA)

O marxismo ensina que o mundo é matéria e movimento. Esse movimento assume formas progressivas, sempre mais complexas, que marcam as etapas de evolução da matéria: a forma mecânica, a forma física, a química, a biológica, a social. Através de tôdas elas, êle tem, entretanto, duas manifestações fundamentais: a de transformação e desenvolvimento, através das contradições internas; e a de ação recíproca permanente, de ligação e condicionamento mútuo entre as coisas e os fenômenos. Nada é imutável e nada está isolado: tudo se transforma; e cada coisa, cada ser, sofre e exerce, a cada momento, um mundo de influências e de pressões, no ambiente que o cerca. A fonte interna do movimento, dentro de cada processo; e a ligação estreita entre os vários processos que coexistem — e que se completam, e sucedem, se estimulam ou colidem entre si — explicam, assim, a variedade infinita e a transformação incessante das coisas e dos fenômenos.

As noções de necessidade e casualidade refletem essas duas manifestações essenciais do movimento da matéria. Tudo tem uma origem, uma causa material: provêm das fôrças internas da matéria e da ação recíproca dos processos em curso; e surge como exigência de condições próprias, materiais, acumuladas objetivamente. Assim surgiu a vida, pela mão das mudanças ocorridas nas condições físicas de nosso planéta; assim surgiram o homem e a sociedade, com a evolução do meio terrestre e do mundo animal; assim surgirá o comunismo, dentro de 20 anos, já nas novas condições preparadas pela ação planificada e consciente dos povos sivéticos. Como se vê, nada surge arbitrariamente. A necessidade exprime êsse caráter material e objetivo — de causa e efeito — que marca o incessante movimento da matéria, na natureza e na sociedade. O crescimento ininterrupto do sistema socialista é, hoje, um fenômeno necessário, e objetivamente inevitável; como o são a coexistência pacífica entre os sistemas capitalista e socialista e o desmoronamento definitivo do sistema colonial; e como o será, em breve, a proscrição definitiva das guerras, na vida da sociedade. Estão criadas e amadurecem as condições para isso. Dentro de cada país capitalista, também estão maduras as condições materiais que põem na ordem-do-dia, com a fôrça de leis novas de uma época nova, o crescimento da classe operária, o agucamento da luta de classes, o desenvolvimento dos partidos comunistas, a união das massas trabalhadoras na luta pela emancipação nacional e social, o avanço para o socialismo.

Assim, cada fenômeno surge à base de condições adequadas e de leis a que elas abrem caminho. Essas condições, porém, não nascem feitas, nem amadurecem da noite para o dia. Abrem-passo através de revelações isoladas, aparentemente casuais; só depois se generalizam, tomam a forma de leis. O "acaso" revela, assim, a forma de manifestação do que é necessário, provém de processos internos essenciais e está amadurecendo. Produto da divisão social do trabalho, a troca apareceu, como ato fortuito, antes de generalizar-se à base das leis da economia mercantil. Fruto da adaptação ao meio, as variações individuais surgem como sintomas meramente casuais, antes de constituir, a base de novos grupos ou espécies. Assim, necessidade e casualidade formam uma unidade dialética, transformam-se uma na outra.

O "acaso" tem, também, outra origem: pode provir de processos que cercam e influenciam um fenômeno dado. Engels cita, entre as "casualidades negativas", a presença de tropas alemãs em tôrno de Paris, em 1871, no momento da Comuna. Em nossa história, a guerra entre a Holanda e a Inglaterra, na 1ª metade do século XVII, foi uma "casualidade positiva" em nossa resistência aos Holandeses. No processo do desenvouvimento capitalista, em nosso país, a 1ª guerra mundial constituiu, também, uma "casualidade positiva", aliviando, momentâneamente, a pressão dos imperialistas europeus; como fôra antes uma "casualidade negativa", para êsse mesmo desenvolvimento, o fato de que os monopólios estrangeiros iniciassem seu avanço através do monopólio no momento de nosso despertar industrial e da abolição da escravatura. Não obstante, umas e outras provinham de processos reais, sob a ação de leis próprias do sistema capitalista, em suas diferentes fases de evolução.

Se nos limitamos ao terreno social, vemos que, hoje êsse aspecto da casualidade tende a tomar uma feição. Os processos internos e a luta de classes continuam a ter o papel decisivo na vida de cada sociedade, em seu presente e em seu futuro. Continuam a sofrer, também, a influência do mundo que os cerca. Êsse mundo, porém, está mudando de face. Vivemos a época da transição ao socialismo, em que o sistema socialista é o fator decisivo do desenvolvimento da sociedade, em que predominam as fôrças de democracia e de paz. Nessas condições novas, os processos externos e suas incidências sôbre o desenvolvimento de cada país tendem a assumir, sempre mais, a forma de "casualidade positivas". Elas exprimirão, em forma crescente, a influência, o poderio, a solidariedade socialista, proletária, democrática, às lutas de cada povo e à marcha de sua revolução

Frondizi Serve a Stroessner: Justiça Argentina Condena Patriotas Paraguaios

O govêrno argentino, mancomunado com o ditador Stroessner, vem praticando uma série de arbitrariedades contra patriotas paraguaios e democratas asilados naquele país. Prisões ilegais e condenações injustas têm sido aplicadas ultimamente pelos tribunais, principalmente contra aquêles reconhecidos como os mais conscientes lutadores pela restauração da democracia no Paraguai e pela independência econômica do país.

Recentemente, utilizando como pretexto uma pretensa participação na fabricação ilegal de armas que seriam destinadas aos guerrilheiros que lutam contra os esbirros que dominam a terra guarani, os tribunais argentinos condenaram a três anos de prisão o coronel Zaldivar Villagra, herói da guerra do Chaco e presidente do govêrno Revolucionário de Concepcion, instaurado durante a revolução democrática de 1947 contra a tirania de Morinigo. Juntamente com êle foi condenado também o patriota Servio Martinez, integrante da FULNA (Frente Unida de Libertação Nacional), do qual Villagra é presidente.

Os dois heróicos lutadores pela libertação e a democracia da terra paraguaia, foram submetidos a processo pelos tribunais argentinos, à base de informações e inquéritos fornecidos pelo Serviço de Informações do Estado (SIDE), acusados de violar a chamada Lei Federal de Emergência para repressão ao terrorismo. Tal lei, qualificada em todos os setores como gravíssima ameaça para as liberdades públicas, estabelece um regime penal de exceção, sumamente rigoroso e com excassas garantias de defesa; suprime o benefício da liberdade condicional mesmo para pessoas sem antecedentes, e deixa ao arbítrio de alguns juízes «políticos» a possibilidade de sua utilização para subjugar e silenciar os adversários dos poderosos.

No caso de Villagra e de Martinez, a arbitrária qualificação de «terroristas» que lhes é aplicada, a êles que nada fizeram para pôr em perigo as instituições ou a segurança da República Argentina, implica numa flagrante violação de um dos mais caros direitos dos latino-americanos: o direito de asilo.

PROCESSO FARSA

O processo que condenou os dois patriotas se constituiu numa verdadeira farsa. Apesar de tôdas as dificuldades impostas à defesa durante a instrução, Villagra e Martinez provaram exaustivamente que eram inocentes do crime que lhes era imputado e, mais ainda, que nada haviam feito no sentido de perturbar a vida interna da nação argentina. O próprio juiz Insauralde, ao pronunciar a sua sentença, confessou que as hipotéticas armas que estavam sendo fabricadas por conta de Villagra seriam destinadas ao Paraguai, onde serviriam àqueles que lutam para derrubar Stroessner. Apesar disso, entretanto, de reconhecer que as mesmas não seriam destinadas a terroristas na Argentina condenou Villagra a três anos de prisão. Aplicou, portanto, uma lei argentina para favorecer o homem que é responsável pelo assassinato de milhares de patriotas paraguaios, que há anos mantém o sacrificado país e o seu povo sob o jugo da mais brutal tirania.

DENÚNCIA

O processo contra os dois líderes do movimento de libertação do povo paraguaio, vem pôr a nu a política apoiada pelo govêrno de Frondizi e pelos generais reacionários e fascistas que hoje comandam na Argentina em relação aos exilados paraguaios. Centenas dêles têm sido vítimas das mais brutais e arbitrárias perseguições. Em Posadas, por exemplo, foram aprisionados recentemente 7 patriotas paraguaios, tendo se verificado também prisões na provincia de Corrientes. Denúncias de torturas que estavam sendo aplicadas nas prisões argentinas contra exilados paraguaios foram apresentadas no Parlamento daquele país, pela Comissão de deputados encarregada de investigar o regime de torturas nas prisões do país.

Na Câmara, o deputado radical Rosenkrantz apresentou um pedido de informações ao govêrno relacionado com a existência de um acôrdo secreto entre Frondizi e Stroessner, pelo qual o govêrno paraguaio utilizaria oficiais e outros elementos argentinos para efetuar a repressão ao movimento patriótico de libertação do povo paraguaio. Em sua denúncia, o deputado acentuou o interesse que tem a oligarquia argentina em manter o Paraguai numa situação de atraso e miséria e que, para isso, necessita manter o país sob um regime ditatorial, com Stroesner ou qualquer outro.

SOLIDARIEDADE

A prisão de Villagra e Martinez repercutiu profundamente em todos os setores da vida argentina, verificando-se já um amplo movimento popular no sentido de obter a libertação dos mesmos. ePtições e abaixo-assinados em grande número têm sido enviados às autoridades federais e judiciárias, assim como numerosas manifestações pela liberdade dos dois patriotas já foram realizadas.

O movimento de solidariedade, por outro lado, está se estendendo a outros países latino-americanos, de onde têm partido numerosas petições e moções solicitando a liberdade de Villagra e Martinez.

Do Brasil, onde o povo acompanha com simpatia e solidariedade a luta do povo irmão do Paraguai pela sua libertação e pela derrocada do tirano Stroessner, também estão sendo enviadas moções e apelos às autoridades argentinas no sentido de providenciar a imediata libertação dos dois líderes.

NOVOS RUMOS, se associando às manifestações e aos apelos de todos os povos da América Latina pela liberdade de Villagra e Martinez, conclama os patriotas brasileiros, as organizações populares e democráticas a intervir com a sua manifestação nessa campanha pela liberdade dos dois grandes patriotas paraguaios.

Os abaixo-assinados, petições e moções poderão ser enviados para a Embaixada da Argentina no Brasil e para os seguintes endereços, naquele país: Dr. Hermán Juarez Peñalva, Santa Fé 3886, Capital Federal; Dr. Ambrósio Romero Carranza Uruguai 1064, Capital Federal; Dr. Henrique Ramos Mejia, Tucumán 1428, Capital Federal, e Tribunal de Apelación, Talcahuano e Tucumán, Capital Federal.

ESTUDOS SOCIAIS

Depois de um longo período de ausência, volta às bancas de jornais a Revista ESTUDOS SOCIAIS, agora em seu número 10. As razões que levaram a Revista a desaparecer por todo êste tempo são explicadas francamente em seu breve editorial.

Êste número apresenta artigos sôbre literatura, economia, política, filosofia e história: Rui de Pina — «O ofício de escritor»; Zdenek Hampejs — «Passado e presente da literatura tcheca»; Hugo Regis dos Reis — «Exportação de minério de ferro»; Armando Alcântara — «Problemas do planejamento da Economia baiana»; Almir Matos — «Cuba: o encontro de duas correntes revolucionárias»; Adam Schaff — «Existencialismo e marxismo»; L. Borges — «A biblioteca do padre João Ribeiro»; Miguel Costa Filho — «Quilombos» (parte final); e a seção de crítica de livros.

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves
Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnio
Redator Chefe
Fragmon Borges
Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 17º andar S/1717 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO Rua 15 de Novembro 228, 8º andar — S/827 Tel: 37-5166
Endereço Telegráfico: «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
ASSINATURA AÉREA:

Anual	Cr$ 1 800,00
Semestral	Cr$ 900,00
Trimestral	Cr$ 500,00
Número avulso	» 10,00
Número atrasado	» 16,00
Anual	Cr$ 500,00
Semestral	» 250,00
Trimestral	» 130,00

RÁDIO DE MOSCOU
TRANSMISSÕES PARA O BRASIL

Ondas:	Freqüências:
25 metros	11.87 megaciclos 11.92 "
31 metros	9.47 megaciclos 9.78 " 9.98 " 11.75 " 11.79 "
41 metros	7.215 megaciclos 7.37 "

Diàriamente, das 10 às 21 horas.

NR ROMANCE

Iuri Gagárin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ
Ilustrações de MAX

86

Conhecíamos um mundo novo e interessante de serviço militar. Amávamo-nos uns aos outros, alegravamo-nos com os êxitos dos camaradas e coletivamente partilhávamos tudo o que fazíamos. Os aviadores mais adiantados, mais experientes, voavam em qualquer intempérie. A esquadrilha os enviava para interceptar objetivos aéreos em zonas que se encontravam em longas trajetórias; travavam combates simulados; treinavam ataques. O comandante de nosso grupo tinha fama de ser um dos melhores interceptadores. Êle voava em quaisquer condições de tempo. Certa vez, quando eu estava de guarda no aeródromo e Vassiliev se encontrava voando, surgiu inesperadamente sôbre o mar uma neblina espêssa. Os montes que circundavam o aeródromo, com seus bosques de cedro, foram envolvidos por trevas densas. Parecia impossível uma aterrissagem. Todos os comandantes de esquadrilhas e suas equipes saíram para o aeródromo e, atravessando a névoa, vieram precisamente para o meio da pista de aterrissagem. Todos tinham o coração em sobressalto.

Dirigi-me ao comandante. Êle achava que não aconteceria nada, mas disse:

— E' necessário um cálculo de navegação preciso e ter confiança nos instrumentos... E, naturalmente, ter segurança não só no aparelho como nos próprios nervos. Num caso, tens que ser rei e deus — aviador, piloto e atirador — três pessoas numa só...

Esse vôo de Vassiliev foi para nós jovens aviadores, uma brilhante lição de que não se perde a destreza em quaisquer circunstâncias. E passamos a respeitar mais ainda o comandante do grupo.

Aproveitamos o fim do inverno para a preparação teórica e repetimos mais uma vez a parte material. A seguir, prestamos exames para vôos aéreos nas condições do Artico. As particularidades, realmente, eram muitas e o dever de cada um era

90

conhecê-las bem. Haviam-nos enviado novos livros, mas, por enquanto, suas páginas permaneciam intactas.

Começamos a voar no fim de março, quando todos já sentíamos o hálito da primavera e as longas noites polares começavam a ser substituidas por dias igualmente longos. Acompanhava-me o comandante do grupo. Ao tomar assento no avião, senti uma conhecida emoção que precede os vôos, pois já há alguns meses não tinha oportunidade de subir aos céus. Decolei ao amanhecer, na penumbra azul da madrugada. Ao ganhar altura, como fazia sempre, fundi-me com o aparelho. Mas quando a seta que indica altitude moveu-se num determinado sentido, avistei o sol. Apenas apontava no horizonte, coloria o céu e a terra com a luz dourada da aurora. Em baixo, destacavam-se os montes cobertos de neve côr de rosa, a terra estava salpicada pelas gotas azuladas dos lagos, e o mar, de azul-escuro frio, arremetia sôbre as rochas graníticas.

— Que beleza! — exclamei involuntàriamente — não desvie a atenção dos instrumentos — ouvi a voz de Vassiliev que me despertava.

Êle, como todos nós, ansiava pelo sol, mas sabia que no ar nada deve distrair a atenção do aviador da direção do aparelho. Para êle era importante que nos encontrássemos com o sol em horas rigorosamente marcadas. E me disse. Eu compreendi: emoções são emoções, mas antes de tudo o serviço.

Assim teve início o verdadeiro serviço de vôo no Círculo Polar. O comandante do grupo, constatando rigorosamente o meu domínio sôbre o aparelho, permitiu-me os vôos autônomos. O novo comandante de nossa esquadrilha, major Vladimir Rechétov concordou com a sua decisão, e, quando se realizou o meu primeiro vôo autônomo, imediatamente, junto ao avião, juntamente com o secretário da organização do Partido, capitão Anatoli Rosliákov, cum-

91

primentou-me por êsse acontecimento. Os camaradas fizeram fotografias na ocasião. Foi agradável para mim enviar a Valia, em Orenburg, a foto na qual nós três, vestidos de peles e com capacete de aviador, riamos e apartávamos as mãos.

Logo depois me ocorreria um acontecimento desagradável. Eu voava orientando-me pelos instrumentos. O boletim, durante todo o dia, anunciara bom tempo, nada prenunciava o contrário. Quando executei o último exercício de vôo, inesperadamente começou a escurecer. Em baixo, tinham desaparecido de vista as ilhas e os golfos. Compreendi: aproximava-se uma precipitação de neve — a coisa mais desagradável do Artico não só no céu, como também em terra. Telegrafei para o aeródromo: que tempo faz? Responderam: por enquanto, passável, mas se vê que está piorando a cada minuto, e o campo de pouso de reserva já sendo inundado por ondas de neve. "Mas, que fazer, enfrentemos a situação e lutemos contra o tempo" — pensei eu, e ao mesmo tempo vi: o combustível era o estritamente necessário. O importante em semelhante situação era manter a lucidez de raciocinio e a presença de espirito.

— Regressar imediatamente — ordenou-me o comandante de vôos. E percebi um acento de inquietação em sua voz.

Involuntàriamente, lembrei-me do recente caso com Vassiliev e como êle então encontrara uma saida em situação semelhante. Rapidamente, calculei de cabeça a trajetória mais curta para o aeródromo, utilizando todos os dados decisivos: um forte vento contrário, a altura do vôo, o tempo, a reserva de combustivel. Atravessando a torrente de neve que cegava, cumpri rigorosamente a ordem do comandante de vôos. Tinha consciência clara de que a integridade do aparelho e de minha vida estavam nas minhas mãos e dependiam do acêrto com que

92

eu executasse as ordens de comando de alguém mais experimentado do que eu, um aviador comandante de vôos, E sua calma me contagiou.

Êsse oficial de vontade forte e sangue frio me disse certa vez:

— Um autêntico aviador se distingue por quatro qualidades: coração quente, mente fria, mãos fortes e consciência limpa...

Os instrumentos mostravam: o aparelho chegara à zona do aeródromo. Mas, sem ver a terra, não podia calcular a aterrissagem. Aconteceu que, em tamanha tensão estavam os nervos, fiz ainda um circulo, passei pela estação de radiotelegrafia e novamente planejei a aterrissagem. Com um sentimento de alivio, vi que sob as rodas deslisava a fita cinzenta da pista de pouso. Agora, podia sentar-me.

Ao me apertar a mão, o comandante de vôos me disse:

— O exito e favorecido pela coragem.

Era um elogio, de que tanto necessitam os jovens oficiais.

A guarnição vivia uma intensa vida criadora de um saudável coletivo. Ninguém buscava privilégios, descarregava as tarefas sôbre outros ou perdia o tempo em futilidades, ninguém se embriagava, nem ocorriam casos de divórcio. Todos se conduziam segundo as boas leis da moral soviética.

Em meados de maio, em nossa vida militar comedida — com aulas teóricas, vôos, as reuniões do Komsomol, os plantões normais — irrompeu uma nova boa notícia: segundo o programa soviético do Ano Geofísico Internacional, em nosso país havia sido lançado o terceiro satélite artificial da Terra. Acabávamos de receber com entusiasmo e discutíamos entre nós alguns resultados, publicados em "Pravda" às vésperas do Primeiro de Maio, sôbre as diferentes pesquisas efetuadas com a ajuda dos dois primeiros satélites artificiais, e já tinhamos em or-

93

bita um terceiro sputnik, cujo pêso era consideràvelmente maior, e dotado de um aparelhamento consideràvelmente mais aperfeiçoado. A nossa alegria era enorme.

Aviadores, técnicos e mecanicos de nossa seção compreendiam perfeitamente que os primeiros satélites artificiais da Terra tinham dado início à era da penetração do homem no espaço cósmico, que os aparelhos voadores engenhosamente construidos pelos cientistas e êngenheiros soviéticos descortinavam amplas perspectivas para a realização de tôda uma série de importantes pesquisas científicas. Iuri Dergunov conhecia bem a história da conquista do espaço cósmico e, discutindo conosco o impulso com que se processavam os acontecimentos em nossos dias, relacionados com ulteriores êxitos no mesmo terreno, fêz interessantes considerações. Êle recordava que o homem havia necessitado de todo um século e meio, depois da primeira ascensão num balão primitivo — o que fôra feito nas vizinhanças de Riazan por um mujique russo o clérigo Kriakutni ate construir-se o primeiro avião. Duas vêzes menos tempo — 75 anos — transcorreu desde êsse feito, levado a cabo pelo nosso compatriota, o oficial naval Alexandre Mojaiski, no campo de Krasnosselsk, junto a Petersburgo, até o lançamento do primeiro satélite artificial da Terra. Agora, decorridos apenas alguns meses, já sobe um terceiro sputnik.

— Com tais ritmos — acrescentava convicto Dergunov — não está longe o dia do primeiro vôo do homem ao Cosmo.

"Como sucederá tudo de futuro?" — pensei eu, olhando a Lua no alto do céu inundado de luz azul-prateada. Pensar apenas que nosso primeiro satélite havia dado 1.400 voltas em tôrno da Terra, o segundo quase mil rotações mais, perfazendo mais de 100 milhões de quilômetros.

E nós não nos cansávamos de pensar nos mara-

94

96

vilhosos resultados das observacões radiotécnicas e óticas sôbre os primeiros satélites, discutíamos as análises feitas com a sua ajuda sôbre a densidade da atmosfera, da ionosfera, dos raios cósmicos, os diferentes dados biológicos. Entusiasmava-nos as conclusões dos cientistas ao afirmarem que os sêres vivos suportam satisfatòriamente as condições do vôo cósmico. Compreendia-se que tudo isto se fazia com fins de pesquisa, cujo objetivo natural era assegurar o vôo do homem ao Cosmo.

As vêzes eu ouvia dizerem:

— Eu não uso sputnik; vivo muito bem sem sputnik.

Era um comentário vulgar. Como se alguem pudesse dizer: não uso telegrafo, não ouço rádio, não viajo de trem, vivo bem sem nada disso.

Eu compreendia que o govêrno não poupava recursos em tudo o que se relacionava com a investigação do cosmo, e me parecia que alguns milhares e talvez mesmo dezenas de milhares de especialistas em diferentes ramos da ciência e da técnica trabalhavam abnegadamente para solucionar o mais formidável problema dos que até hoje havia enfrentado a humanidade.

O rádio transmitia relativamente poucas informações sôbre o vôo do primeiro satélite. Em nossa distante guarnição recebiamos com atraso os jornais centrais, assim como cartas. E no entanto nós os esperávamos com impaciência e freqüentemente íamos procurá-los no correio. Um dia finalmente chegou Pravda quase tôda tomada por cartas relacionadas com o terceiro satélite soviético da Terra. Havia no jornal novos esclarecimentos quanto à orbita do sputnik, as observacões sôbre seu vôo e, o mais importante, revelavam-se detalhes sôbre a construção do satélite. Tratava-se, no pleno sentido da palavra, de uma estação científica automática no cosmo. O artigo estava escrito em linguagem accessivel, popular.

O Pesadelo Dos Corções

RUI FACÓ

Não é só no Brasil que existem os Corções. Entre nós, são, naturalmente, mais primários, mais grosseiros, chegando ao insulto vil, nivelando-se aos Pena Bôto e aos David Nasser. Mas vimos agora, depois do feito maravilhoso do segundo astronauta soviético Gherman Titov, o cientista inglês Sir Bernard Lovell lamentar que também na Inglaterra existe essa fauna dos que «duvidam» das realizações científicas da União Soviética, e lhe perguntem se, de fato, Gagárin havia dado uma volta em tôrno da Terra num satélite. «Isto é um perigo para nós mesmos» — concluiu Lovell. As 25 horas passadas pelo segundo cosmonauta soviético se acabou com muitas «dúvidas», deve originar outras formas de ceticismo ou de menosprêzo ante a realização da Ciência e da Técnica na URSS. E' um ceticismo que tem a mesma origem daquele que punha a ridículo os planos qüinqüenais soviéticos, que previa a derrota do primeiro país socialista pela Alemanha nazista. E' um ceticismo de classe. Uma porcentagem dos céticos o é por ignorância, outros, por má fé, ainda quando possuem certos conhecimentos científicos. Mas os conhecimentos científicos também se limitam por barreiras de classe, criando obstáculos mentais quando entram em jôgo interêsses de classe. Afirmava Lênin que se as matemáticas contrariassem interêsses, existiriam os que as contestassem. E na prática é assim.

Os que dúvidam ou menosprezam hoje as conquistas da Ciência na União Soviética pretendem pôr em xeque a corrente histórica mais avançada de nossa época, o socialismo, não o socialismo de fachada dos partidos social-democratas ou «trabalhistas», mas o socialismo que está realmente transformando a face do mundo e revertendo inexoràvelmente o regime caduco que substituiu o feudalismo e se obstina em sobreviver a si mesmo: o capitalismo.

E' natural que nos círculos clericais — embora hajam sacerdotes de espírito aberto — e nas vizinhanças da Igreja Católica, sobretudo num país ainda atrasado como o nosso, apareçam os mais raivosos adversários do progresso da Ciência contemporânea. A Igreja Católica, sua cúpula dirigente, transformou-se no Brasil no mais fiel aliado de tudo o que há de mais retrógrado entre nós. Antes mesmo do vôo de Gagárin, já o cientista católico Gustavo Corção afirmava textualmente: «Querem que eu publique minha tristeza, meu sentimento de estar apanhando, minha impressão de estar recebendo bofetadas na inteligência? Aí vai a confissão publicada. Se isto alegra alguém, alegrem-se. Eu tenho diante de mim a face iluminada de um rapaz comunista no dia em que os russos marcaram um gol na Lua. E o que vi nessa face humana passou a ser ingrediente obrigatório de meus pesadelos». (**Diário de Notícias**, suplemento literário, 18 outubro de 1959).

Aí temos o quadro completo do mundo de nossos dias: o jovem de face iluminada ante as perspectivas do futuro humano, e o homem do passado, agarrado aos restos de um mundo que se está acabando — e em pesadelo por isso mesmo. Quando insulta Gagárin, comparando-o a uma cadela, é o seu ódio de classe que rebenta por todos os poros, por cima de seu «humanismo» cristão. E' porque sente, ainda que por instinto, que os progressos científicos da atualidade não se conformam já nos estreitos limites do capitalismo e sòmente o socialismo pode comportá-los e dirigi-los em proveito do homem e não de uma classe minoritária e extremamente egoísta.

Êsse ódio dos reacionários às conquistas da Ciência e da Técnica não é um fenômeno restrito à nossa época. A história conhece os seus exemplos, dos mais vivos e interessantes. Quando da vitória da Revolução burguesa na França, o escritor católico Joseph de Maistre abandonou a Savóia, que tinha sido anexada à França, e se colocou a serviço do rei da Sardenha, seguindo mais tarde para o baluarte da reação européia na época, a côrte tzarista de Petersburgo. Em sua «Memória sôbre a instrução pública na Rússia», de Maistre recomendava «abster-se de maneira absoluta de todo incentivo à difusão dos conhecimentos entre as camadas inferiores do povo». E mais: considerava tôda nova invenção como uma verdadeira desgraça».

O reacionário político se harmonizava com o inimigo das ciências.

Na mesma França, o carniceiro da Comuna de Paris, o assassino dos comunardos, Thiers, foi um dos que mais se opuseram à construção das vias férreas em seu país. E na Inglaterra os ferrocarris, para serem lançados, tiveram que vencer oposições ferozes dos comerciantes de cavalos, dos donos de carruagens, dos cocheiros, cujos interêsses se opunham àqueles avanços da ciência e da técnica.

Porque é sabido que tais avanços não ocorrem impunemente para o regime econômico e social em que surgem. Modificam êsse regime, levam a novas transformações de superestrutura incompatíveis com os interêsses criados. Dizia Marx, referindo-se às revoluções européias de 1848, que «o vapor, a eletricidade e o tear mecânico eram revolucionários muito mais perigosos do que os cidadãos Barbès, Raspail e Blanqui»...

As revoluções de ordem técnica e científica operadas hoje, e que não por acaso tomam a dianteira no país de regime social mais avançado, estão acelerando a queda inevitável do próprio capitalismo que os gerou. Daí os acessos de fúria, os insultos baixos a heróis como Gagárin, da parte de reacionários contemporâneos, que vêem o mundo burguês fugir-lhes sob os pés...

A Ilha Entusiasmada

«E' preciso que os cubanos triunfem
— ou perderemos tudo, até mesmo a esperança».

JEAN-PAUL SARTRE

Perfil de saúrio ?
Antes a mão, a esquelética mão
do mendigo que foste.
Palma de mão fundeada
num mar azul-transparente
com o vento a rezar ao continente
nos palmares :
Señor norte-americano
Me compre un azucarillo
por amor de Dios...

Tilintam,
trepidam,
cintilam
as slote-machines.

A ilha de Cuba foi
uma *slote-machine.*

Suas luzes acendiam : Mambo Club, Yacht
[Club. divisas de generais.
Suas luzes apagavam : United Fruit Company.
Suas luzes acendiam : palmeiras com olhos
[úmidos
e velados de mormaço...
Suas luzes apagavam a lua aos canaviais.

— *Island,*
come to bed with me...

Quotinocturnos bêbedos *yankees*
até o rumor do mar lhe conspurcavam.

É um cacto tropical. E a sua voz,
maciçamente escande o mar de gente,
o clamor suado,
que o vento espraia pelos canaviais
e o mar recolhe num marulho azul..

Assim renasce Cuba,
a *Pátria ou Morte* rouquejada
desde a voz rouca de Fidel
a tôda a Ilha Entusiasmada.

Ilha :
Tua cauda morderás,
em ouriço te farás,
manchetes levantarás
Esperança :
Para que não morras
— vencerás.

Abril de 1961
(José Fernandes Fafe)

Bolsistas brasileiros vão estudar em Moscou

Mais um grupo de jovens brasileiros acaba de embarcar para Moscou, para cursar a Universidade da Amizade dos Povos "Patrice Lumumba", fundada há dois anos. Essa Universidade, como se sabe, destina-se à juventude dos países subdesenvolvidos. As bôlsas de estudo são fornecidas pela instituição, com tôdas as despesas pagas, inclusive a viagem por via aérea.

O grupo de brasileiros que embarcou sábado último é composto pelos seguintes candidatos que preencheram as condições exigidas pela Universidade:

do Estado da Guanabara: José Dilmei Freitas, Fernando Luis Caldas e Maria da Graça Borborema, candidatos a Medicina;

do Amazonas: Mirian da Silva Marreiro, candidata a Medicina;

do Espírito Santo: Ilma Martins da Silva, candidata a Engenharia;

da Bahia: Vera Felicidade de Almeida, candidata a Medicina;

de São Paulo: José Marinho Gusmão, Silvio Aranha, e José Duarte de Oliveira candidatos, respectivamente, a Medicina, Engenharia e Física.

do Rio Grande do Sul: José Monserrat Filho, candidato a Ciências Econômicas;

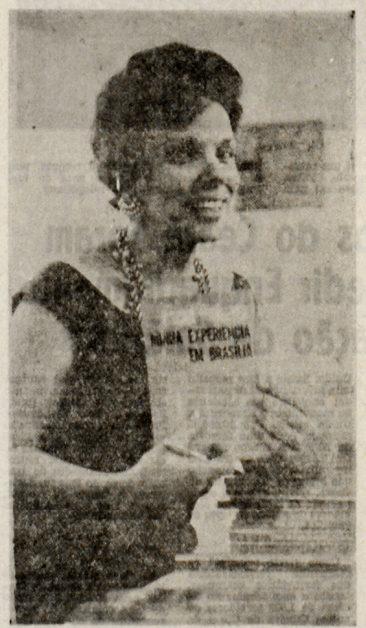
do Rio: a jovem paraguaia Dora Guillén, que estudará literatura e língua russas.

Outros bolsistas viajarão para a capital soviética dentro de alguns dias.

Antes da partida dos jovens brasileiros para a Europa, participaram êles de diversos encontros festivos com outros estudantes e visitaram instituições públicas, redações de jornais, editôras, o Departamento Cultural do Itamarati, etc.

Por nosso intermédio, os jovens estudantes fazem um apêlo as instituições de relações com o estrangeiro a que lhes enviem materiais de divulgação sôbre coisas do Brasil, de forma a que se estabeleçam as mais estreitas relações culturais entre êles e seu país.

O Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-URSS, por seu primeiro secretário, sr. Orlando Maio, desenvolveu intensa atividade relacionada com a ida dos jovens bolsistas para Moscou. Seu endereço: Rua México, 119, sala 1.506, Rio, Est. da Guanabara. Na foto, o grupo de jovens e amigos seus, no aeroporto.



BRASÍLIA tem sua Aurora

O livro de Oscar Niemeyer — *Minha Experiência em Brasília* — foi dos mais procurados no recente Festival do Escritor. A madrinha do famoso arquiteto foi a cantora Aurora Miranda, que não se cansou em assinar autógrafos (foto). O livro de Niemeyer (Editorial Vitória) continua a constituir um dos maiores êxitos de livraria deste ano. No Rio, São Paulo e outros Estados é das obras mais procuradas nas livrari-

Tópicos Típicos

Pedro Severino

Na revista **O CRUZEIRO**, número da semana passada, o colunista Theophilo de Andrade protesta contra o reatamento das relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética. Tal reatamento, no entender do Theóphilo, fere a "tradição de pundonor" da nossa Chancelaria. O caso é sério, a Chancelaria fica muito mal, segundo o colunista. Ferida logo no pundonor!

Por outro lado, o Theophilo não tem nada que viver preocupado com o pundonor alheio, esquecendo-se do próprio. Se eu fôsse o ministro Afonso Arinos, dava-lhe umas boas palmadas... Para que êle aprendesse, pelo menos, a não ser pedante e tivesse o bom gôsto de não usar essa palavra ridícula : pundonor.

* * *

Como é possível levar a sério um sujeito que, sendo irmão de um cidadão chamado Pereira Lira, tem o nome de Theophilo de Andrade ? Sugerimos ao cachimbudo e pundonoroso colunista de O CRUZEIRO que, se não quer usar o nome da família, no mínimo atualize a grafia do prenome. Theóphilo, com Th e ph, é demais. Qualquer crítica formulada por um sujeito que fala em "pundonor" e assina com graphia arcaica, em princípio, descamba para a gaiola.

* * *

Há, depois, a questão do cachimbo. Ao lado dos seus comentários sôbre política internacional, o Theóphilo faz publicar sempre um retrato em que aparece fumando cachimbo. Ora, fumar cachimbo é uma arte, exige talento especial. Ilya Ehrenburg, romancista soviético, é um virtuose na arte de fumar cachimbo. O operário João Guilherme, presidente do Sindicato dos Sapateiros da Guanabara, é outro que sabe fumar cachimbo com classe e com dignidade. Mas o Theophilo, coitado, é lamentável.

Olhando para o retrato do colunista de O CRUZEIRO, a gente percebe logo que êle tem jeito é pra mascar chicletes. Urge fazê-lo compreender que êle precisa tirar o pito da bôca e guardá-lo no pundonor.

Canto de Página

Eneidr

Em pílulas

Os colunistas sociais e os esnobes desta cidade, ficaram muito zangados com Gagárin. As moçoilas acharam-no um «pão», uma revista apontou-lhe logo um amor clandestino. — Pois não é que o homem fingia (e fingia é dêles) só falar russo, quando fala também inglês e francês? Gagarin Homem, diziam alguns, nem tomava conhecimento dessas coizinhas. Veio em missão de paz, não trazia no seu programa brilhar em tevês ou dançar chá-chá-chá. Sorria muito e isso irritou os esnobes. Gagárin pode sorrir, tem muitas razões para isso.

Reparem bem : o noticiário apresenta — o segundo cosmonauta — Titov como um soviético muito alegre, galhofeiro, usando piadas. Mas se Titov vier ao Brasil agradará aos colunistas e aos esnobes ?

Reparem mais : anda tão caro e tão difícil o pão, que quando hoje uma pessoa "bem" chama alguém de pão é uma homenagem à beleza. Não é boa, essa ? Outra coisa : vocês já viram alguém vir ao Brasil sem ter um amor clandestino ? Nem Gagárin escapou. Como gostamos de criar amores misteriosos neste nosso país. E há tanto sol, tanta luz que a mim me parece os mistérios dificilmente podem viver num país assim tão iluminado, tão claro.

* * *

Bondes a oito cruzeiros. Povo pobre e desgraçado o carioca. Antes o bonde era veículo de pobre, pelo menos assim a Light os apresentava. Agora vai ficando veículo de remediado; o mais triste é que um bonde é sempre um amontoado de ferro velho, sujo, maltratado, arrastando-se como uma tartaruga. Decididamente o povo carioca — o povo brasileiro também — vive de teimoso que é, como no samba.

* * *

Quem não conheceu, quem não conversou com Ana Seghers e seu marido, o professor Schmidt, não sabe o que perdeu. Há muito tempo eu não via gente tão gente, tão profundamente gente. Ambos sofreram muitíssimo, foram vítimas do fascismo alemão o que não impediu que continuassem na linha, no caminho que se tracaram : o de lutar pela humanidade, o de viver na luta pelos direitos dos homens e pela Paz.

Uma frase de Ana : — Só se é muito feliz quando se conheceu dias muito ruins. A Paz é o paraíso.

* * *

Os motoristas de carros fúnebres reclamaram aumento de salários reinvindicando equiparação com os seus colegas transportadores de carga. O advogado da Santa Casa veio e gritou : — Defunto não é carga !

Tudo indica que os motoristas de carros fúnebres vão fazer greve. De acôrdo. Se defunto não é carga, por que o tal advogado não os leva no ombro para o cemitério?

* * *

Hoje, amigos, estou fornecendo pílulas de assuntos ou assuntos de pílulas. Desculpem, mas também de pílulas vive o homem.

Cuba em Bangu

Promovido por uma comissão de banqueenses amigos de Cuba, realizou-se no dia 12 último, às 20 horas, no escritório eleitoral do deputado Hércules Correia dos Reis, conferência do jornalista e escritor Almir Matos, que discorreu sobre a Revolução Cubana e sua contribuição para a luta antiimperialista na América Latina. Bastante aplaudido, o autor de "Cuba-Revolução na América", assinalou em sua palestra a importância da lição cubana para o desenvolvimento da luta contra o imperialismo nos países da América Latina e o que representa para a economia e o desenvolvimento daquele país a conquista do poder pelo povo. Na foto, Almir Matos quando autografava um dos numerosos exemplares de sua obra, adquiridos pelos que presenciaram a sua palestra.

Governador do Pará: Amazônia Esta na Mira do Imperialismo

BELÉM, agôsto (Do correspondente) — O governador em exercício, sr. Newton Miranda, concedeu uma entrevista coletiva à imprensa abordando problemas relacionados com a próxima conferência dos governadores, a realizar-se em Manaus.

O governador Newton Miranda chamou a atenção, em têrmos veementes, para a gravidade da situação em que se encontra a região amazônica, expondo um programa de realizações consideradas indispensáveis e que só poderão ser levadas à prática se o govêrno estadual contar com a decisiva ajuda da União, avaliada, em 30 bilhões de cruzeiros.

Após expor um detalhado plano de realizações, o sr. Newton Miranda acentuou a responsabilidade do govêrno federal em integrar a Amazônia na coletividade brasileira, relembrando as tentativas já feitas, por inimigos do Brasil, de internacionalizar a Amazônia, o que só foi possível evitar graças à luta patriótica de alguns brasileiros, entre os quais Artur Bernardes.

— "O abandono da área amazônica — disse em tom dramático o governador Newton Miranda — continua a despertar o interêsse de potências colonialistas e capitalistas, que não desprezam a esperança de poderem vir a explorar suas vastas riquezas, que permanecem ainda incultas"

Camponeses Preparam Congresso: Conferências em Todo o Brasil!

Do Amazonas ao Rio Grande do Sul, movimentam-se os lavradores e trabalhadores agrícolas numa intensa preparação para participar do I CONGRESSO NACIONAL DE LAVRADORES E TRABALHADORES AGRICOLAS, a realizar-se nos dias 1, 2 e 3 de outubro próximo, ocasião em que, pela primeira vez, o camponês brasileiro terá a oportunidade de debater amplamente todas as questões ligadas ao campo, visando uma reforma agrária que atenda às necessidades reais do país.

Assim é que já estão com conferências marcadas os Estados de Minas Gerais, Estado do Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo. Neste último, a 1a. Conferência Estadual de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas será realizada nos dias 2 e 3 de setembro, já estando programadas assembléias em Sertãozinho, Ituverava, Pontal, Barrinha, Presidente Prudente, Birigui, Andradina, Araçatuba, Pereira Barreto, Vera Cruz e São Miguel Paulista.

ASSOCIAÇÕES

Na perspectiva do debate amplo em tôrno da reforma agrária e das questões do campo, no grande encontro de Belo Horizonte, muitas associações de camponeses têm-se organizado, objetivando o envio de delegações que melhor esclareçam a verdadeira situação dos lavradores e os seus verdadeiros anseios. Foi no impulso do 1º Congresso pela Reforma Agrária que nasceram mais duas associações no Amazonas, sendo uma no vale do rio Arari e outra no Seripá e Surubim, ambas com a orientação do vereador Paulo Sampaio, do município de Itacoatiara. Além das que foram criadas recentemente em São Paulo, mais 10 associações surgiram no Estado do Maranhão e outras no Estado da Paraíba, nas adjacências de Sapé. Em todo o Estado da Paraíba já existem cêrca de 10 mil trabalhadores agrícolas organizados em Associções e Ligas Camponesas.

BAIANOS IRÃO

Em todo o Estado da Bahia já existem 10 associações de camponeses dispostas a enviar expressiva representação a Belo Horizonte, no próximo mês de outubro, ocasião em que levantarão a bandeira da consolidação de tôdas as associações e ligas de trabalhadores agrícolas do Brasil, passo que êles julgam «importante para a elaboração de um programa de ação para o campo».

Na Bahia se destacam as associações de Terra Vermelha (Cachoeira), Paripe e Passagem Teixeira (Salvador), Limoeiro (Feira de Santana), Cangulo (Alagoinhas), além de outras em Ipirá, Caravelas, Cruz das Almas e São Francisco do Conde.

EM OUTROS ESTADOS

A próxima realização do Congresso movimenta também as associações de lavradores e trabalhadores agrícolas em outros Estados do país. Em Goiás, já foi constituída uma comissão que prepara a constituição da delegação estadual ao certame. Por iniciativa dessa comissão, que conta com o apoio das autoridades estaduais, numerosos encontros preliminares de lavradores estão sendo realizados em diversos municípios goianos, assim como estão sendo elaborados os documentos e teses que serão apresentados no conclave pela representação do Estado central.

No Paraná, por iniciativa das associações rurais do Estado, realizou-se, nos dias 12, 13, 14 e 15 últimos, na cidade de Maringá, o II Congresso dos Trabalhadores Rurais, que contou com a participação de dezenas de delegações de diferentes municípios e representações das numerosas associações de lavradores e trabalhadores agrícolas do Estado.

O POSSANTE NÃO RESISTIL

O caminhão do leite, daqueles que enfrentam qualquer situação, foi derrotado pelo buraco e pela lama das ruas de Nilópolis. Entrou pela Augusto de Palva num dia de chuva, e o resultado foi atolar e ter que chamar o «guincho» para ajudar a sair da enrascada. E o povo se aglomerava para assistir o espetáculo...

Nilópolis: Paisagem de Buracos e Lama Retrata Uma Administração

Reportagem de
DIOGO SOARES CARDOSO

«Não é possível. Não pode ser», — a exclamação foi do idadão que ouvia outro dizer que em Nilópolis, quando chove, a maioria das ruas ficam completamente alagadas e durante horas impedidas para o trânsito de veículos. Mas, essa é a verdade. Um dos mais desenvolvidos municípios da «região carioca» do Estado fluminense, Nilópolis, vive uma série de problemas urbanos que estão a exigir uma solução urgente e que não se justificam mais tendo em vista o índice de desenvolvimento alcançado nos diversos setores de atividade.

Com uma população de aproximadamente 100 mil habitantes situados numa área que faz dêle o menor município do Brasil, Nilópolis conta com um variado e desenvolvido comércio e na sua jurisdição estão instaladas algumas indústrias de transformação, um matadouro e um frigorífico.

A primeira impressão que se tem quando se desembarca de um trem em Nilópolis, é a melhor. O viajante desavisado depara com uma praça bem calçada e ajardinada, e as ruas nas suas proximidades apresentam bom aspecto. Entretanto, é bastante afastar-se uns 300 metros da estação da estrada de ferro para se dar conta da verdadeira situação da cidade: ruas esburacadas e sem calçamento, valas cheias de lixo e detritos, lama, e ... um mau cheiro dificilmente suportável.

OS BAIRROS

Cidade relegada ao mais completo abandono pelos poderes competentes, Nilópolis vê a situação dos seus bairros se agravar a cada dia que passa.

No bairro de Caixa d'Água (sic!) diversas ruas estão sem água há muito tempo; o serviço de abastecimento foi interrompido em trechos das ruas Antônio Pereira, Expedicionários e Fernando Mendes, sendo que nesta última os moradores se encontram em situação verdadeiramente desesperadora. Entretanto, a solução para êsse drama que atormenta a dezenas de famílias é simples: basta a autoridade municipal mandar desobstruir o cano que fornece o líquido àquela área.

Mas, não é só a falta de água. Existem em Caixa d'Água ruas com valas enormes, sem manilhamento, lixo espalhado por todos os lados, tudo isso provocando concentração de moscas e mosquitos que põem em risco a saúde de centenas de moradores do local. Na rua Rodrigues Alves verifica-se também um fato que atesta o completo desinterêsse das autoridades. Prefeito e vereadores, pela situação da cidade: há mais de 5 anos alguns postes de iluminação pública estão com suas lâmpadas queimadas criando uma zona de sombra, verdadeiro paraíso para assaltantes. O sr. Egídio Mendonça Thuler, ex-prefeito em cuja gestão essas lâmpadas se queimaram, deputado e candidato à reeleição, vem diàriamente desafiando o Executivo a colocar as referidas que, finalmente não custam uma fortuna.

O **Bairro de NOVA CIDADE**, com uma população aproximada de 15 000 habitantes não tem luz, água e nem escolas para as crianças. O canal Periperi que corta o bairro, não é dragado no trecho que vai da rua Marechal Deodoro às Torres da Light. Quando chove, é impossível o trânsito por ali.

O **Bairro da Mangueira**, abrangendo uma grande área de Nilópolis; também não tem luz, a água das residências é de poço. Sofre êsse bairro, também, da falta de manilhamento nas ruas, cheias de valas infectas, lançando à noite as terríveis ondas de mosquitos.

O bairro da **Chatuba de Nilópolis**, tradicional pelo transporte de água em pipas há mais de 12 anos, os bairros de Mirandela, Manoel Reis, Augusto Paris, Olinda e outros, sofrem dos mesmos males.

ESCOLAS: PODE SER MELHOR

Nilópolis, podemos afirmar, não é dos piores municípios em escolas. Tem o Grupo Escolar «Antônio Figueira de Almeida», e outros grupos, assim como vários colégios particulares, entre os quais o Colégio Filgueiras e a Escola Técnica de Comércio do Instituto Filgueiras. Mas, isso não basta. A população em idade escolar é grande e há muitos bairros sem escolas públicas, e sabe-se que a maioria não pode pagar colégio para os filhos. Além do mais, as escolas públicas estão deixando a desejar no sentido administrativo.

LIGHT: OUTRA MAZELA

Outra mazela que atormenta o povo nilopolitano é a terrível Light. Permanentemente desliga a luz durante horas a fio, de dia ou de noite, prejudicando a pequena indústria e os habitantes, que são obrigados a paralisar seus afazeres. Um grande número de bairros têm luz de cabine e os postes e lâmpadas são pagos pelos interessados juntamente com a Prefeitura.

ALUGUEL É PROBLEMA

Outra praga do Município, são os aumentos dos aluguéis. Geralmente os antigos locatários são forçados a desocuparem as casas, que depois são alugadas pelo dôbro do preço. Um exemplo dêsses exploradores do povo nilopolitano, é o sr. Herz Sender que veio para o Brasil durante a 2a. Guerra Mundial sem eira nem beira, e hoje é proprietário de uma avenida e uma vila e várias casas, inclusive em São Cristóvão, na Guanabara.

Nilópolis não pode escapar à carestia da vida. Existem muitas mercadorias vendidas a preço mais alto do que na Guanabara, apesar do sálário mínimo ser de Cr$ 9 160.00. Basta citar como exemplo um dos alimentos fundamentais, o leite, que está sendo vendido a Cr$ 28,00 o litro. Os especuladores estão soltos em Nilópolis.

LAMA E VALAS

A rua Comendador Soares é um retrato das demais ruas de Nilópolis. Valas, sempre. Lama à vontade quando cai uma chuvinha. A situação não é recente, vem se prolongando em anos e anos de tormenta para a população nilopolense.

Perseguidos e Explorados os Trabalhadores da Peixe

PESQUEIRA (Pernambuco) — Na fábrica de dôces "Peixe" os operários legalizados ganham Cr$ 24,70 por cada hora trabalhada. Pelas horas extraordinárias — quando tem serviço — percebem Cr$ 30,10. Os clandestinos recebem, apenas, Cr$ 10,00 por cada hora corrida de trabalho.

DEMISSÕES

Aqui em Pesqueira o número de desempregados é considerável, pois, havendo mão-de-obra em excesso, os Britos — proprietários das emprêsa — demitem os operários antigos e, nos seus lugares, colocam menores clandestinos, pagando menos da metade do salário mínimo.

Os donos da "Peixe" fazem muito pior ainda. Com o objetivo de livrar-se dos compromissos com os trabalhadores antigos redigem uma carta na qual o trabalhador "pede" indenização à emprêsa. Depois que o documento é assinado, o operário é levado ao Cartório e, na presença do Juiz, firma documentos como tendo recebido a "indenização" a que tem direito. No entanto, tal não acontece; pelo contrário, é ameaçado de ser afastado do serviço, se não assinar os documentos... Temendo ficar na miséria, juntamente com mulher e filhos, o trabalhador renuncia a sua estabilidade.

Quando o prejudicado não aceita a renúncia à sua estabilidade é transferido para uma seção chamada "Colégio", onde o extrato de tomate é inspecionado. Além do mais sendo um operário especializado, perde as vantagens da sua profissão, horas extraordinárias, etc.

Num dêsses dias, um operário foi chamado a assinar a "carta" renunciando à sua estabilidade, comprometendo-se a assiná-la na presença do Juiz. A importância a que tinha direito ultrapassava de 200 mil cruzeiros. Quando o fuiz perguntou-lhe se assinava os documentos sôbre indenização, êle respondeu que sim, desde que recebesse o dinheiro na presença do magistrado. Êste, entretanto, fêz que desconhecia tal manobra contra os trabalhadores. Mandou chamar o sr. Expedito do Melo, chefe do fichário da emprêsa, encarregado de "negociar" com os operários. Êste, por sua vez, respondeu que o responsável pelo pagamento não se encontrava no momento. O operário, então, voltou à emprêsa, sendo censurado, severamente, humilhado e, em seguida, transferido para o "Colégio".

SINDICATO COLABORA

A diretoria do Sindicato e o delegado local colaboram com a prática dêsse crime contra os operários, fornecendo aos trabalhadores o seguinte documento timbrado: **"Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Produtos do Cacáu e Balas e de Dôces e Conservas Alimentícias no Estado de Pernambuco**

Ilmo. Sr. gerente da firma.... Nesta: ... Delegado do Sindicato de Dôces e Conservas na Cidade de Pesqueira, tendo sido procurado pelo operário...., que já trabalhou nesta emprêsa, conforme anotações em sua Carteira Profissional número.... série.... e como não tenha encontrado trabalho em outra firma, vem solicitar de V. S. uma colocação, visto estar parado e não ter a quem recorrer.

Adianto mais que as suas entradas na Carteira Profissional nesta firma não terão efeitos para indenizações futuras, por que já foram satisfeitas as exigências legais anteriores. Pesqueira.... Delegado Sindical.

Êsse documento é fornecido pelo sindicato, depois que o operário assina a "carta-renúncia" sem receber indenizações.

EXPLORAÇÃO

Durante a safra da goiaba, a fábrica admite novos operários, principalmente mulheres (**tenha a idade que tiver**) que são aceitas, na emprêsa, como menores.

Há operárias que já têm netos e trabalham, na "Peixe", com salário de menor. Para isto, elas conseguem, no Cartório, um registro civil de menor idade, ou algum o registro civil de jovens.

Na fábrica não existem banheiros para os operários. O único que há só pode ser servido pelos chefes de seção. Não é permitido, além do mais, os operários lavarem as mãos. Se o operário insiste é suspenso do serviço por 4 ou 5 dias, quando não é levado aos empurrões.

O sr. Expedido de Melo é o maior agiota dentro da emprêsa. Empresta dinheiro aos operários com 20 por cento de juros, durante 8 dias. E' presidente do clube dos motoristas e desconta, obrigatòriamente, Cr$ 15,00 dos novos operários. Se o prejudicado reclama, fica "marcado" e na primeira oportunidade, é demitido.

PARA MELHORAR

Explorando miseràvelmente seus trabalhadores, é que os Britos enriquecem e levam vida de lordes, enquanto aquêles que constroem sua riqueza passam fome com suas famílias.

Em Pesqueira, estão contra os operários os patrões, o Sindicato, o Juiz e o Ministério do Trabalho. Todos êsses elementos colaboram para que os Britos pratiquem essa desumanidade contra os trabalhadores e violem as leis trabalhistas.

Os operários são de opinião que só a eleição de nova diretoria do Sindicato e do delegado local, após a formação duma chapa composta por homens que não se vendam aos patrões e defendam os direitos da classe, poderá levá-los à conquista de aumento de salários e outras reivindicações.

Ferroviários do Ceará Foram às Ruas Pedir Enquadramento e Equiparação de Salários

FORTALEZA, agôsto (Do Correspondente) — Empunhando faixas e cartazes ilustrivos às suas mais sentidas reivindicações, os ferroviários cearenses realizaram, no dia 5 último, grande passeata pelas ruas centrais de Fortaleza. Comandados pelos dirigentes das entidades da categoria sediadas ou com representação no Estado, durante várias horas os ferroviários desfilaram a capital cearense, visitando também estações de rádio e redações de jornais, para os quais foram solicitar solidariedade a campanha que realizam pela conquista das suas reivindicações.

OBJETIVOS

A manifestação foi o ponto culminante da batalha que os ferroviários vêm travando sob a direção da União dos Ferroviários Cearenses e o Sindicato dos Trabalhadores nas Emprêsas Ferroviárias do Ceará objetivando a conquista da equiparação de salários dos ferroviários da RFFN aos dos ferroviários da União. Existe a êsse respeito uma injustificável disparidade: enquanto um ajudante de maquinista pertencente a União recebe Cr$ 16.000,00 mensais, o de uma ferrovia da RFF S/A recebe apenas Cr$ 8.5000,00. E' contra essa injustificável discriminação que lutam os ferroviários do Ceará, reivindicando a equiparação de salários dos servidores de ambos os tipos de emprêsa.

ENQUADRAMENTO

Como parte principal da campanha reivindicatória dos ferroviários cearenses, consta o enquadramento de cêrca de 1.500 servidores do antigo Quadro de Obras da RVC, assim como de 69 ferroviários desta, colocados fora do enquadramento da União. Os ferroviários reclamam com justificadas razões a reparação de tão clamorosa injustiça praticada contra antigos e abnegados servidores da Nação.

SOLIDARIEDADE

Em sua luta reivindicatória, os ferroviários contam com o apoio do movimento sindical cearense e da União Estadual dos Estudantes. Prova dessa solidariedade se verificou durante a realização da passeata. Dezenas de dirigentes sindicais representando entidades de trabalhadores do Estado, desfilaram à frente da mesma, lado a lado com os líderes dos ferroviários.

MISSÃO A GO

Os ferroviários cearenses já iniciaram a coleta de fundos para financiar o envio de uma comissão de representantes da classe à Guanabara a fim de discutir com as autoridades competentes os problemas relacionados com a situação da classe no Estado. Na ocasião será solicitado das autoridades o atendimento das reivindicaeções que determinaram o início e o desenvolvimento de grande campanha que culminou com a passeata do dia 6.

CAMPONESES DA PARAÍBA PREPARAM CONGRESSO

JOÃO PESSOA (De João Manoel de Carvalho, especial para NOVOS RUMOS) — As Ligas Camponesas, em reunião de que participaram centenas de camponeses, sob a presidência do sr. Osmar de Aquino, deliberaram aprovar o seguinte temário para discussão no próximo Congresso Estadual dos Camponeses paraibanos:

I — Aspectos sócio-econômicos, jurídicos e humano da atividade agrária no Nordeste;

II — O problema do trabalhador rural e agricultor pobre; falta de garantias sociais e políticas;

III — O latifúndio e a absorção da pequena propriedade;

IV — Baixa produtividade da agricultura de alimentação; miséria crescente, proletarização e emigração da massa camponesa;

V — O problema do crescimento da população agrária e o plano de deslocamento geográfico da SUDENE;

VI — A reforma agrária e a necessidade de uma política de medidas imediatas e práticas nas etapas de aplicação da mesma reforma;

VII — Levantamento do cadastro das terras pertencentes ao Estado e ao município inclusive dos aldeamentos dos índios e da sua utilização social;

VIII — Cooperativas para organizar e melhorar as condições do trabalho da terra, e sua produtividade com auxílio técnico e financeiro e modernização dos métodos de trabalho;

IX — Movimento de organização social dos trabalhadores rurais e agricultores pobres sob a forma de Ligas ou Associações Camponesas. Caminho prático para a sindicalização rural e reforma agrária como indispensável ao processo de industrialização;

X — Apreciação do projeto de lei de irrigação da SUDENE em andamento no Congresso Nacional.

MORRO VELHO: CINCO MIL MINEIROS EM GREVE POR AUMENTO SALARIAL

B. HORIZONTE, agôsto, (da Sucursal) — Mais de 5 000 trabalhadores da mina de Morro Velho e da usina hidrelétrica do Rio do Peixe se encontram em greve desde a zero hora do dia 14. Os serviços da emprêsa em Nova Lima, Raposos e Honório Bicalho estão paralisados totalmente, sendo que essas cidades acham-se completamente sem energia elétrica.

A greve, a primeira de que participam os trabalhadores da usina hidrelétrica, se verificou após terem fracassado tôdas as tentativas levadas a cabo pelos diretores do sindicato da categoria de chegar a um acôrdo pacífico com a direção da emprêsa, que se negou a atender às solicitações dos trabalhadores, responsabilizando a política econômica do govêrno federal pelo fato.

A deflagração do movimento foi decidida pela assembléia dos trabalhadores realizada na manhã do dia 13, da qual participaram mais de 2 500 mineiros e operários da «Saint John Del Rei Mining Company». O apoio ao movimento foi unânime desde o primeiro momento da sua deflagração.

A SITUAÇÃO

O primeiro dia de greve revelou a disposição dos trabalhadores. A zero hora do dia 14, o presidente do sindicato da categoria, José Gomes Pinto, acompanhado do advogado da entidade, dirigiu-se aos portões da mina onde comunicou aos trabalhadores que já se encontravam o início da parede. Imediatamente os local: foram abandonados e piquêtes foram distribuídos nos diversoso setores com o objetivo de comunicar àqueles que ainda não haviam sido informados, da eclosão do movimento.

Às primeiras horas da manhã do dia 14, a paralisação que se registrava na mina e na hidrelétrica assinalava a vitória total do movimento. Nas cidades servidas pela usina do Rio do Peixe verificava-se também a paralisação de outros setores de atividade tendo em vista a supressão do fornecimento de energia elétrica. O bondinho que faz o transporte de passageiros entre Nova Lima e Raposos também parou e só voltará a funcionar após o término da greve.

O presidente do sindicato, falando à imprensa, revelou que a greve era seguida por todos os trabalhadores, com exclusão do pessoal que trabalha no hospital. Adiantou que o espírito que domina os trabalhadores é o melhor possível e que a disposição de todos era de sòmente retornar ao trabalho após a conquista completa das suas reivindicações.

O QUE EXIGEM

Os mineiros e trabalhadores de Morro Velho deflagraram a greve objetivando a conquista das seguintes reivindicações: 1) aumento geral de salários da ordem de 80%; 2) extensão do plano de produção aos trabalhadores do tráfego; 3) extensão do plano canadense (prêmios de produção) ao pessoal que trabalha na superfície; 4) normalização do pagamento da taxa de insalubridade; 5) pagamento dos dias de greve; 6) pagamento do abono-família; 7) garantia de não perseguição aos trabalhadores por motivo da greve.

As reivindicações foram rejeitadas pela direção da emprêsa, que alegou inclusive ter a situação da mesma chegado a tal ponto de ameaçá-la até de fechamento.

TROMBAS E FORMOSO (GOIÁS)

A Penetração Capitalista no Campo Cria Problemas Para a Associação

RUI FACÓ enviado especial de NR
(4ª de uma série de reportagens)

A Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Formoso-Trombas, desde que tomou pé nas questões da região, levada certamente pela própria experiência individual de seus líderes e liderados, adotou como critério da divisão das terras dar a cada posseiro uma área capaz de assegurar a subsistência de sua família, com um máximo de 103 alqueires. Tendo o alqueire goiano 48.400 metros quadrados, cêrca de 5 hectares, uma posse de 106 alqueires, aproximadamente 500 hectares, poderia ser considerada gran de propriedade. Mas, nas condições locais, em que apenas 20% das terras são de cultura e os 80% restantes de pastagem, qualificam-na de pequena propriedade. Além disso, temos aqui a agricultura ùnicamente extensiva, em que o terreno cultivado deve ser deixado em pouso durante algum tempo, plantarse adiante, sem máquinas e sem adubos. É a agricultura de enxada (*).

Mas a região é fértil, sempre irrigada pelos ribeirões perenes que descem da serra Dourada, ótima para a cultivo do arroz, que se vai difundindo hoje por todo o Estado de Goiás. Excelente para a Pecuária, e não vemos aqui o gado pé-duro do Nordeste. Até mesmo os menores criadores têm animais raceados. Se há alguns anos a corrente migratória proveniente do Maranhão, de Minas, da Bahia era avultada, depois do triunfo dos posseiros sôbre a polícia cresceu de forma extraordinária. Não há estatísticas, mas segundo me informaram mais de uma dezena de famílias chegam diàriamente à região. Se em 1954 até 56 contavam-se na área de Formoso-Trombas uns 4 mil posseiros, ou menos ainda, hoje são 10 mil, portanto de 40 a 50 mil pessoas.

Assim, não é de estranhar que se incentivasse a cultura do arroz. Sòmente o distrito de Formoso-Trombas produz mais de 70.000 sacos de arroz. Foi esta produção, depois da luta, que abriu as portas de Trombas, e não é improvável que tenha contribuído para fazer recuar a polícia... Comércio é comércio — dizem todos.

A verdade é que pequenos e pobres posseiros de ontem estão transformados hoje em donos de ótimas «chácaras», são intermediários na compra do arroz para as grandes firmas de Anápolis, a capital comercial de Goiás. Os caminhões para o transporte do produto chegam regularmente a Trombas, mesmo naquela péssima estrada onde não se faz mais de 20 quilômetros por hora. Na região já existem posseiros donos de máquinas de beneficiamento de arroz, embora de pequena capacidade produtora. Durante minha estada em Trombas assisti à chegada de outra máquina, mas não para beneficiar arroz: para destilar aguardente de cana, pois a cana-de-açúcar dá melhor aí do que em certas zonas do Nordeste. Depois, vi pelos arredores algumas engenhocas destinadas à produção de rapaduras.

Quer dizer, ainda que em proporções bastante modestas, vai-se registrando esta modalidade de penetração do capitalismo na agricultura, o emprêgo de máquinas.

Outra modalidade mais comum de sua penetração é o trabalho assalariado. Dada ainda a escassez de dinheiro, muitos trbalhadores agrícolas preferem vender sua fôrça de trabalho a cultivar uma posse ou criar gado. A maioria, porém, harmoniza as duas coisas: cultiva um pequeno lote de terra, apenas para a subsistência, cria algumas reses para obter leite e carne, e trabalha como assalariado em certas épocas do ano. E' grande a escassez de mão-de-obra, mas, apesar disso o salário não é superior a 150 cruzeiros por dia. (*) Grande número de assalariados são volantes. Muitos dêles não tiveram condições de «tocar» suas posses, de fazê-las rentáveis. Outros estão habituados a esta vagabundagem que a miséria impôs, de geração a geração. Outros ainda — sobretudo os que procedem do Maranhão, são homens de mentalidade atrasada (são os posseiros mais atrasados — me dizem —) que se contentam em criar um gadinho. Só aos poucos, ao contacto com os mineiros e baianos, vão evoluindo para uma agricultura e pecuária mais adiantada, ligando-se ao mercado e finalmente, radicando-se como posseiros, como autênticos agricultores. Em Trombas mesmo existe uma certa reserva de mão-de-obra, alguns semi desocupados, que eventualmente se empregam como assalariados.

Uma vez que a região progride, que se desenvolve a produção agropecuária com o incentivo do comércio, observa-se uma tendência à especulação com a terra. A Associação proíbe a venda das posses, pois estas ainda não estão legalmente demarcadas nem legalmente transferidas a seu legítimo dono. Então, vemos posseiros que, depois de construírem a casa, de plantarem fruteiras, de levantarem cêrcas, decidem mudar-se. Não vendem o lote de terra, mas transferem as benfeitorias por preços muito superiores aos normais. E como não há quem o impeça, tomam outra posse adiante, em outro córrego, e fazem a mesma muamba. E proletários ou semiproletários agrícolas de ontem acumulam pequenas fortunas, são na escala social pequenos burgueses. E' uma categoria que tende a crescer na região de Formoso.

Mas a que está crescendo mais à vista é a dos agricultores ricos, que já produzem em larga escala para o mercado. Visitei uma «chácara» nos arredores de Trombas, uma pequena propriedade de uns 5 alqueires. Estava tôda a terra de cultura magnificamente aproveitada, com plantação de cana-de-açúcar, abacaxis, fumo, um bananal, um curral com 10 vacas de raça. Êste chacareiro acaba de mandar abrir um rêgo-d'água para movimentar uma destilaria destinada à produção de aguardente. Mantém assalariados temporários. Chegou a Trombas em 1954, quando havia apenas umas três casinhas. Tem, além da chácara, uma posse. Mas sòmente a chácara não dá por 500 contos, segundo me disse.

Já existem posseiros na região que colhem de 900 a mil sacos de arroz numa safra. Outros que têm 200 reses.

E' interessante observar que, não obstante a abundância (relativa) de terras agricultáveis, onde a pecuária é fácil, onde o domínio do latifúndio não existe, ainda assim subsistem certos elementos de relações pré-capitalistas.

Devido à escassez de dinheiro, o mais comum entre os posseiros pobres é a venda da colheita na **fôlha**, a preços, muitas vêzes, que representam verdadeira extorsão do trabalho do posseiro, são comprados na fôlha particularmente o arroz e o milho, na base de uma avaliação em geral muito inferior ao que será de fato a colheita. Mas, alega o comprador, o dinheiro é adiantado com prazo largo. O posseiro não tem outra saída senão submeter-se a esta usurpação do produto de seu trabalho.

Embora pareça incompreensível, numa região em que se distribuem terras e em que sòmente metade das terras estão distribuídas, ainda encontramos na região de Formoso-Trombas o arrendamento de tipo semifeudal, na base da **meia**. Mais uma vez aqui a causa fundamental é a escassez de dinheiro e a conseqüente dificuldade de comprar instrumentos de trabalho, sementes, etc. O posseiro que dispõe de instrumentos de trabalho, que pode alugar assalariados e desbravar suas terras de maneira adequada, podendo entregar a terra limpa ao arrendatário, cobra dêste 50% sôbre a colheita. O arrendamento na base de 20 a 30% funciona no caso de o arrendatário cuidar êle mesmo da terra. Para o arrendador, em face de escassez de mão-de-obra assalariada, há outra vantagem de dar a terra em arrendamento: garantir-se trabalhador.

Vemos, assim, que numa região para onde acorreram trabalhadores rurais pobres, nivelados pela mesma miséria, desde que ultrapassem os limites da produção natural, que se desenvolve o mercado interno e a circulação monetária, começam a formar-se novas classes e grupos sociais. Já encontramos em FormosoTrombas o **camponês rico**, misto de agricultor e comerciante, entrando pelo caminho da pequena produção industrial fabrico de rapadura, aguardente, beneficiamento de arroz, etc.); o **semi-assalariado** agrícola, aquêle que, mesmo possuindo a terra, é levado por uma série de circunstâncias, a vender sua fôrça de trabalho; o **camponês pobre**, que mal cultiva a própria terra para viver e é constrangido a vender a colheita na fôlha.

São êstes, em Formoso-Trombas, os grupos sociais mais destacados e mais numerosos. Como grupo, não se encontra o assalariado puro, pois que a terra existe e não há ninguém que seja obrigado a vender sua fôrça de trabalho por falta absoluta do meio essencial de produção. Em Formoso-Trombas o grupo mais numeroso ainda é o dos camponeses pobres. São êles que, embora possuidores de um lote de terra, não tendo capital para explorá-lo com objetivos mercantis, vêem-se, obrigados a vender sua fôrça de trabalho ao camponês rico (ou em processo de enriquecimento) para poder viver.

E' esta diferenciação de classes que se registra em ritmo acentuado, com que terão de defrontar-se cada vez mais as Associações de Lavradores e Trabalhadores agrícolas. Tanto as Associações como os Conselhos, pelo que pude compreender de sua atual organização e funcionamento, encontram-se diante de um dilema: ou atuarão, daqui por diante, levando em conta os interêsses vitais dos posseiros pobres e dos semi-assalariados, ou se tranformarão inevitàvelmente em órgãos defensores dos interêsses da burguesia rural e comerciante em formação. Mais do que isto, talvez, de futuro, em órgãos de domínio desta sôbre aquêles.

(*) Há uma resolução da Associação segundo a qual perde o direito à posse aquêle que não a beneficiar, plantando ou criando. A Associação, nos últimos tempos, ante a produção predominantemente de arroz, vem procurando diversificá-la, aconselhando o plantio de milho, feijão, algodão, etc. A criação de porcos vem tomando grande incremento; alguns posseiros falaram-me com entusiasmo de porcos de 22 arrôbas.

(*) Para têrmo de comparação do que representa um salário de 150 cruzeiros, anotei os seguintes preços no comércio de Trombas (entre parênteses, o preço em vigor em 1960): um machado Collins — 400,00 (220,00); uma enxada — 250,00 (170,00); uma foice — 200, (90,00); um sapatão de trabalho — 450,00 (200,00); querozene — 520,00 (230,00). Preços em vigor no arroz — 25,00 rapadura — .... 22,00; toucinho — 150,00; carne de vaca — 80,00. O preço do arroz (em grôsso) do lavrador ao intermediário 500,00 o saco; do intermediário ao comerciante em Anápolis 850,00. Houve êste ano uma sensível queda na produção do arroz devido à desproporção dos preços do produto em relação à alta geral dos preços, a começar pelos combustíveis, que puxaram a fila dos aumentos nunca vistos.

ALAGOAS: CUSTO DE VIDA AUMENTOU EM 20% DEPOIS DA INSTRUÇÃO 204

MACEIÓ, julho (Do Correspondente) — A Instrução 204 da SUMOC e a completa indiferença das autoridades estaduais provocaram nos primeiros cinco meses do ano em curso uma alta indiscriminada do custo da vida, que atinge principalmente os gêneros de primeira necessidade.

Segundo uma pesquisa realizada pelo semanário alagoano "A Voz do Povo", o custo de vida subiu, de janeiro a maio, de 20%, uma das mais altas percentagens já registradas no país, sendo que a partir de abril os aumentos se verificaram em escala muito maior do que nos meses anteriores. Êsse fato e atribuído, principalmente, às conseqüências da Instrução 204 que marcou a nova política econômica do govêrno federal e cujos efeitos atingem diretamente à população. Em Maceió aponta-se também como responsável por alguns aumentos indiscriminados de gêneros que se verificaram, o governador udenista Luís Cavalcanti, que deu campo livre à ação altista dos grandes especuladores e tubarões.

Os aumentos verificados, conforme se pode constatar pela tabela abaixo, se referem aos seguintes produtos:

Gênero	*Preços de janeiro* Cr$	*de maio* Cr$
Carne sem osso	140,00	160,00
Feijão	40,00	50,00
Toucinho	100,00	130,00
Charque	1[illegible]0,00	220,00
Ovos	70,00	84,00

Além dêsses, se verificaram aumentos substanciais no preço do pão (100%); transportes urbanos (40%) e verduras e legumes (90).

GOVÊRNO ESTIMULA

O govêrno estadual, além de não tomar medidas no sentido de coibir o abuso dos especuladores, ainda contribui para que aumente o ritmo de crescimento da carestia. Ao mesmo tempo que o govêrno federal decretava a famigerada Instrução 204, o sr. Luís Cavalcanti aumentava desordenada e indiscriminadamente alguns impostos, e em proporções tais que naiguns casos o tributo supera o próprio preço do artigo taxado.

LUTA CONTRA A CARESTIA

Os trabalhadores e o povo de Maceió têm protestado veementemente contra a carestia, através de manifestações e pronunciamentos de suas entidades. Os sindicatos realizam campanha de esclarecimento sôbre a política econômica do govêrno federal e as organizações populares e estudantis protestam calorosamente, por todos os meios, contra a onda de miséria e fome que se abate sôbre Alagoas em virtude dos preços probitivos alcançados pelos gêneros de primeira necessidade.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Maria Diniz — (Rio)	100,00
Um amigo — (Rio)	1.000,00
Um Professor - (Rio)	2 00,00
Rodinha da Central — Frutuoso	50,00
Rodinha da Central — Cosme	100,00
Rodinha da Central — Mário	50,00
Rodinha da Central - Gama	100,00
Nylson Neves (Florianópolis) .	100,00
Dez Dias Que Abalaram - Rio	500,00
Um leitor	100,00
Um amigo	100,00
Moradores do Arraial do Cabo (E. Rio) — ..	2 837,00

Kruschiov: Solução do Problema da Alemanha é Garantia de Paz

(Conclusão da 5ª Página)

trora fizera Hitler na preparação da guerra. E o alentam precisamente os mesmos países que então alentaram Hitler.

Mas êles se esquecem de que, desde então, a situação mudou radicalmente. Naquela época a União Soviética e a Mongólia Popular se encontravam sob o cêrco capitalista, enquanto que agora cresce e se fortalece o poderoso campo socialista, que congrega mais de um bilhão de pessoas. Desmorona-se o regime colonial e vão surgindo novos e novos Estados independentes, que se colocam no caminho da aplicação de uma política de paz. Não são agora as fôrças do imperialismo, mas as fôrças da paz e do socialismo as que determinam as principais vias, a direção principal do desenvolvimento internacional e social.

A União Soviética demonstra a máxima boa vontade a fim de conseguir a compreensão mútua com nossos antigos aliados e a República Federal Alemã. Mas a linguagem das ameaças e intimidações, a que recorrem a miúdo no Ocidente, não contribui para a criação de um clima propício às conversações. Mais ainda, em semelhante situação a assinatura do tratado de paz com a República Democrática Alemã, com tôdas as suas conseqüências, pode constituir a única saída da situação criada.

Assinaremos o tratado de paz e daremos às nossas fôrças armadas a ordem de que qualquer agressor que levante a mão contra a União Soviética ou contra nossos amigos receba a devida réplica.

O govêrno soviético procura sinceramente estabelecer uma paz sólida. Mas não nos devemos esquecer que a garantia da paz não depende só de nossos desejos, de nossos esforços. Só se pode assegurar uma paz sólida com a condição de que, para a consecução dêsse objetivo, façam esforços também os governos dos outros Estados, que lutem por isso os povos de todo o mundo.

Dizemos que uma nova guerra mundial não é inevitável. Mas não se pode considerar que já esteja excluída totalmente a possibilidade de irrompimento de uma guerra, porquanto existem potências imperialistas. Por isso, devemos estar preparados para qualquer eventualidade, e bem preparados. Os soviéticos, e em primeiro lugar nossa juventude, devem dar provas de vigilância e estar prontos a defender o país e repelir o agressor se êste se atrever a agredir nossa pátria.

Devemos aperfeiçoar nossas armas, aperfeiçoar nossos conhecimentos no domínio dessas mesmas armas, para que elas funcionem sem defeitos e certeiramente. E isso vós, sobretudo, comandantes e chefes de nossas tropas, devereis tê-lo presente. O Exército Soviético deve estar pronto a defender firmemente, em qualquer momento, a edificação pacífica do comunismo na União Soviética e cumprir com seu dever internacional, ajudando aos demais países socialistas.

As Fôrças Armadas soviéticas dispõem hoje de tudo quanto lhes é necessário para resolver com êxito as responsáveis tarefas que lhes cabem. Dispõem de quantidade suficiente de armas termo-nucleares e dos mais perfeitos meios de transportes: foguetes de combate de próximo e médio raio de ação, assim como intercontinentais.

Que aquêles que projetam a guerra não pensem que a distância os salvará. Não; se os imperialistas desencadearem a guerra, esta terminará com a derrota total e o desaparecimento do imperialismo. A humanidade liquidará de uma vez para sempre com o regime que engendra guerras de conquistas.

AMEAÇAS DO OCIDENTE

Camaradas: O govêrno da União Soviética acompanha atentamente as medidas de caráter militar levadas a cabo últimamente pelos Estados Unidos da América e seus aliados da OTAN. Não podemos ignorar fatos como o aumento, nos países ocidentais, dos efetivos de suas fôrças armadas, a adoção de medidas para aumentar consideràvelmente o número de bombardeiros estratégicos com armas atômicas a bordo, que permanecem constantemente no ar. São equipadas com armas as mais modernas as tropas da Alemanha Ocidental e aumentam seus efetivos.

O presidente dos Estados Unidos, sr. Kennedy, anunciou em sua recente mensagem ao Congresso o chamado "Novo rumo de ação", que prevê a intensificação do programa de fabricação de armas de foguetes e nucleares com fins estratégicos e a elevação da potência de fogo de tôdas as armas. Para êsse fim o presidente Kennedy propôs aumentar as verbas militares em mais de 3 bilhões e 500 milhões de dólares além do projeto de orçamento apresentado pelo anterior presidente. Isto significa que as verbas militares para o ano orçamentário de 1961/62 ultrapassarão a casa dos 53 bilhões de dólares. Aumentaram êste ano em 18% as despesas militares na República Federal Alemã. É considerável o acréscimo de gastos para fins militares na Inglaterra, França e outros países da OTAN.

É assim que respondem as potências ocidentais à iniciativa da União Soviética, levando a cabo, durante vários anos, unilateralmente, a redução de suas fôrças armadas e verbas para fins militares.

Seria justo que continuássemos, nessas condições, a redução de nossas Fôrças Armadas unilateralmente?

Tendo em vista a situação criada, o govêrno soviético se vê obrigado a dar instrução ao Ministério da Defesa para suspender, até nova ordem, a redução das Fôrças Armadas projetada para o ano de 1961.

São medidas a que nos vemos forçados, camaradas. A elas recorremos devido à situação criada, uma vez que não podemos desprezar os interêsses da segurança do povo soviético.

Camaradas: Estamos profundamente convencidos de que a solução de muitos problemas inadiáveis relacionados com o desanuviamento da situação internacional, depende em grande parte das relações entre a União Soviética e os Estados Unidos. Compreendemos evidentemente que o melhoramento das relações soviético-americanas não é coisa fácil. Não pode ser resolvido sem que ambas as partes o desejem e tomem medidas práticas nesse sentido.

A êsse respeito, contém interêsse a declaração do presidente dos Estados Unidos, Sr. Kennedy, em sua entrevista à imprensa no dia 28 de junho, na qual se referiu à emulação econômica pacífica entre nossos países. Esta atitude nos agrada. Isto é, naturalmente, muito melhor do que competir na criação de tipos de armas cada vez mais destruidoras. Temos falado e falamos sempre a êsse respeito.

A União Soviética se encontra nesse momento atrasada em relação aos Estados Unidos quanto ao nível de desenvolvimento econômico, e o reconhecemos francamente. Mas nosso país tem possibilidades potenciais inesgotáveis para liquidar ràpidamente êste atraso e tornar-se mais rico do que os Estados Unidos. Nós, soviéticos, estamos certos de que não está longe o dia em que a União Soviética alcançará os Estados Unidos em todos os índices fundamentais. Não se trata de um sonho abstrato, mas de planos reais, baseados em cálculos concretos.

Nosso desejo de ser mais ricos do que os Estados Unidos, de alcançá-los no terreno do desenvolvimento econômico, não é, absolutamente, uma ameaça aos Estados Unidos. Há os que o qualificam de repto aos Estados Unidos. Mas é um desafio para a emulação pacífica. E que há de mal nisso? Pois independentemente de quem seja o vencedor nessa emulação, sairão ganhando os povos de ambos os países, uma vez que serão êles que desfrutarão os bens do trabalho pacífico.

O presidente Kennedy reconheceu em sua entrevista que o sistema socialista permite à União Soviética alcançar os Estados Unidos. É verdade que êle acredita que isso ocorrerá em prazos mais largos do que os que nós pretendemos. Põe em dúvida a realidade de nossos planos, mas os fatos, a vida, mostram convincentemente que êle não tem razão.

EUA SERÃO ULTRAPASSADOS

Não polemizarei com o sr. Kennedy, limitando-me a um simples cálculo. O volume de produção industrial da União Soviética, em 1960, representava 60% da norte-americana. O ritmo médio de incremento da produção industrial em nosso país correspondia, nos 16 últimos anos, a 10,6%. Se a produção da indústria soviética crescer anualmente em 10%, a União Soviética produzirá em 1966, em relação ao atual nível norte-americano, 106%, e em 1970, 156%.

Para que a produção industrial dos Estados Unidos aumente em dez anos 56%, deve incrementar-se anualmente em 4,5%. Mas ainda que os norte-americanos consigam um aumento anual de 4,5%, como o deseja o sr. Kennedy, também neste caso nós igualaremos a êles em 1970.

No entanto, se os norte-americanos conservarem o ritmo de incremento da produção industrial em 2%, como se verificava em seu país, em média, no período de após-guerra, a União Soviética ultrapassará os Estados Unidos já em 1967. Se a produção industrial norte-americana fôr aumentando anualmente em em 3%, deixá-los-emos para trás em 1968.

Dados semelhantes podiam ser citados também em relação às perspectivas de desenvolvimento da agricultura de nossos dois países.

Os prognósticos sôbre o desenvolvimento econômico provocam, logo, maiores discussões. Eu, por exemplo, recebi com ceticismo as declarações que o sr. Kennedy fazia durante a campanha eleitoral, criticando Eisenhower pelo ritmo de desenvolvimento da economia norte-americana. Prometera êle que, com o advento da nova administração, sobreviria para os Estados Unidos um progresso da economia e se reduziria o número de desempregados.

Já naquela época, numa palestra com a sra. Roosevelt, eu lhe dizia que se o Partido Democrata chegasse ao Poder e o sr. Kennedy fôsse presidente, êste, na minha opinião, dificilmente conseguiria, no terreno econômico, mais do que havia conseguido o govêrno de Eisenhower. E assim é, de fato. Vêde, por exemplo, o problema do desemprêgo. Em outubro do ano passado havia nos Estados Unidos 3 milhões e 500 mil desempregados. E em junho dêste ano, depois de 8 meses, o número de sem-trabalho, longe de reduzir-se, havia crescido para 5 milhões e 500 mil.

Nas condições do sistema capitalista, o desenvolvimento da economia pouco depende do presidente. Cada capitalista dispõe êle mesmo de seus capitais, e lança à rua os operários quando isso lhe convém.

Tais são as leis do capitalismo, leis draconianas, mas que estão em vigor. Tudo isso, naturalmente, não existe nem pode existir sob o regime socialista.

Pode-se discutir acêrca dos prognósticos do desenvolvimento econômico dêsse ou daquele país. Podem-se fazer diferentes suposições. Mas essas disputas não são motivos para guerras entre Estados.

De modo que desejamos, sr. Kennedy, que a história mesma julgue quem faz prognósticos certos e quem se equivoca.

Desempenham um papel importante nas boas relações entre os países as relações econômicas, culturais, e de outro gênero, e a União Soviética aspira a desenvolvê-las. Estabelecemos relações comerciais bastante boas com a Inglaterra, França, Itália, Japão e Alemanha ocidental. Êsse comércio nos é mùtuamente benéfico.

Nossas relações comerciais com outros países também se desenvolvem. Mas não se pode dizer o mesmo de nosso comércio com os EUA. De fato, não comerciamos com os Estados Unidos, e isso não beneficia aos dois países. Quero que me compreendais bem. Somos favoráveis ao desenvolvimento do comércio com os EUA não porque não podemos viver sem êle. A União Soviética não só viverá como inclusive continuará avançando ràpidamente, cumprindo e ultrapassando os planos econômicos traçados.

Mas, por acaso pode-se falar sèriamente de relações e da criação de um clima de confiança entre as duas potências mais poderosas do mundo quando uma delas aplica a política de discriminação econômica em relação à outra? Naturalmente que não. Se os Estados Unidos revelassem compreensão, renunciando à política de frenamento artificial das relações comerciais com a União Soviética, isso contribuiria para a normalização das relações amistosas, para o desanuviamento da situação internacional.

COEXISTÊNCIA PACÍFICA

A política soviética é uma política de coexistência pacífica, política de emulação econômica. Por isso, dizemos ao presidente Kennedy, ao general de Gaulle, ao sr. Mac Millan: vamos competir neste terreno. Se depois de concluirmos o tratado de paz com a Alemanha estreitarmos as mãos e declararmos que dedicaremos nossos esforços à competição econômica, todos os homens da Terra respirarão aliviados.

Isso constituiria um bom prólogo para negociações ulteriores e a realização do sonho secular da humanidade, com a criação de uma paz sólida na Terra. Estamos prontos para isso, estendemos a mão aos governos das potências ocidentais.

* * *

Camaradas: O Exército Soviético conquistou muitas vitórias gloriosas sôbre os inimigos de nossa pátria. É hoje o mais adiantado e o mais poderoso exército do mundo. Durante os últimos anos, graças à preocupação do Partido e do povo, mudou radicalmente a base técnica do Exército da Frota, da Aviação soviéticos. Nossas Fôrças Armadas continuarão a desenvolver-se e aperfeiçoar-se continuamente, equipando-se com os armamentos mais potentes, enquanto não fôr aprovado um plano de desarmamento geral.

No entanto, por mais perfeito e poderoso que seja o equipamento militar, só pode cumprir seu destino se se achar em mãos seguras e hábeis de combatentes ideològicamente temperados, valentes e infinitamente fiéis a sua pátria.

A responsabilidade pelo cumprimento das tarefas que se apresentam ante as Fôrças Armadas soviéticas recai, em primeiro lugar, sôbre nossos quadros de oficiais. Para estarem à altura de sua situação, os oficiais devem estudar com empenho a teoria marxista-leninista.

O oficial soviético deve ser, em tudo e por tudo, um exemplo de amadurecimento político, de alta moralidade e rigoroso cumprimento ao dever militar. Ao mesmo tempo, no serviço militar, como em nenhuma outra tarefa, é necessário dar prova de elevada e constante exigência, firme vontade de comando e observância inflexível do princípio de direção única. Dirigir significa ser organizador das massas e orientar hàbilmente os homens para a consecução do objetivo assinalado.

Os oficiais devem aproveitar sàbiamente os grandes direitos que se lhes concedem para elevar a preparação combativa, reforçar a disciplina e a ordem nas unidades e nos navios.

A disciplina militar é chamada a mãe da vitória. E deve-se dizer que a expriência da guerra confirma plenamente êsse axioma. O moderno equipamento e os novos tipos de armas, longe de reduzir, aumentam incomensuràvelmente a importância da disciplina militar

Em nosso tempo, o oficial deve ter alta qualificação militar e técnica e possuir um amplo campo visual da teoria geral. Pode cumprir com êxito suas obrigações se acompanhar o desenvolvimento da teoria e da prática militares. Basta adotar, mesmo por pouco tempo, a postura do presunçoso, pleno de auto-suficiência, para ficar para trás. A atitude crítica quanto aos resultados de seu trabalho, a inadmissibilidade dos defeitos, a honradez e a veracidade ante o Partido e o povo devem ser os dons inalienáveis de todos os nossos oficiais.

O Exército Soviético sempre foi forte pela consciência de seus efetivos, pela fidelidade aos sagrados ideais de nosso Partido. A alta convicção ideológica dos combatentes, sua presteza para defender com honra a pátria soviética, nosso povo e os altos ideais do socialismo constituem a grandiosa vantagem de nosso exército em relação aos exércitos dos países capitalistas.

É necessário continuar educando insistentemente os combatentes na base das idéias do marxismo-leninismo e no espírito do patriotismo soviético da amizade entre os povos e do internacionalismo proletário.

A fôrça de nosso exercito, criado sob a direção do grande Lênin, reside em seus laços indestrutíveis com o povo. Deve todos os seus êxitos e suas vitórias ao Partido Comunista. A direção do Partido e sua solicitude constante pelo revigoramento das Fôrças Armadas constituem a base fundamental do edifício militar, do reforçamento da capacidade defensiva da União Soviética.

A elevação do papel e da influência das organizações do Partido no Exército e na Frota devem continuar sendo a base de tôda a nossa política militar. A tarefa dos comandos, dos dirigentes políticos e de todos os chefes consiste em que, em tôda a sua atividade, se apóiem hàbilmente nas organizações do Partido, orientem cotidianamente a energia criadora e a atividade dos comunistas e dos membros do Komsomol para a elevação do aperfeiçoamento de combate das Fôrças Armadas soviéticas.

Complexo e honroso é o trabalho de nossos oficiais. Assumem êles plena responsabilidade por seus subalternos, por sua educação e instrução. A necessidade de presteza combativa constante das tropas exige dos comandos e colaboradores políticos, assim como de todos os efetivos de nossas Fôrças Armadas um trabalho intenso.

O povo confiou às suas Fôrças Armadas a missão de se manterem vigilantes, em guarda de nossa grande pátria soviética, que marcha firmemente para o comunismo. Sêde, pois, dignos dessa alta confiança.

Queridos camaradas: Permiti-me uma vez mais felicitar-vos cordialmente por motivo da conclusão de vosso curso nas Academias Militares e desejar-vos grandes êxitos em vosso nobre trabalho pela paz e a segurança de nossa pátria socialista.

Viva a poderosa e florescente pátria soviética!

Viva as valorosas Fôrças Armadas soviéticas e seus quadros de oficiais!

Glória ao Partido Comunista da União Soviética, organizador e inspirador de tôdas as nossas vitórias!

(NR — Os entretítulos são nossos).

Kruschiov: Solução do Problema da Alemanha é Garantia de Paz

Na recepção oferecida aos oficiais recém-diplomados pela Academia Militar Soviética, no dia 8 de julho déste ano, no Kremlim, o primeiro-ministro da URSS e 1º Secretário do PCUS, Nikita Kruschiov, pronunciou o seguinte discurso:

"Queridos camaradas:

Realizamos hoje a diplomação, pelas nossas Academias Militares, de um novo destacamento de oficiais superiores.

Permiti-me, em nome do Comitê Central do Partido, do Presidium do Soviete Supremo e do Govêrno Soviético, felicitar calorosamente os diplomados das Academias e desejar-lhes grandes êxitos no importante trabalho que deverão efetuar no exército.

O povo soviético ama seu querido exército, orgulha-se daqueles que dedicam sua vida às Fôrças Armadas, ao fortalecimento da capacidade defensiva de nossa grande pátria.

Felicito os professôres, mestres e demais funcionários da Academia, que tanto se têm esforçado por transmitir aos alunos os conhecimentos necessários e ajudá-los a dominar os novos progressos da ciência militar contemporânea.

Saudamos os que concluiram êste ano as Academias Militares de oficiais dos países socialistas. Desejamos de todo o coração que trabalhem de maneira fecunda pelo revigoramento dos exércitos irmãos em proveito de todos os povos, do interêsse de todo o campo socialista.

Camaradas: Concluistes os estudos e em breve integrareis as unidades militares. Cada um de vós pode e deve dar sua digna contribuição à nobre e honrosa causa da consolidação das Fôrças Armadas da União Soviética. Deveis recordar sempre que o povo soviético, o Partido Comunista e o Govêrno soviético confiaram aos militares soviéticos a salvaguarda das conquistas de Outubro e as realizações do socialismo, alcançadas sob a direção do Partido do grande Lênin.

As Fôrças Armadas da União Soviética e dos países socialistas irmãos defendem o nosso belo presente e o ainda mais radiante futuro, para o qual avançam nossos povos sob a bandeira do marxismo-leninismo.

Todo o nosso país se prepara para o XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética. O significado particular do XXII Congresso consiste em que adotará o novo programa do Partido e traçará as tarefas principais da construção da economia e da cultura, da política externa e da educação comunista do povo.

O programa indicará os caminhos concretos do avanço do povo soviético para o comunismo.

Em breve, cada cidadão soviético poderá conhecer êste importantíssimo documento e descortinar o futuro de seu país, que alcançará nos próximos decênios formidáveis progressos no desenvolvimento de sua economia e da cultura, na elevação do bem-estar do povo soviético. Em seu desenvolvimento econômico, a União Soviética ultrapassará os principais países capitalistas.

Camaradas: A União Soviética é um Estado eminentemente pacífico. Não há no mundo outro país que tenha feito tanto para assegurar uma paz sólida e a colaboração internacional.

A União Soviética empreendeu e empreende enormes esforços pela consecução de um acôrdo de desarmamento mediante um rigoroso contrôle internacional. A idéia do desarmamento geral e completo, suscitada pelo Govêrno soviético, foi unânimemente aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas e encontrou um amplo apoio em todos os países do mundo.

No entanto, como o têm demonstrado as negociações, os círculos governantes das potências ocidentais apoiam somente em palavras a idéia do desarmamento, sem desejá-la levar à prática. Nos últimos tempos, receiam até mesmo pensar em desarmamento universal e completo. Tendem a reduzir as coisas ùnicamente a um contrôle sôbre o desarmamento, com a particularidade de que pretendem colocar sob seu contrôle, antes de tudo, os modernos tipos de armas e petrechos militares soviéticos.

As potências ocidentais torpedeiam mesmo um acôrdo para a cessação das experiências nucleares, negando-nos voto paritário no órgão de contrôle. Desejariam fazer as coisas de forma que, em nosso país, funcionasse um sistema de comprovação da cessação das provas nucleares em que nós, no fim de contas, ficaríamos eliminados da participação no funcionamento dos órgãos supervisores. Então, não nos restaria senão aceitar as decisões do administrador internacional, um Hammarskjoeldo qualquer.

Hoje, no Ocidente, reconhece-se que as fôrças da União Soviética e dos demais Estados socialistas não são em nada inferiores às potências ocidentais. No entanto, não se tiram as necessárias conclusões dêsse fato: a fôrças iguais correspondem direitos iguais, possibilidades iguais. Mas nossos interlocutores, mesmo reconhecendo que a correlação de fôrças mudou mas não em favor dêles, querem no entanto continuar ainda a dominar os órgãos internacionais e impor-nos sua vontade.

O Govêrno soviético, ao abordar o problema do desarmamento, como outros problemas internacionais, não aspira a colocar as potências ocidentais em situação desvantajosa. Mas jamais renunciaremos aos nossos interêsses.

A União Soviética está sempre disposta a estudar com sentido prático tôdas as propostas que forem sugeridas pelos governos e estadistas dos demais países.

Consideramos que não seria mal voltar a certas propostas apresentadas anos atrás por diferentes países, pois muitas delas eram bastante realistas e sua execução seria proveitosa para a paz. Vejamos, por exemplo, a proposta da Polônia sôbre a criação na Europa de uma zona desatomizada; as sugestões a respeito da retirada das tropas estrangeiras de territórios alheios; a relativa à conclusão de um pacto de não agressão entre a Organização do Atlântico Norte e o Tratado de Varsóvia, visando evitar uma agressão de surprêsa e restabelecer na Europa uma zona de inspeção recíproca e levantamentos aero-fotográficos de ambos os lados da linha de demarcação entre as fôrças armadas da OTAN e as do Tratado de Varsóvia.

Será que a aprovação dessas propostas prejudicaria alguém? Não; contribuiria para aliviar a tensão internacional, suprimir a guerra fria, melhorar a compreensão mútua. Mas ainda que se efetuassem essas medidas, o desarmamento geral e completo continuaria sendo o problema cardial, cuja solução sanearia radicalmente tôda a situação internacional, dando a certeza aos homens de que não se desencadearia uma terceira guerra mundial. A União Soviética faz tudo quanto está a seu alcance para que êsse problema seja resolvido em favor da humanidade.

Nosso país quer manter boas relações com todos os Estados. É preciso tratar honestamente a solução das questões internacionais pendentes. Desejamos suprimir os vestígios da Segunda Guerra Mundial, acabar com a guerra fria e ajudar assim a obtenção de um acôrdo de desarmamento. Já é tempo de deixar para trás o passado, pois êste não deve obscurecer o futuro.

O PROBLEMA DA ALEMANHA

Permiti-me, camaradas, que me detenha por mais tempo num problema tão importante como a conclusão do tratado de paz com a Alemanha, para que conheçais qual a nossa política e a situação atual.

O Govêrno soviético, juntamente com os governos dos demais países socialistas, propôs a nossos aliados da guerra contra a Alemanha fascista a conclusão de um tratado de paz alemão e a normalização, sôbre esta base, da situação em Berlim ocidental. Dirigimo-nos também ao chefe do govêrno da Alemanha Ocidental, o chanceler Adenauer, contatando-o ao demonstrar compreensão e boa vontade na solução dessa ingente tarefa de nossa época. Os países socialistas afirmaram publicamente que desejam concluir o tratado de paz êste ano, uma vez que desde o término da guerra transcorreram 16 longos anos, prazo mais do que suficiente para preparar-se a solução dêsse problema.

Como reagiu a isso o Ocidente?

Os governos não deram ainda resposta oficial. Mas nos órgãos da imprensa ocidental afins aos círculos governantes, aos Estados-Maiores, ou aos partidos governantes, apareceram numerosas informações a respeito. Infelizmente, ouvem-se vozes nas quais se nota muita insensatez e pouco senso comum. Ameaçam-nos, dizendo que se manterão "firmes", que apelarão para a fôrça a fim de abrir caminho até Berlim ocidental quando fôr assinado o tratado de paz alemão.

Ùltimamente, apareceram notas ameaçadoras também nos discursos dos governantes das potências ocidentais. Há pouco, o presidente da França, general de Gaulle, declarou que no outono, com o objetivo de fortalecer a OTAN, será transferida da Argélia para a Europa uma divisão francesa. O primeiro-ministro inglês, sr. MacMillan, não encontrou até agora nada melhor e mais construtivo do que falar de "firmeza" com o fim de manter na Alemanha os vestígios da guerra e da ocupação.

O govêrno soviético coloca-se nas posições de paz e coexistência pacífica, nas posições de respeito à soberania e não intervenção nos assuntos internos de outras nações. Temos mantido, mantemos e manteremos firmemente essa posição. Nossa firmeza tem, portanto, uma orientação pacífica bem definida.

No entanto, quando outros alternam a firmeza com invocações à necessidade de mobilização, de transferência de novas fôrças para a Europa, etc., trata-se de uma orientação bem diversa. A obstinada falta do desejo de atender às exigências da época e à voz da razão, o velho brandir de armas, supondo que êsse é o argumento mais eficaz para solucionar os problemas internacionais pendentes.

Em resposta às nossas propostas, cuja lógica é evidente, sôbre a conclusão do tratado de paz, começam no Ocidente a contar divisões. E o chanceler Adenauer esgana-se exigindo o armamento atômico. Para que deseja Adenauer a arma atômica? Duas vêzes o militarismo alemão desencadeou a guerra mundial. E hoje, quando ainda restam feridas da segunda conflagração universal, exige êle a arma atômica. Dela necessita a Bundeswehr não para a paz, é claro, mas para desencadear a terceira guerra mundial.

Camaradas: Muitos de nós, participantes da Segunda Guerra Mundial, vimos com nossos próprios olhos quantas calamidades a guerra desencadeou, sentimos em nós mesmos o que é a guerra. Compreendeis o que significaria uma guerra agora, se fôsse desencadeada. Nela não seriam as divisões que decidiriam. Numa guerra atômica a decisão cabe aos foguetes, às bombas atômicas e de hidrogênio. E não é de tanta importância saber quantas divisões serão trasladadas da Argélia: uma ou dez. Isto em nada alteraria a situação.

O sr. Adenauer não combateu, e certamente quer uma oportunidade para supri essa falta. Já apontou até contra quem combaterá. Domingo passado, o belicoso chanceler qualificou mais uma vez a União Soviética de "inimigo potencial", exigindo equiparar o armamento da Bundeswehr com o dêsse inimigo. Ao mesmo tempo, atacou aquêles que na Alemanha Ocidental se pronunciam pela neutralidade.

Pensará o chanceler no que diz? Gosta de apresentar-se como vítima de Hitler, enquanto lhe segue as pegadas. Adenauer não imagina, parece, o que seria uma guerra moderna, pois de outro modo não brincaria tão insensatamente com o destino dos povos.

É mister conclamar não à guerra, mas à paz, não perturbar a atmosfera, não levar as coisas até o conflito. É melhor que nos sentemos em tôrno de uma mesa e discutamos tranquilamente todos os problemas, sem recorrer a ameaças. Nós propomos a convocação de uma conferência de paz, e iriamos a ela com o nosso projeto de tratado. Que as potências ocidentais apresentem as suas propostas, o seu projeto de solução pacífica. Discutiremos tôdas as propostas e aceitaremos aquelas que contribuirem para o fortalecimento da paz e levarem em conta, da melhor forma, os interêsses e a soberania de tôdas as nações.

RDA, ESTADO SOBERANO

Berlim ocidental é uma ilha, dentro da República Democrática Alemã, na qual subsiste o sistema capitalista. Não queremos intervir nos assuntos domésticos da população da cidade, nem boicotar o prestígio dos Estados Unidos, Inglaterra e França. Pode ser encontrada uma solução do problema que satisfaça a todos os países que combateram contra a Alemanha e que não altere o regime vigente em Berlim ocidental? Sim, pode. E nós propomos esta solução: conceder a Berlim ocidental o estatuto de Cidade Livre, dar-lhe garantias, por parte das quatro grandes potências, Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética, bem como dos países neutros, ou da Organização das Nações Unidas. Se as potências ocidentais têm uma variante melhor de garantias, que a proponham.

É natural, porém, que qualquer solução a respeito de Berlim ocidental deva levar em conta que ela se acha no centro de um Estado soberano e que através do território dêsse Estado passam tôdas as comunicações de Berlim ocidental com o mundo exterior. Como é admitido nas relações internacionais, o acesso a êsse ou àquele país através do território de um terceiro Estado exige sempre o correspondente consentimento das autoridades do mencionado Estado.

Assim, por exemplo, os governos soviético e inglês estabeleceram comunicação aérea regular entre Moscou e Londres, via Copenhague. Mas ninguém nos autorizava a voar sôbre Copenhague se não nos pusésemos de acôrdo com o govêrno da Dinamarca. Isso é tão normal e legítimo que em nada surpreende. Então, por que há de haver outro critério para voar sôbre o território da República Democrática Alemã ou para utilizar suas autoestradas ou viasférreas?

Ao propormos a conclusão do tratado de paz com a Alemanha e, sôbre esta base, resolver o problema de Berlim ocidental, não ameaçamos a ninguém. Não exigimos nem a modificação das condições políticas e sociais criadas depois da guerra, nem o estabelecimento de novas fronteiras. A União Soviética não procura obter nenhuma vantagem com a solução pacífica, não quer diminuir ninguém nem lesar os interêsses de ninguém.

Os países socialistas não atentam contra o direito da população de Berlim ocidental de determinar livremente o regime econômico e social em que quer viver. Ninguém abriga o propósito de levantar obstáculos ao acesso a Berlim ocidental, que pode estabelecer relações com qualquer Estado e mantê-las com a amplitude que considere conveniente.

O govêrno soviético está de acôrdo com a recente declaração do Presidente Kennedy no sentido de que qualquer nova decisão sôbre Berlim ocidental não deve ferir os direitos da população desta cidade de fazer uma escolha independente, como homens livres. Nossa proposta corresponde inteiramente a essa exigência.

O govêrno soviético está disposto a dar garantias de maior alcance a respeito de Berlim ocidental. Indiquei mais de uma vez diversas formas de garantias. Mas, nos países da OTAN, que instigam a psicose bélica por motivo de Berlim ocidental, silenciam cuidadosamente essa parte de nossas propostas. A imprensa "livre" capitalista, percebendo a debilidade das posições do Ocidente, brada que a União Soviética quer apoderar-se de Berlim ocidental e alcançar certos objetivos à custa dos outros. Com semelhantes mentiras tenta ocultar à opinião o verdadeiro caráter das propostas soviéticas.

Não atentamos contra Berlim ocidental, nem contra a liberdade de sua população. Somos pela liberdade de Berlim ocidental à base da liberdade e não da ocupação. Não queremos senão a liquidação dos remanescentes da Segunda Guerra Mundial para o saneamento de tôda a situação na Europa. Precisamente por isso insiste a União Soviética em que se conclua o tratado de paz com a Alemanha.

A União Soviética lamenta que os dirigentes das potências ocidentais não manifestem o desejo de colaborar conosco no que se refere ao tratado de paz com a Alemanha. Ou não compreendem êles a importância da solução pacífica do problema alemão para os destinos da paz, ou, o que é mais provável, não podem elevar-se, de modo algum, acima dos interêsses de seus blocos militares.

Isso é claro e compreensível para todos os que procuram soluções razoáveis. Mas há quem pretenda fazer passar nossas propostas por "ameaças", dizendo depois, que a essas "ameaças" responderão com a fôrça. Por acaso será essa uma política sensata? Não é fortuito que seja crítica da precisamente nos próprios países ocidentais. Ali, muitos compreendem com justeza a situação e concluem os dirigentes dos Estados Unidos, Inglaterra e França a porem de lado as prevenções e verem quão distante está a política do Ocidente das condições reais em que vivem os Estados.

Podemos citar autoridades tão conhecidas no mundo ocidental como o general norte-americano Mc-Arthur, que em recente discurso proferido em Manilha condenou a interdição à guerra mundial, ou o marechal inglês Montgomery, o qual propôe a evacuação de tôdas as tropas estrangeiras da Europa, a liquidação das bases militares estrangeiras, a evacuação das tropas estrangeiras de Berlim ocidental, etc. Assim falam homens que combateram, pois sabem o que é a guerra e vêem claramente as calamidades que traria à humanidade uma nova guerra mundial, caso deflagrasse.

ELIMINAR A TENSÃC

Conclamamos a que se ponha de lado o método da intimidação. Não se deve admitir a guerra; ela ceifaria muitas vidas. Os primeiros disparos poderiam soar nas fronteiras, onde as tropas se encontram frente a frente. Mas quem garante quê a êsses disparos não responderão as explosões nucleares em todo o globo terrestre? que não comece uma guerra em que se mesclariam frente e retaguarda? Todos devem ter consciência disso. Os que nos ameaçam devem saber que podemos dar a réplica aos agressores. Dispomos de meios para isso.

A União Soviética alcançou êxitos enormes no desenvolvimento da economia, da cultura, da ciência. Nosso povo criou e educou as Fôrças Armadas, que suportaram sôbre os seus ombros o principal pêso da luta contra o fascismo e derrotaram o militarismo alemão. Isso nos deu o direito — creio que me comprenderão justamente — a dirigirmo-nos aos governantes dos países nossos aliados na guerra passada: ao presidente dos Estados Unidos, senhor Kennedy, ao presidente da República Francesa, general de Gaulle, e ao primeiro-ministro da Grã Bretanha, senhor MacMillan — concitando-os a dar provas de sensatez na solução do problema alemão, a sentar-se à mesa das negociações, juntamente com os representantes de outros Estados pacíficos e concluir o tratado de paz. Sensatez, e uma vez mais sensatez, é o que se exige agora mais do que nada. E essa sensatez deve exteriorizar-se em obras de paz, no anseio de eliminar a tensão pela raiz. Nenhum passo pode ser mais pacífico em nosso tempo do que a conclusão do tratado de paz e a superação dos vestígios da passada guerra.

Propomos a paz, queremos que nas relações entre os Estados triunfe a razão, que haja coexistência pacífica e emulação, para ver qual o sistema que proporciona aos povos mais bens materiais e espirituais. Os próprios povos devem determinar o regime que corresponde a seus interêsses vitais: o regime comunista ou o regime capitalista?

Ao propor a conclusão do tratado de paz, o govêrno soviético não quer que alguns ganhem e outros percam. Não quer estatuir senão o que existe. A conclusão do tratado de paz com a Alemanha não lesará a soberania de ninguém. O tratado de paz, é claro, não é do agrado dos círculos militaristas, revanchistas, da Alemanha ocidental, pois que os manieta e dificulta a arrregimentação de fôrças para novas aventuras. Mas o sentido do tratado de paz reside justamente em cercear o perigoso jôgo dos revanchistas ocidentais-alemães, que tentam aproveitar a situação de instabilidade na Europa a fim de provocar um choque entre as grandes potências.

Repito que não há motivos sérios que impeçam realmente uma solução pacífica com a Alemanha. Mas, não obstante, os adversários do alívio da tensão internacional e da conclusão do tratado de paz pretendem justificar sua posição com divagações inconsistentes de tôda índole.

Declara, por exemplo, que a solução pacífica é impedida devido à divisão da Alemanha. Se as potências ocidentais quisessem realmente contribuir para que os alemães se unificassem, em vez de opor obstáculos conseguiriam o govêrno da República Federal Alemã a entabular negociações com o govêrno da República Democrática Alemã, apoiariam a proposta déste sôbre a confederação dos dois Estados alemães.

Se a ausência de um govêrno único para tôda a Alemanha impedisse de fato a conclusão do tratado de paz, as potências ocidentais e a República Federal Alemã aceitariam a proposta que a União Soviética faz agora, a saber: que antes de assinar-se o tratado de paz com a Alemanha os próprios alemães se encontrem para elaborar um ponto-de-vista comum, tanto no que se refere ao problema da solução pacífica, como no que se relaciona à unificação do país.

O restabelecimento da unidade estatal da Alemanha é um assunto dos próprios alemães e sentimos Estado tem o direito de intervir nessa questão, pois que ninguém pode resolver êsse problema a não ser os alemães mesmos. Não pensamos em manter nenhuma negociação a êsse respeito. Que os governos da República Federal e da República Democrática Alemã cheguem a um acôrdo nesse sentido e nós reconheceremos qualquer decisão que êles adotem.

Mas se há quem pense em liquidar com as nossas mãos o govêrno socialista da República Democrática Alemã, êsse vive no mundo das ilusões. A República Democrática Alemã tem na União Soviética um amigo fiel e firme.

Na Alemanha existem muitos problemas que aguardam solução. Isso já o reconhecem todos: é necessário solucioná-los e não esperar que provoquem um conflito. Os problemas de caráter internacional devem ser resolvidos no foro correspondente. Os problemas internos alemães só podem ser resolvidos pelos próprios alemães.

O govêrno soviético lamentará muito que qualquer de nossos aliados não assine conosco o tratado de paz com a Alemanha e que a Alemanha ocidental repila a reconciliação que lhe oferecem os países socialistas. Mas não podemos admitir que a solução dêsse problema, de importância vital para tantos Estados e povos, seja protelado por longos anos somente porque certos círculos querem conservar as possibilidades da revanche e perpetuar o regime de ocupação em parte do território alemão. A União Soviética ver-se-á ante a necessidade de chegar a um acôrdo com a República Democrática Alemã e com os demais países que desejem concluir o tratado de paz com o Estado pacífico alemão.

O procedimento da conclusão do tratado de paz com a República Democrática Alemã estará em rigorosa correspondência com a prática e os usos internacionais. Depois da conclusão do tratado, a União Soviética se absterá de todos os compromissos por ela assumidos em relação a Berlim ocidental. Em resumo: o govêrno da República Democrática Alemã, como de qualquer Estado independente, exercerá a soberania absoluta em todo o seu território.

PERIGO DE GUERRA

Vós, camaradas, sois militares e compreendeis muito bem o que representará não tomar em consideração as cláusulas do tratado de paz e intentar violar a soberania da República Democrática Alemã. Muitos de vós ides prestar serviço nas fôrças que, em virtude do Tratado de Varsóvia, se encontram em território da República Democrática Alemã e, portanto, havereis de dar a réplica às fôrças agressivas se estas quiserem impedir pelas armas a regulamentação pacífica. Chamo a vossa atenção para o fato de que existe quem ameace responder com a fôrça precisamente ao tratado de paz, provocando assim uma ameaçadora crise internacional.

O govêrno soviético insiste na conclusão do tratado de paz com a Alemanha porque está convencido de que se hoje não se adotarem medidas para neutralizar a situação na Alemanha e em Berlim ocidental, os povos poderão defrontar-se com uma agressão por parte dos militaristas da Alemanha ocidental. Não há garantia de que qualquer aventura dos sucessores germano-ocidentais de Hitler não provoque o incêndio de uma grande guerra. Então, para que fazer esclarecer o que é que impediu concluir-se a tempo o tratado de paz e porque, apesar de tôdas as advertências das fôrças amantes da paz, se permitiu-se que o militarismo alemão levantasse a cabeça na Alemanha ocidental e voltasse a empunhar armas.

Recordai como Hitler conduziu o mundo à beira da guerra e depois a desencadeou. Avançou para êsse fim de modo metódico e gradual, passo a passo, arrancando concessões às potências ocidentais. Estimulavam-no para isso os círculos governantes da Inglaterra, França e Estados Unidos. Acreditavam que com a ajuda do fascismo conseguiriam derrotar a União Soviética e acabar com o comunismo.

Existem inúmeros documentos e livros em que se descreve como a Alemanha hitlerista preparou a Segunda Guerra Mundial. Li recentemente o livro **Vinte Anos de Luta Diplomática**, da jornalista francesa Geneviève Tabouis, no qual se mostra muito bem o processo de confabulação dos militaristas alemães com as fôrças reacionárias de outros países do capital monopolista.

Parece que os monopolistas cínicos e os revanchistas ocidental-alemães não hesitariam em empreender novamente o mesmo caminho, a fim de travar com a guerra os problemas em litígio. E os monopolistas crêem que o primordial problema em litígio é o comunismo e seu desenvolvimento. O ódio ao comunismo e aos países socialistas lhes perturba a razão. Podem deixar de funcionar seus centros reacionários e os imperialistas podem fazer irromper uma nova guerra, Adenauer repete o que ou-

Conclui na 7ª. página

NOVOS RUMOS

ARQUIVO ASTROJILDO PEREIRA BRASILIANA 1890-1965
ARMOR-MILANO ARCHIVIO STORICO DEL MOVIMENTO OPERAIO BRASILIANO

Guevara na Conferência de Punta del Este

O Plano Norte-Americano Visa à Domesticação da América Latina

É o seguinte o texto do discurso pronunciado pelo chefe da delegação cubana na Conferência de Punta del Leste, Ernesto Che Guevara:

"Senhor presidente, Senhores delegados:

Como tôdas as delegações, temos que começar agradecendo ao govêrno e ao povo do Uruguai a cordial acolhida que recebemos nesta visita.

Quisera também agradecer pessoalmente ao senhor presidente da Assembléia o presente que nos fêz das *Obras Completas de Rodó* e explicar-lhe que não iniciamos êste discurso com uma citação dêsse grande americano por duas circunstâncias. A primeira é que voltamos a "Ariel", depois de muitos anos, para encontrar alguma passagem que representasse, no momento atual, as idéias de alguém que, mais que uruguaio, era americano nosso, americano desde o Rio Bravo ao Sul. Mas Rodó manifesta, em todo o seu "Ariel", a luta violenta e as contradições dos povos latino-americanos contra a nação que, já há 50 anos, interferia em nossa economia e nossa liberdade politica — o que seria impróprio citar, tratando-se de um dono de casa.

A segunda razão é que o Presidente de uma das delegações aqui presentes nos bindou com uma citação de Marti no início de sua intervenção. Responderemos, pois, a Marti com Martí. A Marti com Martí, mas como Martí antiimperialista e antifeudal, que morreu frente a frente às balas espanholas, lutando pela liberdade de sua pátria e procurando impedir, com a liberdade de Cuba, que os Estados Unidos se abatessem sôbre a América Latina, como escreveu em uma de suas últimas cartas.

Naquela Conferência Monetária Internacional, que o sr. presidente do Banco Interamericano recordou, falando dos 70 anos de espera, dizia Martí, em seu discurso inaugural:

"Quem diz união econômica, diz união política.

O povo que compra manda, o povo que vende obedece; é preciso equilibrar o comércio para assegurar a liberdade; o povo que quer morrer, vende a um só povo, o que quer salvar-se vende a mais de um. A influência excessiva de um país no comércio de outro se converte em influência política. A política é obra dos homens, que subordinam seus sentimentos ao interêsse, ou sacrificam ao interêsse uma parte de seus sentimentos. Quando um povo forte dá de-comer a outro, serve-se dêle.

Quando um povo forte quer dar combate a outro, impele os que dêle necessitam à aliança e à colaboração.

O povo que quer ser livre, seja livre em negócios. Distribua seus negócios entre outros países igualmente fortes. Se tem de escolher a algum, escolha aquêle que dêle menos necessite. Nem uniões da América contra a Europa, nem com a Europa contra o povo da América. O fato geográfico de viver juntos na América não torna obrigatória senão na mente de algum candidato ou de algum bacharel a união política. O comércio segue pelas vertentes de terra e água e detrás de quem tem algo a trocar por êle, seja monarquia ou república. A união com o mundo, e não com uma parte dêle; não com uma parte dêle contra outra. Se alguma função tem a família de repúblicas da América, não é de ir como escudo de uma delas contra as repúblicas futuras."

Êsse era Martí há 70 anos, Senhor presidente.

Cumprido o dever elementar de evocação e retribuída a gentileza ao senhor delegado que primeiro a fizera para nós, passamos à parte fundamental desta nossa intervenção, à análise de por que aqui estamos, a caracterizar a Conferência. Tenho que dizer, Senhor presidente, que discordo, em nome de Cuba, de quase tôdas as afirmações que foram feitas, embora não saiba se expressam os pensamentos íntimos de cada um.

CONTRA O EXEMPLO DE CUBA

Tenho que dizer que Cuba considera que esta é uma Conferência política, que Cuba não admite que se separe a economia da política e que entende que elas marcham constantemente juntas. Por isso não pode haver técnicos que falem de técnica, quando está em jôgo o destino dos povos. Vou explicar, além disso, por que esta conferência é política; é política porque tôdas as conferências econômicas são políticas; mas, além disso, é política porque está concebida contra Cuba, está concebida contra o exemplo que Cuba significa em todo o continente americano.

Se não, vejamos. No dia 10, em Fuerte Amador, zona do Canal, o general Decker, enquanto instrui a uma série de militares latino-americanos na arte de reprimir aos povos, fala da Conferência Técnica de Montevidéu e diz que é preciso ajudá-la. Isso, porém, não é nada. Na mensagem inaugural de 5 de agôsto de 1961, o presidente Kennedy afirmou:

"Vós, os participantes desta Conferência, atravessam um momento histórico na vida dêste hemisfério.

"Esta reunião é algo mais do que uma discussão de temas econômicos ou uma conferência técnica sôbre o desenvolvimento: constitui, na verdade, uma demonstração da capacidade das nações livres para resolver os problemas materiais e humanos do mundo moderno."

Poderia continuar citando o sr. primeiro-ministro do Peru, quando também se refere a temas politicos; mas, para não cansar aos Senhores delegados, pois prevejo que minha intervenção será longa, referir-me-ei a algumas afirmações feitas pelos "técnicos", aos quais pomos aspas, do Ponto V do temário.

CUBA DIRA TÔDAS AS SUAS VERDADES

Ao final da página onze, como conclusão definitiva, diz: "Estabelecer, no plano hemisférico e no nacional, normas regulares de consulta com os comitês assessôres sindicais, a fim de que possam cumprir um papel influente na formulação política dos programas que se aprovem na Reunião Extraordinária".

E para reforçar minha afirmação, para que não reste dúvida de meu direito de falar de política, que é o que penso fazer em nome do govêrno de Cuba, uma citação da página 7 dêsse mesmo informe do Ponto V em questão:

"O retardamento em aceitar o dever que cabe aos meios de informação democrática de defender os valores essenciais de nossa civilização, sem desfalecimentos nem compromissos de ordem material, representaria um prejuízo irreparável para a sociedade democrática e o perigo iminente do desaparecimento das liberdades que hoje gozam, como ocorreu em Cuba — Cuba, com tôdas as letras —, onde hoje apenas existem imprensa, rádio, televisão e cinemas controlados pelo poder absoluto do govêrno."

Isto quer dizer, Senhores delegados, que no informe a discutir se julga a Cuba do ponto de vista politico; pois bem, do ponto de vista político Cuba dirá tôdas as suas verdades e, além disso, também do ponto de vista econômico.

Concordamos com uma única coisa do informe do Ponto V dos senhores técnicos, com uma só frase, que define a situação atual:

"Uma nova etapa se inicia nas relações dos povos da América", diz, e é verdade. Só que esta nova etapa começa sob o signo de Cuba, Território Livre da América, e esta Conferência e o tratamento especial que têm tido as delegações e os créditos que se aprovem, têm todos o nome de Cuba, seja isto ou não do agrado dos beneficiários. Houve uma mudança qualitativa na América: um país levantou-se em armas, destruiu um exército opressor, formou um nôvo exército popular, plantou-se frente ao monstro invencível, esperou o ataque do monstro e derrotou-o tambem.

Isso é algo de nôvo na América, senhores; isso é o que faz falar esta linguagem nova e que as relações se tornem mais fáceis entre todos, menos, naturalmente, entre os dois grandes rivais desta Conferência.

A TENSA SITUAÇÃO MUNDIAL

Neste momento, Cuba não pode sequer falar apenas da América. Cuba e parte de um mundo que está em tensão, angustiado, porque não sabe se uma das partes — a mais débil, porém a mais agressiva — cometerá o torpe êrro de desencadear um conflito que, necessàriamente, seria atômico. E Cuba está atenta, senhores delegados, porque sabe que o imperialismo sucumbiria envôlto em chamas mas que Cuba também pagaria em sua carne o preço da derrota do imperialismo, e deseja que esta se verifique por outros meios. Cuba deseja que seus filhos vejam um futuro melhor e não tenham que pagar o preço da vitória com a vida de milhões de seres humanos destruídos pela metralha atômica.

A situação está tensa no mundo. Aqui estamos reunidos não apenas por Cuba. O imperialismo necessita assegurar a sua retaguarda, porque a luta se trava em todos os lados, em um momento de profunda angústia.

A União Soviética tem reafirmado sua decisão de firmar a paz em Berlim, e o presidente Kennedy tem anunciado que pode ir até à guerra por Berlim. Mas não é Berlim sòmente, não é Cuba sòmente; é o Laus, por outro lado é o Congo, onde Lumumba foi assassinado pelo imperialismo; é o Vietnã dividido, Coréia dividida. Formosa em mãos da camarilha de Chiang Kai-Shek, Argélia dessangrada, e que agora também pretendem dividir; e Tunísia, cuja população foi metralhada, outro dia, por cometer o "crime" de querer reivindicar seu território.

Asssim é o mundo de hoje, senhores delegados, e é assim que temos de vê-lo para interpretar esta Conferência e para poder tirar as conclusões que permitam que nossos povos marchem para um futuro feliz, de desenvolvimento harmônico, ou que se convertam em apêndices do imperialismo na preparação de uma nova e terrível guerra, ou, também, que se dessangrem em lutas intestinas quando os povos — como todos vós o têm anunciado —, cansados de esperar, cansados de ser enganados mais uma vez, tomem o caminho que Cuba uma vez tomou: o de pegar em armas, o de lutar dentro do território, o de tomar armas do exército inimigo, que representa a reação, e o de destruir, até suas bases, tôda uma ordem social feita para explorar o povo.

A HISTÓRIA DAS AGRESSÕES IANQUES

A história da Revolução Cubana é curta em anos, senhor presidente, e rica em fatos; rica em fatos positivos e rica, também, nas amarguras das agressões sofridas.

Especificaremos algumas, para que se entenda bem que há uma longa cadeia que nos leva a desembocar aqui.

Em outubro de 1959, apenas se tinha realizado a Reforma Agrária como medida econômica fundamental do Govêrno Revolucionário. Aviões piratas, que partiam dos Estados Unidos, violaram o espaço aéreo de Havana e, em conseqüência dos projéteis que lançaram, mais o fogo de nossas baterias anti-aéreas, verificaram-se duas mortes e meia centena de feridos.

Em seguida, tiveram lugar os incêndios dos canaviais, o que constitui uma agressão econômica, uma agressão à nossa riqueza, e que foi negada pelos Estados Unidos até que caiu um avião — com pilôto e tudo — e ficou demonstrada, de maneira indiscutível, a procedência dessas naves piratas. Desta vez o govêrno norte-americano teve a gentileza de pedir desculpas. Foi, também, bombardeada por uma destas aeronaves a Central Espanha, em fevereiro de 1960.

Em março dêsse ano, o navio "Le Coubre", que trazia armas e munições da Bélgica, explodiu no cais de Havana, num acidente que os técnicos classificaram como intencional, ocasionando cem mortes.

Em maio de 1960, o conflito com o imperialismo se fêz frontal e agudo. As companhias de petróleo que operavam em Cuba, invocando o direito da fôrça e desdenhando das leis da República que especificavam claramente suas obrigações, negaram-se a processar o petróleo que havíamos adquirido à União Soviética, no uso de nosso livre direito de negociar com todo o mundo e não com uma parte dêle, como dizia Martí.

Todos sabem como respondeu a União Soviética, enviando-nos, num verdadeiro esfôrço, centenas de navios para suprir três milhões e seiscentas mil toneladas anuais — o total de nossa importação de petróleo cru — e manter funcionando todo o aparelho industrial que se move hoje à base do petróleo.

Em julho de 1960 se verifica a agressão econômica contra o açúcar cubano, da qual alguns governos não se têm apercebido, ainda. Aguçam-se as contradições e tem lugar a reunião da OEA em Costa Rica, em agôsto de 1960. Ali — em agôsto de 1960, repito —, declara-se que:

"Condena-se enèrgicamente a intervenção ou ameaça de intervenção, mesmo quando condicionada, de uma potência extracontinental em assuntos das repúblicas americanas, e declara que a aceitação de uma ameaça de intervenção extracontinental por parte de um Estado americano põe em perigo a solidariedade e a segurança americanas, o que obriga a Organização dos Estados Americanos a desaprová-la e rechaçá-la com igual energia."

A DECLARAÇÃO DE HAVANA

Isto quer dizer que os países irmãos da América, reunidos em Costa Rica, nos negaram o direito de nos defendermos. É uma das mais curiosas negativas que se verificou na história do Direito Internacional. Naturalmente, nosso povo é um pouco rebelde à voz das assembléias técnicas, e se reuniu na Assembléia de Havana aprovando, por unanimidade — mais de um milhão de mãos levantadas para o céu, uma sexta parte da população total do país —, a declaração que se chamou "Declaração de Havana", na qual, em alguns de seus pontos, exprime:

"A Assembléia Geral Nacional do Povo reafirma — e está segura de expressar o pensamento comum aos povos da América Latina — que a democracia não é compatível com a oligarquia financeira, com a existência da discriminação do negro e os desmandos da Klu-Klux-Klan, com a perseguição que privou de seus cargos a cientistas como Oppenheimer, que impediu durante anos que o mundo ouvisse a voz maravilhosa de Paul Robeson, prêso em seu próprio país, e que levou à morte, ante o proteto e o espanto do mundo inteiro e apesar do apêlo de governantes de diversos países e do Papa Pio XII, o casal Rosemberg.

"A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba manifesta a convicção cubana de que a democracia não pode consistir apenas no exercício de um voto eleitoral que quase sempre é fictício e é manejado por latifundiários e políticos profissionais, mas no direito dos cidadãos de decidir, como agora o faz esta Assembléia do Povo, seus próprios destinos. A democracia, além disso, só existirá na América Latina quando os povos forem realmente livres para escolher, quando os humildes não estejem reduzidos — pela fome, a desigualdade social, o analfabetismo e os sistemas jurídicos — à mais criminosa impotência."

Além disso, naquele momento "A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba condena, enfim, a exploração do homem pelo homem, e a exploração dos países subdesenvolvidos pelo capital financeiro imperialista".

Aquela foi uma declaração de nosso povo, feita à face do mundo, para demonstrar nossa decisão de defender com as armas, com o sangue e com a vida, nossa liberdade e nosso direito de dirigir os destinos do país, da forma que nosso povo considerasse mais conveniente.

A SUSPENSÃO DA COTA DE AÇÚCAR

Vieram depois muitas escaramuças e batalhas, às vêzes verbais, com os fatos outras, até que em dezembro de 1960 a cota de açúcar cubano no mercado norte-americano foi definitivamente cortada. A União Soviética respondeu na forma que vós conheceis, outros países socialistas também e foram firmados contratos para vender em tôda a área socialista quatro milhões de toneladas, a um preço preferencial de quatro centavos, o que naturalmente salvou a situação de Cuba, que é até hoje tão monoprodutora, desgraçadamente, como a maioria dos povos da América, e era tão dependente de um só mercado, de um só produto — nesse momento —, como o são hoje os restantes países irmãos.

Pareceu que o presidente Kennedy inaugurava a nova era de que tanto se tem falado. Apesar de que também a luta verbal tinha sido dura entre o presidente Kennedy e o primeiro-ministro de nosso govêrno, esperamos que melhorassem as coisas. O presidente Kennedy pronunciou um discurso no qual se indicava claramente uma série de atitudes a tomar na América, mas parecia anunciar ao mundo que o caso de Cuba devia ser considerado como algo cristalizado, como um "fait accompli".

O DISCURSO DE KENNEDY E A AGRESSÃO

Estávamos mobilizados naquela época. No dia seguinte após o discurso de Kennedy, ordenou-se a desmobilização. Desgraçadamente, a 13 de março de 1961, o presidente Kennedy falava sôbre a "Aliança para o Progresso". Verificou-se, além disso, nesse dia, um ataque pirata à nossa refinaria em Santiago de Cuba, pondo em perigo as instalações e ceifando a vida de um de seus defensores. Estávamos, pois, mais uma vez diante de uma situação de fato.

Naquele discurso, que não duvido será memorável, Kennedy dizia também que esperava que os povos de Cuba e da República Dominicana, pelos quais êle manifestava uma grande simpatia, pudessem voltar ao seio das nações livres. Um mês após tinha lugar Playa Girón, e poucos dias depois o presidente Trujillo era assassinado misteriosamente. Sempre fomos inimigos do presidente Trujillo; simplesmente apresentamos o fato cru e que até hoje não foi esclarecido de maneira alguma.

BELIGERANCIA E INGENUIDADE POLITICA

Depois, estabeleceu-se uma verdadeira obra-prima da beligerância e da ingenuidade política, que se chamou "Livro Branco". Segundo as revistas que falam tanto nos Estados Unidos, até provocar as iras do presidente Kennedy, seu autor é um dos destacados assessôres da delegação norte-americana, que hoje está entre nós. É uma acusação cheia de tergiversações sôbre a realidade cubana, concebida para a preparação do que vinha a caminho.

"O regime revolucionário traiu sua própria revolução", dizia o 'Livro Branco", como se fôsse o juiz das revoluções, e de como nascer as revoluções, e o grande qualificador das revoluções da América.

"O regime de Castro representa um perigo para a autêntica revolução da América...", porque a palavra revolução também precisa, como dizia algum dos membros da presidência, "limpar-se" de vez em quando.

"O regime de Castro recusa-se a negociar amistosamente...", apesar de termos dito, muitas vêzes, que aceitamos discutir, em pé de igualdade, nossos problemas com os Estados Unidos, e aproveito a oportunidade, senhor presidente, para, em nome de meu govêrno, afirmar, mais uma vez, que Cuba está disposta a discutir, em pé de igualdade, tudo que a delegação dos Estados Unidos quiser discutir, apenas sôbre a base estrita de que não haja condições prévias. Isto quer dizer que nossa posição a êsse respeito é claríssima.

Chamava-se, no "Livro Branco", o povo de Cuba à subversão e à revolução "contra o regime de Castro", mas, não obstante isso, no dia 13 de abril o presidente Kennedy, mais uma vez, tomava a palavra e afirmava categòricamente que não invadiria Cuba e que as fôrças armadas dos Estados Unidos não interviriam nunca nos assuntos internos de Cuba. Dois dias depois, aviões desconhecidos bombardeavam nossos aeroportos e reduziam a cinzas a maioria de nossa fôrça aérea, vetusta, remanescente do que haviam deixado os batistianos em sua fuga.

O senhor Stevenson, no Conselho de Segurança, deu enfática garantia de que eram pilotos cubanos, de nossa fôrça aérea, "descontentes com o regime de Castro", que haviam praticado tal fato e afirmou ter conversado com êles.

KENNEDY, RESPONSÁVEL PELA AGRESSÃO

No dia 17 de abril, verificou-se a fracassada invasão quando nosso povo inteiro, compacto e em pé de guerra, demonstrou mais uma vez que há fôrças maiores que as da propaganda generalizada, que há fôrças maiores que a fôrça brutal das armas, que há valores maiores que os valores do dinheiro, e se lançou em massa pelos estreitíssimos caminhos que conduziam ao campo de batalha, sendo massacrados no caminho muitos dêles pela superioridade aérea inimiga. Nove pilotos cubanos foram os heróis daquela jornada, com os velhos aparelhos. Dois dêles perderam suas vidas; sete são testemunhas excepcionais do triunfo das armas da liberdade.

Acabou Playa Girón e, para não dizer nada mais sôbre isto, porque "a confissão da parte dispensa provas", senhores delegados, o presidente Kennedy tomou sôbre si a responsabilidade total da agressão. Talvez nesse momento não recordou as palavras que havia pronunciado poucos dias antes.

QUERIAM ASSASSINAR RAUL CASTRO

Podíamos pensar que havia acabado a história das agressões. Sem embargo, dar-lhes-ei, como dizem os jornalistas, um furo. No dia 26 de julho dêste ano, grupos de contra-revolucionários armados na Base Naval de Guantánamo esperavam o comandante Raul Castro em dois lugares estratégicos, para assassiná-lo. O plano era inteligente e macabro. Matariam o comandante Raul Castro no momento em que êle ia pela estrada de sua casa à manifestação com que celebrávamos nossa data revolucionária. Se fracassassem, dinamitariam a base ou, dito melhor, fariam explodir as bases já minadas do palanque de onde nosso companheiro Raul Castro presidiria essa manifestação patriótica. E poucas horas depois, senhores delegados, morteiros norte-americanos, a partir de território cubano, começariam a disparar sôbre a Base Naval de Guantánamo. O mundo inteiro, então, explicaria claramente a coisa: os cubanos, exasperados porque em meio de suas disputas particulares um dêsses "comunistas que existem ali" foi assassinado, começaram a atacar a Base Naval de Guantánamo, e os pobres Estados Unidos não teriam outra coisa que fazer senão defender-se.

Êsse era o plano que nossas fôrças de segurança, bastante mais eficientes do que se pode supor, descobriram há alguns dias.

Bem. Por tudo isto que acabo de dizer é que considero que a Revolução Cubana não pode vir a esta Assembléia de ilustres técnicos falar de coisas técnicas. Eu sei que vós pensais: "além disso, porque não sabe". E talvez tenhais razão. O fundamental, porém, é que a política e os fatos, tão obstinados que constantemente estão presentes em nossa situação, nos impedem de vir falar de números ou analisar as perfeições dos técnicos do CIES.

Há uma série de problemas políticos que estão nos cercando. Um dêles é político-econômico: é o dos tratores. Quinhentos tratores não é um valor de troca. Quinhentos tratores é o que estima nosso govêrno que pode permitir-lhe reparar os danos materiais causados pelos 1 200 mercenários.

Não pagam nem uma vida, porque as vidas de nossos cidadãos não estamos acostumados a avaliá-las em dólares ou em equipamentos de qualquer natureza. Menos ainda a vida das crianças que morreram em Playa Girón, e das mulheres que ali morreram.

SERES HUMANOS POR SERES HUMANOS

Esclarecemos, porém, que, se parece uma transação odiosa, do tempo da pirataria, trocar seres humanos — aos quais chamamos "gusanos" — por tratores, poderíamos fazer a transação de seres humanos por seres humanos. Falamos aos senhores dos Estados Unido; lembramo-lhes o grande patrita Pedro Albizú Campos, já moribundo depois de estar anos e anos em uma masmorra do império, e lhes oferecemos o que quiserem pela liberdade de Albizú Campos; lembramos aos países da América que tiverem presos políticos em seus cárceres que podíamos fazer a troca. Ninguém respondeu. Naturalmente, não podemos forçar essa troca. Está, simplesmente, à disposição daqueles que consideram que a liberdade dos "valorosos" contra-revolucionários cubanos — o único exército do mundo que se rendeu completo, quase sem baixas —, daqueles que considerem que êstes sujeitos devem estar em liberdade, que deixem em liberdade os seus presos políticos, e tôda a América ficará com seus cárceres resplandescentes ou, pelo menos, seus cárceres políticos sem preocupações.

O CONFISCO DE AVIÕES CUBANOS

Há um outro problema, também de índole político-econômica. É, senhor presidente, que nossa frota aérea de transporte está ficando, avião por avião, nos Estados Unidos. O método é simples. Sobem algumas damas com armas ocultas entre as roupas, entregando-nas a seus cúmplices; os cúmplices assassinam o sentinela, põem a pistola na cabeça do pilôto, o pilôto ruma para Miami, e uma companhia, legalmente, certamente, — porque nos Estados Unidos tudo se faz legalmente —, dá entrada a um recurso por dívidas contra o Estado Cubano, e então o avião é confiscado.

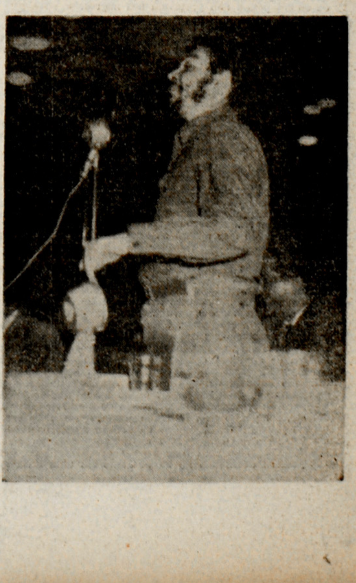
Acontece, porém, que houve um dos tantos cubanos patriotas — além disso houve um norte-americano patriota, mas êsse não é nosso — houve um cubano patriota que andava por lá, e êle sòzinho, sem que ninguém lhe dissesse nada, resolveu corrigir os ladroes de bimotores, e trouxe às praias cubanas um quadrimotor precioso. Naturalmente não vamos utilizar êsse quadrimotor que não é nosso. Respeitamos a propriedade privada... (Risos. Aplausos) porém exigimos que se nos respeite, senhores, exigimos que não haja mais farsas, que haja órgãos americanos que possam falar e dizer aos Estados Unidos: "senhores, vós estais praticando uma vulgar tropelia; não podeis tomar os aviões a um Estado, ainda que esteje contra

Continua na 2ª. página

SEGUNDO CADERNO

NOVOS RUMOS

Ano III — Rio, Semana de 18 a 24 de agôsto de 1961 — Nº 128



ASMOB-MILANO ARCHIVIO STORICO DEL MOVIMENTO OPERAIO BRASILIANO

ARQUIVO ASTROJILDO PEREIRA 1890-1965

O Plano Norte-Americano Visa à Domesticação da América Latina

(Continuação da 1.ª página)

vos; êsses aviões não são vossos, devolvei êsses aviões ou sereis punidos." Naturalmente, sabemos que, desgraçadamente, não há organismo interamericano que tenha essa fôrça.

Apelamos, nao obstante, neste augusto conclave, para o sentimento de eqüidade e justiça da delegação dos Estados Unidos, para que se normalize a situação dos roubos respectivos de aviões. (Risos e aplausos).

A REVOLUÇÃO CUBANA É UMA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Senhor presidente: A presidência observa que não se pode fazer nenhuma espécie de manifestação.

Senhor delegado de Cuba: Bem, senhor presidente. É necessário explicar o que é a Revolução Cubana, o que é êste acontecimento especial que fêz ferver o sangue dos impérios do mundo e, também, ferver o sangue, mas de esperança, dos despossuídos do mundo — ou destas partes do mundo, pelo menos.

É uma Revolução agrária, antifeudal e antiimperialista, que se foi transformando, por fôrça de sua evolução interna e das agressões externas, em uma revolução socialista e que se proclama assim, ante a face da América: uma revolução socialista.

Uma Revolução socialista que tomou a terra de quem a possuía em quantidade e a deu a quem estava assalariado nessa terra, ou a distribuiu em cooperativas entre outros grupos de pessoas que não tinham sequer terras onde trabalhar, mesmo como assalariado.

É uma Revolução que chegou ao poder com seu próprio exército e sôbre as ruínas do exército da opressão; que assumiu o poder, olhou em sua volta, e se dedicou, sistemàticamente, a destruir tôdas as formas anteriores da estrutura que mantinha a ditadura de uma classe exploradora sôbre a classe dos explorados.

Destruiu totalmente o exército, como casta, como instituição, não como homens, salvo os criminosos de guerra, que foram fuzilados, também abertamente diante da opinião pública do Continente e com a consciência bem tranqüila.

É uma Revolução que reafirmou a soberania nacional e, pela primeira vez, levantou para si e para todos os povos da América, e para todos os povos do mundo, a reivindicação dos territórios injustamente ocupados por outras potências.

É uma Revolução que tem uma política externa independente, que comparece a esta Reunião de Estados Americanos como mais uma entre os latino-americanos; que vai à reunião dos países não comprometidos como um de seus membros importantes e que toma parte nas deliberações com os países socialistas, e êstes o consideram um país irmão.

UMA REVOLUÇÃO HUMANISTA

É, pois, uma revolução com características humanistas. É solidária com todos os povos oprimidos do mundo; solidária, senhor presidente, porque também o dizia Martí: "Todo homem verdadeiro deve sentir na face o golpe dado a qualquer face de homem". E cada vez que uma potência imperialista avassala um território está dando uma bofetada em todos os habitantes dêsse território.

Por isso lutamos, indiscriminadamente, sem perguntar qual o regime político nem as aspirações dos países que lutam por sua independência; lutamos pela independência dos países, lutamos pela reivindicação dos territórios ocupados. Apoiamos o Panamá, que tem um pedaço de seu território ocupado pelos Estados Unidos. Chamamos Ilhas Malvinas e não Falkland, as ilhas do sul da Argentina, e chamamos Ilha do Cisne a ilha que os Estados Unidos arrebatou a Honduras e a partir de onde nos está agredindo por meios telegráficos e radiofônicos.

Lutamos constantemente aqui, na América, pela independência das Guaianas e das Antilhas Britânicas; daqui aceitamos o fato de Belice independente, porque a Guatemala já renunciou a sua soberania sôbre êsse pedaço de seu território; e lutamos também na África, na Ásia, em qualquer lugar do mundo onde o poderoso oprime o fraco, para que o fraco conquiste sua independência, sua autodeterminação e seu direito a dirigir-se como Estado soberano.

UMA AJUDA SEM EXIGÊNCIAS

Nosso povo, permita-se-nos dizer, por ocasião do terremoto que assolou ao Chile, foi ajudá-lo na medida de suas fôrças, com seu produto único, com o açúcar. Uma ajuda pequena, porém, não obstante, foi uma ajuda que não exigia nada; foi, simplesmente, a entrega ao país irmão, ao povo irmão, de algum alimento para suportar essas horas angustiosas. Êsse povo nada nos tem a agradecer, muito menos nos deve nada. Nosso dever levou-nos a entregar o que entregamos.

Nossa Revolução nacionalizou a economia nacional; nacionalizou as indústrias fundamentais, inclusive a mineira; nacionalizou todo o comércio exterior que está, agora, em mãos do Estado, e se dedicou à sua diversificação, comerciando com todo o mundo; nacionalizou o sistema bancário para ter em suas mãos o instrumento eficaz com que exercer tècnicamente o crédito de acôrdo com as necessidades do país.

A REFORMA URBANA

Faz participar a seus trabalhadores na direção da economia nacional planificada, e realizou, há poucos meses, a Reforma Urbana, por meio da qual entregou a cada habitante do país a casa onde residia ficando dono dela com a única condição de pagar o mesmo que estava pagando até êsse momento, de acôrdo com uma tabela, durante determinado número de anos.

Adotou muitas medidas de afirmação da dignidade humana, incluindo, quase entre as primeiras, a abolição da discriminação racial — porque em nosso país existia a discriminação racial, Senhores Delegados, sob uma forma algo sutil, porém existia. Nas praias de nossa Ilha nem o negro nem o pobre podiam se banhar, porque pertenciam a um clube privado, e vinham turistas de outras praias que não gostavam de banhar-se com os negros.

Nossos hotéis, os grandes hotéis de Havana, que eram construídos por companhias estrangeiras, não permitiam que os negros ali dormissem, porque os turistas que vinham de outros países não gostavam dos negros.

Assim era nosso país. A mulher não tinha nenhuma espécie de direito igualitário: se lhe pagava menos por trabalho igual, se lhe discriminava como na maioria de nossos países americanos.

A cidade e o campo eram zonas em permanente luta e dessa luta tirava o imperialismo a fôrça do trabalho suficiente, para pagá-la mal e irregularmente.

Relizamos uma revolução em tudo isso e realizamos, também, uma autêntica revolução na educação, cultura e saúde.

ELIMINANDO O ANALFABETISMO

Este ano será eliminado o analfabetismo em Cuba. 104 mil alfabetizadores de tôdas as idades estão pelos campos de Cuba alfabetizando a 1.250.000 analfabetos — porque em Cuba havia analfabetos: havia 1.250.000 analfabetos, muito mais do que diziam as estatísticas oficiais de outros tempos.

Estendemos para êsse ano o ensino primário obrigatório em 9 graus, e o ensino médio a tôda a população escolar de forma gratuita e obrigatória. Convertemos os quartéis em escolas. Realizamos a Reforma Universitária, dando livre acesso a todo o povo à cultura superior, às ciências e à tecnologia modernas. Fizemos uma grande exaltação dos valores nacionais frente à deformação cultural produzida pelo imperialismo, e as manifestações de nossa arte colhem os aplausos dos povos do mundo — de todo não, em alguns lugares não as deixam entrar. Exaltação do patrimônio cultural de tôda a nossa América Latina, que se manifesta em prêmios anuais dados a literatos de tôdas as latitudes da América, e cujo prêmio de poesia, Senhor Presidente, foi ganho pelo laureado poeta Roberto Ibánez, no último julgamento. Extensão da função social da medicina em benefício dos camponeses e trabalhadores urbanos humildes. Desportos para todo o povo, que se refletem em 75 mil pessoas desfilando no 26 de Julho em uma festa realizada em honra do primeiro cosmonauta do mundo, Comandante Iuri Gagárin. A abertura das praias populares a todos, certamente que sem distinção de côres nem de ideologias e, além disso, gratuita. E os Círculos Sociais Operários, em que foram transformados todos os círculos exclusivistas de nosso país — havia muitos.

Bem, senhores técnicos, companheiros delegados, chegou o momento de referir-se à parte econômica do temário. O Ponto I, muito amplo, feito também por técnicos muito sizudos, é a planificação do desenvolvimento econômico e social na América Latina.

Vou me referir a algumas das afirmações dos senhores técnicos, com o desejo de refutá-los do ponto-de-vista técnico, e exprimir, em seguida, os pontos-de-vista da Delegação Cubana sôbre o que é a planificação do desenvolvimento.

A primeira incongruência que observamos no trabalho está expressa nesta frase: «As vêzes se expressa a idéia de que um aumento no nível e na diversidade da atividade econômica resulta necessàriamente na melhoria das condições sanitárias. Sem embargo, o grupo é de opinião que o melhoramento das condições sanitárias não só é desejável em si mesmo, senão que constitui um requisito essencial, prévio, ao crescimento econômico, e deve fazer, portanto, parte essencial dos programas de desenvolvimento da região.»

A PLANIFICAÇÃO DOS «TÉCNICOS»

Isto, por outro lado, vê-se refletido, também, na estrutura dos empréstimos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, pois na análise que fizemos dos 120 milhões emprestados em primeiro lugar, 40 milhões, isto é, uma têrça parte, correspondem diretamente a empréstimos dêsse tipo: para habitação, abastecimento dágua e esgotos.

E' um pouco... não sei, mas quase o qualificaria como uma condição colonial. Dá-me a impressão de que se está pensando em fazer a latrina como coisa fundamental. Isso melhora as condições sociais do pobre índio, do pobre negro, do pobre indivíduo que jaz em uma condição sub-humana — «vamos fazer-lhe latrina e então, depois de fazer-lhe latrina, e depois que sua educação lhe tenha permitido conservá-la limpa, então poderá gozar dos benefícios da produção». E' de notar, Senhores Delegados, que o tema da industrialização não figure na análise dos senhores técnicos. Para os senhores técnicos, planificar é planificar a latrina. O mais, quem sabe como se fará!

Se me permite o Senhor Presidente, lamentarei profundamente, em nome da Delegação Cubana, ter perdido os

serviços de um técnico tão eficiente como o que dirigiu êste Primeiro Grupo, o dr. Felipe Pazos. Com sua inteligência e sua capacidade de trabalho, e nossa atividade revolucionária, em dois anos Cuba seria o paraíso da latrina, ainda que não tivéssemos nenhuma das 250 fábricas que estamos começando a construir, ainda que não tivéssemos feito Reforma Agrária.

POR QUE NÃO DÓLARES PARA INDUSTRIALIZAÇÃO?

Eu me pergunto, Senhores Delegados, se é que se pretende tirar-nos o pêlo, não a Cuba, porque Cuba está de fora, posto que a «Aliança para o Progresso» não é feita para Cuba, mas contra ela, e não se estabelece um centavo para ela, mas sim a todos os demais delegados. Não tendes um pouco a impressão de que vos estão tirando o pêlo? Dão dólares para construir estradas pavimentadas, dão dólares para fazer estradas, dão dólares para construir esgotos. Senhores, com que se fazem as estradas pavimentadas, com que se constroem as rodagens, com que se fazem os esgotos, com que se constroem as casas? Não é necessário ser um gênio para isso. Por que não se dão dólares para equipamento, dólares para maquinarias, dólares para que nossos países, subdesenvolvidos todos, possam converter-se em países industriais-agrícolas, de uma só vez? Realmente, é triste.

Na página 10, nos elementos de planificação do desenvolvimento, no Ponto VI, fica claro quem é o verdadeiro autor dêste plano.

Diz o Ponto VI: «Estabelecer bases mais sólidas para a concessão e utilização de ajuda financeira externa, especialmente ao proporcionar critérios eficazes para avaliar projetos individuais».

Nós não vamos estabelecer as bases mais sólidas para a concessão e utilização, porque não somos os que concedemos; são vós os que recebem, não que concedem, nós — Cuba — os que olhamos, e quem concede são os Estados Unidos. Então, êste Ponto VI é redigido diretamente pelos Estados Unidos, é a recomendação dos Estados Unidos e êste é o espírito de todo êsse monstro chamado Ponto I.

Quero, porém, fazer constar uma coisa: temos falado muito de política, temos denunciado que há aqui uma conspiração política. Em palestras com os senhores Delegados temos acentuado o direito de Cuba de expressar estas opiniões, porque se ataca diretamente a Cuba no Ponto V.

CUBA CONDENA O CONDENÁVEL

Não obstante, Cuba não vem como pretendem alguns jornais ou muito menos porta-vozes de emprêsas estrangeiras de informação, sabotar a reunião. Cuba vem condenar o condenável do ponto-de-vista dos princípios, mas vem também trabalhar harmoniosamente, — se é que se pode, para conseguir endireitar isso, que nasceu torto —, e está disposta a colaborar com todos os senhores delegados para endireitá-lo e fazer um bonito projeto.

O honrado senhor Douglas Dillon, em seu discurso citou o financeiamento. Isso é importante. Nós, para falarmos todos de desenvolvimento temos que falar de financiamento e todos temos nos reunido para falar com o único país que tem capitais para financiar.

Disse o sr. Dillon: "Olhando para os anos vindouros e tôdas as fontes de financiamento externo — entidades internacionais, Europa e o Japão, assim como a América do Norte, as novas inversões privadas e as inversões de fundos públicos — se a América Latina toma as medidas internas necessárias — condição prévia — poderá lògicamente esperar que seus esforços — não significa tampouco, que se toma as medidas, já está concedido, mas que "poderá lògicamente esperar que seus esforços serão igualados por um fluxo de capital da ordem de pelo menos vinte bilhões de dólares nos próximos dez anos. E a maioria dêsses fundos procederá de fontes oficiais".

Isto é o que existe? Não. O que há são quinhentos milhões aprovados, isto é de que se fala. É preciso acentuar bem isto, porque é o centro da discussão. Que quer dizer isso? — e eu asseguro que não o pergunto por nós, mas em benefício de todos —, que quer dizer "se a América Latina adota as medidas internas necessárias"; e que quer dizer: "poderá lògicamente esperar"?.

DOIS TERÇOS DO NECESSÁRIO

Creio que depois nos trabalhos das Comissões ou no momento em que o Representante dos Estados Unidos julgue oportuno, precisará um pouco êsse detalhe, porque vinte bilhões é uma cifra interessante. Nada mais é do que dois têrços da cifra que nosso primeiro-ministro anunciou como necessária para o desenvolvimento da América. Se se empurar um pouquinho mais, chegaremos aos trinta bilhões (risos). Mas é preciso chegar a êsses trinta bilhões contantes e sonantes, um a um, nos cofres nacionais de cada um de todos os países da América, menos esta pobre Cinderela que, provàvelmente, não receberá nada (risos).

Aí é onde nós podemos ajudar, não no plano da chantagem, como se está prevendo, porque se diz: "Não, Cuba é a galinha dos ovos de ouro: há Cuba, enquanto existir Cuba, os Estados Unidos dão". Não, nós não viemos nessa condição, nós viemos trabalhar, procurar lutar no terreno dos princípios e das idéias para que nossos povos se desenvolvam, porque todos ou quase todos os senhores Representantes o disseram: Se a "Aliança para o Progresso" fracassa nada pode deter as ondas de movimentos populares — eu digo com minhas palavras, mas foi isso que se quiz dizer —, nada pode deter as ondas de movimentos populares, se a "Aliança para o Progresso" fracassa, e nós estamos interessados em que não fracasse, na medida que significa para a América uma real melhoria nos níveis de vida de todos os seus duzentos milhões de habitantes. Posso fazer aqui esta afirmação com honestidade e com tôda a sinceridade.

Nós diagnosticamos e previmos a revolução social na América, a verdadeira, porque os acontecimentos se estão desenvolvendo de outra maneira, porque se pretende frear os povos com baionetas, e quando o povo sabe que pode tomar as baionetas e voltá-las contra aquêles que as empunham, já está perdido que as empunha. Mas se se quer levar os povos por êste caminho do desenvolvimento lógico e harmonioso, com empréstimos a longo prazo e juros baixos, como anunciou o senhor Dillon, a cinqüenta anos de prazo, também nós estamos de acôrdo.

QUE OS ESTADOS UNIDOS CONCRETIZEM A CIFRA

A única exigência, senhores delegados, é que todos juntos temos que trabalhar para que aqui se concretize essa cifra e para assegurar que o Congresso dos Estados Unidos a aprove, pois não se esqueçam que estamos frente a um regime presidencial e parlamentar, não é uma "ditadura" como Cuba, onde um senhor representante de Cuba fala em nome do Govêrno e assume responsabilidade por seus atos. Aqui, além disso, tem que ser ratificado alhures, e a experiência de todos os senhores delegados mostra que muitas vêzes não foram ratificadas alhures as promessas que se fizeram aqui... (aplausos).

É muito o que tenho a dizer sôbre cada um dos pontos. Abreviaremos para discuti-los, com espírito fraternal, nas Comissões. Apenas uns dados gerais, algumas apreciações gerais.

A TAXA DE CRESCIMENTO

A taxa de crescimento, que se apresenta como uma coisa belíssima para tôda a América, é de 2,5 por cento de crescimento líquido. A Bolívia anunciou 5% para dez anos; nós felicitamos o Representante da Bolívia e lhe dizemos que, com um pouquinho de esfôrço e de mobilização de fôrças populares, pode dizer 10%. Nós falamos de 10% de desenvolvimento sem qualquer receio: 10% de desenvolvimento é a taxa prevista por Cuba para os anos vindouros.

Que significa isto, senhores Delegados? Que se cada um seguir o caminho que seguir, como tôda a América, que atualmente tem cêrca de 330 dólares *per capita*, e vê crescer o produto líquido em 2,5% ao ano, lá pelo ano de 1980 terá uns 500 dólares por habitante. Claro que isto para alguns países é um verdadeiro fenômeno.

Que pensa ter Cuba em 1980? Uma renda líquida de uns 3 000 dólares *per capita*, mais do que os Estados Unidos atualmente. E se não nos creem, muito bem, aqui estamos para competir, senhores. Que nos deixem em paz, que nos deixem desenvolver, e dentro de vinte anos vamos encontrar-nos novamente para ver se o canto de sereia era o de Cuba revolucionária ou era outro. Mas nós anunciamos de maneira responsável esta taxa de crescimento anual.

COMO SE FAZ A REFORMA AGRÁRIA

Os peritos sugerem a substituição dos ineficientes latifúndios e minifúndios por fazendas bem equipadas. Nós dizemos: querem fazer a Reforma Agrária? Tomem a terra ao que tem muita e dêem ao que não tem. Assim se faz a Reforma Agrária e o mais é canto de sereia. A forma de fazê-la, se se entrega um pedaço de terra de acôrdo com tôdas as regras da propriedade privada, se se faz em propriedade coletiva, se se efetua uma mescla — como temos nós — isto depende das peculiaridades de cada povo. Mas a Reforma Agrária se faz liquidando os latifúndios e não indo colonizar além dêles.

E assim poderia falar da redistribuição das receitas, que em Cuba se tornou efetiva porque foi tirada dos que têm mais e se permite ter mais aos que não têm nada ou aos que tem menos, porque fizemos a Reforma Agrária, porque fizemos a Reforma Urbana, porque rebaixamos as tarifas elétricas e telefônicas — que, entre parênteses, esta foi a primeira escaramuça com as companhias monopolistas estrangeiras — porque fundamos círculos sociais operários e círculos infantis, onde os filhos dos operários vão receber alimentação e onde vivem enquanto seus pais trabalham, porque construímos praias populares, e porque nacionalizamos o ensino, que é absolutamente gratuito. Além disso, estamos trabalhando num amplo plano de saúde.

OS "7 SABIOS"

Da industrialização falarei à parte, porque é a base fundamental do desenvolvimento e assim o interpretamos nós. Mas existe um ponto de grande interêsse — é o filtro, o purificador: os técnicos, creio que são sete, de nôvo, senhores —, o perigo da "latrinocracia" metido em meio aos acôrdos com que os povos querem melhorar seu nível de vida; outra vez políticos disfarçados de técnicos dizendo ora sim e ora não; porque tu fizeste tal coisa e tal coisa, sim, — mas na realidade porque és um fácil instrumento de quem dá os meios —; a ti não porque fizeste êste mal — mas na realidade porque não és instrumento de quem dá os meios, porque dizes, por exemplo, que não podes aceitar como preço de nenhum empréstimo que Cuba seja agredida.

Êste é o perigo, sem contar que os pequenos, como em tôda parte, são os que recebem pouco ou nada. Existe, Senhores delegados, um só lugar onde os pequenos têm o direito à "pateada", e é aqui, onde cada voto é um voto, e onde isto deve ser votado podem os pequenos — se estão em condições de fazê-lo — contar com o voto de Cuba, contra as medidas dos "sete", esterilizantes, "purificantes", destinadas a canalizar o crédito, com disfarces técnicos, para caminhos diferentes.

TRÊS CABOS BEM AMARRADOS

Qual a posição que realmente pode conduzir a uma autêntica planificação, que deve ter coordenação com todos, mas que não pode estar sujeita a nenhum outro organismo supranacional?

Nós compreendemos — e assim o fizemos em nosso país, senhores delegados — que a condição prévia para que haja uma verdadeira planificação econômica é que o poder político esteja nas mãos da classe trabalhadora. Êste é o *sine qua non* da verdadeira planificação, para nós. Além disso, é necessário a eliminação total dos monopólios imperialistas e o contrôle estatal das atividades produtivas fundamentais. Bem amarrados êstes tres cabos, inicia-se a planificação do desenvolvimento econômico; do contrário, tudo se perderá em palavras, em discursos, em reuniões.

Além disso, há dois requisitos que permitirão fazer ou não que êste desenvolvimento aproveite as potencialidades adormecidas no seio dos povos, que estão esperando que as despertem. São, por um lado, o da direção central racional da economia por um poder único, que tenha faculdades de decisão — não estou falando de faculdades ditatoriais, mas faculdades de decisão —, e, por outro, o da participação ativa de todo o povo nas tarefas da planificação.

Naturalmente, para que todo o povo participe nas tarefas da planificação, terá que ser todo o povo dono dos meios de produção; do contrário, dificilmente participará. O povo não quererá, e os donos das emprêsas onde trabalha me parece que tampouco.

Podemos falar alguns minutos do que Cuba obteve por seu lado, comerciando com todo o mundo e "seguindo pelas vertentes do comércio", como dizia Martí.

3 CRÉDITOS DOS PAISES SOCIALISTAS

Firmamos, até agora, créditos no valor de 357 milhões de dólares com os países socialistas e estamos em negociações — que são negociações de verdade — para obter mais cento e poucos milhões, com o que chegaremos aos 500 milhões em empréstimos, nestes cinco anos. Êsse empréstimo que nos assegura a posse e domínio de nosso desenvolvimento econômico, alcança, como dissemos, os 500 milhões de dólares — a quantia que os Estados Unidos dão à tôda a América — sòmente para a nossa pequena República. Isso, dividido pela população da República de Cuba e transladado para a América, significaria que os Estados Unidos, para proporcionar as quantidades equivalentes, teriam que dar 15 bilhões de pesos em cinco anos, ou 30 bilhões de dólares — falo de pesos ou de dólares porque no nosso país ambos valem a mesma coisa — trinta bilhões de dólares em dez anos, a cifra que nosso primeiro-ministro solicitara; e com isso, se se verificar uma correta condução do processo econômico; a América Latina, em apenas cinco anos, seria outra coisa.

NÃO QUEREMOS SER BURROS DE CARGA

Passemos, agora, para o Ponto II do Temário. E, naturalmente, antes de analisá-lo, formularemos uma questão política.

Amigos nossos — que existem muitos, embora não pareça — nestas reuniões, perguntavam se estávamos dispostos a reingressar no seio das nações latino-americanas. Nós nunca abandonamos as nações latino-americanas, e estamos lutando para que não nos expulsem, para que não nos obriguem a abandonar a família das repúblicas latino-americanas. O que não queremos é ser burros de carga, como dizia Martí. Simplesmente isso.

Denunciamos os perigos da integração econômica da América Latina, porque conhecemos os exemplos da Europa, e, além do mais, a América Latina conheceu já em seu próprio sangue o que custou para ela a integração da Europa. Denunciamos o perigo de que os monopólios internacionais manejassem totalmente os processos do comércio dentro das associações do livre comércio. Mas, nós anunciamos também aqui, no seio da Conferência, e esperamos que nos aceitem, que estamos dispostos a ingressar na Associação Latino-Americana de Livre Comércio, como mais um, criticando também o que se deva criticar, mas cumprindo todos os requisitos, sempre e quando se respeite a organização econômica e social de Cuba, e se aceite já como um fato consumado e irreversível seu govêrno socialista.

E, além do mais, a igualdade de tratamento e a utilização equitativa das vantagens da divisão internacional do trabalho, também devem ser extensivos a Cuba. Cuba deve participar ativamente e pode contribuir muito para aliviar muitos dos grandes "apertos" que existem nas economias de nossos países, com a ajuda da economia planificada, dirigida centralizadamente e com um objetivo claro e definido.

AS PROPOSTAS CUBANAS

Entretanto, Cuba propõe também as seguintes medidas: propõe o início de negociações bilaterais imediatas para a evacuação de bases ou territórios de países membros ocupados por outros países membros, para evitar que se registrem casos como o que denunciava a Delegação do Panamá, onde a política salarial do Panamá não pode ser cumprida em um pedaço do seu território. O mesmo ocorre em relação a nós, e desejaríamos que essa anomalia desaparecesse, falando do ponto de vista econômico.

Nós propomos o estudo de planos racionais de desenvolvimento e a coordenação da assistência técnica e financeira de todos os países industrializados, sem distinções ideológicas e geográficas de nenhuma espécie; propomos também que se assegurem as garantias para salvaguardar os interêsses dos países membros mais débeis; a proscrição dos atos de agressão econômica de alguns membros contra outros; a garantia para proteger as emprêsas latino-americanas contra a concorrência dos monopólios estrangeiros; a redução das tarifas norte-americanas para produtos industriais dos países latino-americanos integrados; e estabelecemos que, no nosso modo de ver, o financiamento externo seria bom desde que se verificasse através de inversões indiretas que reunissem as seguintes condições: não sujeitá-los a exigências políticas, não discriminá-los contra emprêsas estatais, destiná-los de acôrdo com os interêsses do país beneficiado, e que suas taxas de juros não ultrapassem três por cento; que seu prazo de amortização não seja inferior a dez anos e possa ser ampliado em virtude de dificuldades na balança de pagamentos; proscrição da apropriação ou confisco de navios e aviões de um país membro por outro; início de reformas tributárias que não incidam sôbre as massas trabalhadoras e de proteção contra a ação dos monopólios estrangeiros.

AS GARANTIAS NECESSÁRIAS

O Ponto III do Temário foi tratado com a mesma delicadeza que os outros, pelos senhores técnicos; com duas suaves pinças tomaram o assunto, levantaram um pouquinho o véu e o deixaram cair imediatamente, porque a coisa é dura...

"Teria sido desejável — afirmam — e até tentador para o Grupo formular recomendações ambiciosas e espetaculares. Não o fêz, entretanto, em virtude dos numerosos e complexos problemas técnicos que teriam de ser resolvidos necessàriamente. Assim é que as recomendações formuladas tiveram, necessàriamente, de se limitar àquelas que foram consideradas tècnicamente realizáveis."

Não sei se serei demasiado perspicaz, mas acredito ler entre as linhas. Como não há pronunciamento, a Delegação Cubana apresenta de forma concreta o que deve se obter desta reunião: garantia de preços estáveis, sem "podia ser" nem "poderia ser", sem "examinaríamos" nem "examinaremos", mas garantias de preços estáveis, mercados crescentes ou pelo menos estáveis, garantias contra agressões econômicas, garantias contra a suspensão unilateral de compras em mercados tradicionais, garantias contra o *dumping* de excedentes agrícolas subsidiados, garantia contra o protecionismo à produção de produtos primários, criação nos países industrializados das condições para as compras de produtos primários com mais elevado grau de elaboração.

Cuba manifesta que seria desejável que a delegação dos Estados Unidos responda, no seio das comissões, se continuará subsidiando sua produção de cobre, chumbo, zinco, açúcar, algodão, trigo ou lã. Cuba pergunta se os Estados Unidos continuarão pressionando para que os excedentes de produtos primários dos países membros não sejam vendidos aos países socialistas, ampliando assim seu mercado.

A OUTRA FACE DA MOEDA

E vem o Ponto V do Temário, porque o IV nada mais é do que um informe. Êste Ponto V é a outra face da moeda.

Fidel Castro disse por ocasião da Conferencia de Costa Rica, que os Estados Unidos haviam ido "com uma bôlsa de ouro em uma das mãos e um porrete na outra". Hoje, aqui, os Estados Unidos vêm com a bôlsa de ouro — felizmente maior — numa mão e a barreira para isolar Cuba na outra. E, de tôdas as maneiras, um triunfo das circunstâncias históricas.

Mas, o Ponto V do Temário estabelece um programa

(Conclui na 3.ª página)

O Plano Norte-Americano Visa à Dcmesticação da América Latina

(Conclusão da 2.ª Página)

de medidas na América Latina visando ao contrôle do pensamento, a subordinação do movimento sindical e, se fôr possível, a preparação da agressão militar contra Cuba.

O MONOPÓLIO DA INFORMAÇÃO

São previstas três medidas, através da leitura: mobilização, a partir de agora, dos meios de difusão e propaganda latino-americanos contra a Revolução Cubana e contra as lutas de nossos povos por sua liberdade; constituição, em reunião posterior, de uma Federação Interamericana de Imprensa, Rádio, Televisão e Cinema, que permita aos Estados Unidos dirigir a política de todos os órgãos de opinião da América Latina, de todos — hoje não existem muitos que estejam fora da sua esfera de influência, mas pretende todos —, controlar monopolìsticamente as novas emprêsas de informação e absorver a quantas seja possível das antigas.

O "MERCADO COMUM" DA CULTURA DOMESTICADA

Tudo isso para praticar algo insólito que se anunciou aqui com tôda a tranqüilidade e que no meu país provocou profundas discussões quando se realizou algo parecido num só aspecto. Pretende-se, senhores delegados, estabelecer o mercado comum da cultura, organizado, dirigido, pago e domesticado; a cultura da América a serviço dos planos de propaganda do imperialismo, para demonstrar que a fome de nossos povos não é fome, mas sim preguiça. Magnífico!

Diante disso, nós respondemos: deve se fazer uma exortação aos órgãos de opinião da América Latina para que se tornem participantes dos ideais de libertação nacional de cada povo latino-americano. Deve-se apelar para o intercâmbio de informação, meios culturais órgãos de imprensa, e para a realização de visitas diretas sem discriminações entre nossos povos, senhores, pois um norte-americano que vai a Cuba atualmente é condenado a 5 anos de prisão ao retornar ao seu país; apelo aos governos latino-americanos para que assegurem as liberdades que permitam a organização sindical independente do movimento operário, a defesa dos interêsses dos trabalhadores e a luta pela verdadeira independência dos seus povos; e condenação total, absoluta, do Ponto V, como uma tentativa do imperialismo de domesticar a única coisa que nossos povos ainda estavam salvando do desastre: a cultura nacional. (Aplausos).

CUBA SERÁ O PRIMEIRO PAÍS INDUSTRIAL DA AMÉRICA LATINA

Permitam-me, senhores delegados, traçar um esquema dos objetivos do primeiro plano de desenvolvimento econômico de Cuba no próximo quatriênio. A taxa do crescimento global será de 12%, isto é, mais de 9 1/2% *per capita*, bruto. No terreno industrial, transformação de Cuba no país mais industrializado da América Latina em relação à sua população, como o indicam os seguintes dados: a) primeiro lugar na América Latina na produção *per capita* de aço, cimento, energia elétrica e, com exceção da Venezuela, refinação de petróleo; primeiro lugar na América Latina em tratores, *rayon*, calçados, tecidos, etc.; segundo lugar no mundo na produção de níquel metálico (até hoje Cuba só produziu concentrados); a produção de níquel em 1965 será de 70 mil toneladas métricas, o que constitui aproximadamente 30% da produção mundial; e, além do mais, produzirá 2.600 toneladas métricas de cobalto metálico; produção de 8 1/2 a 9 milhões de toneladas de açúcar; início da transformação da indústria açucareira em "sucro química".

Para alcançar êsses objetivos, fáceis de enunciar, mas que demandam um enorme trabalho e o esfôrço de todo um povo para serem cumpridos, e um financiamento externo muito grande, feito com critério de ajuda e não de espoliação, foram tomadas as seguintes medidas: inversão de mais de 1 bilhão de pesos — o peso cubano equivale ao dólar — na instalação de 800 megawatts de energia elétrica. Em 1960, a capacidade instalada — excetuando a indústria açucareira, que trabalha temporàriamente — era de 621 megawatts. Instalação de 205 indústrias, entre as quais as mais importantes são as 22 que se seguem: uma nova usina de refinação de níquel metálico, o que elevará o total a 70 mil toneladas; uma refinaria de petróleo para dois milhões de toneladas de óleo cru; a primeira usina siderúrgica, de 700 mil toneladas, que neste quatriênio já estará produzindo 500 mil toneladas de aço; a ampliação de nossas fábricas para produzir 25 mil toneladas métricas de tubos de aço com costura; cinco mil tratores anualmente; 10 mil motocicletas anualmente; três fábricas de cimento e ampliação das existentes para um total de .... .500.000 toneladas métricas, o que elevará nossa produção anual a 2.500.000 toneladas anuais; vasilhame, 291 milhões de unidades; ampliação de nossas fábricas de vidro para 23.700 toneladas métricas anuais; vidro plano, 1 milhão de metros quadrados; uma nova fábrica de chapas de bagaço, 10 mil metros cúbicos; uma fábrica de celulose de bagaço para a produção de 60 mil toneladas métricas, além de uma de celulose de madeira para 40 mil toneladas métricas anuais; uma usina de superfosfato simples, para 70 mil toneladas; 81 mil toneladas métricas de superfosfato triplo; 132 mil toneladas métricas de ácido nítrico; 85 mil toneladas métricas de amoníaco; 8 novas fábricas têxteis e ampliação das já existentes para 451 mil fusos; uma fábrica de sacos de kenaf, para 16 milhões de sacos e, assim, outras de menor importância que atingirão a 205, até agora.

367 MILHÕES DE DÓLARES: AJUDA SOCIALISTA

Estes créditos foram obtidos até o presente da seguinte forma: 200 milhões de dólares da União Soviética; 60 milhões de dólares da República Popular da China; 40 milhões da República Socialista da Tchecoslováquia; 15 milhões da República Popular Romena; 15 milhões da República Popular da Hungria; 12 milhões da República Popular da Polônia; 10 milhões da República Democrática Alemã, e 5 milhões da República Democrática Búlgara. O total obtido até agora é de 357 milhões de dólares. As novas negociações que logo esperamos concluir são fundamentalmente com a União Soviética que, como o país mais industrializado da área socialista, foi o que nos concedeu um mais amplo apoio.

No terreno da agricultura, Cuba se propõe a alcançar a auto-suficiência em algodão e fibras duras; criação de excedentes exportáveis de frutas tropicais e outros produtos agrícolas cuja contribuição para a exportação triplicará os níveis atuais.

No que se refere ao comércio exterior, o valor das exportações aumentará de 75% em relação ao ano de 1960; diversificação da economia, o açúcar e seus derivados constituirão aproximadamente 60% do valor das exportações, e não 80% como agora.

Em matéria de construção: eliminação de 40% do deficit atual de moradias, incluindo os "bohios", que são nossas favelas; combinação racional de materiais de construção para que, sem sacrificar a qualidade, aumente o uso dos materiais locais.

O PRIMEIRO LUGAR EM VERBAS PARA EDUCAÇÃO

Há um ponto em que gostaria de me deter um minuto: é a educação. Rimos do grupo de técnicos que punham a educação e a saúde como condições *sine qua non* para iniciar o caminho do desenvolvimento. Para nós isso é uma aberração, mas não é menos certo que, uma vez iniciado o caminho do desenvolvimento, a educação deve marchar paralelamente ao mesmo. Sem uma educação tecnológica adequada, o desenvolvimento não avança. Eis porque Cuba realizou a reforma integral da educação, ampliou e melhorou os serviços educativos e planificou integralmente a educação.

Atualmente, está em primeiro lugar na América Latina na dotação de recursos para a educação: 5,3% da renda nacional são a ela dedicados. Os países desenvolvidos empregam de 3 a 4, e a América Latina de 1 a 2 por cento da renda nacional. Em Cuba, 28,3% das despesas correntes do Estado são para o Ministério da Educação e, incluindo-se outros organismos que gastam com a educação, essa porcentagem sobe a 30%. Na América Latina, o país que nos segue emprega 21% do seu orçamento.

O aumento das despesas com a educação, de 75 milhões em 1958 para 128 milhões em 1961, representa uma elevação de 71%. E os gastos totais com a educação, incluindo a alfabetização e a construção de escolas, é de 170 milhões: 25 pesos *per capita*. Na Dinamarca, por exemplo, gastam-se anualmente com a educação 25 pesos *per capita*; na França, 15, e na América Latina, 5.

TAMBÉM LIVRE DE ANALFABETOS

Criação em dois anos de 10 mil salas de aula e nomeação de 10 mil novos professôres — é Cuba o primeiro país da América Latina que satisfaz plenamente as necessidades de instrução primária para tôda a população escolar, objetivo principal do Projeto Básico da UNESCO na América Latina para 1968, já realizado neste momento em Cuba.

Essas medidas e essas cifras realmente maravilhosas e absolutamente verídicas que aqui apresentamos, Senhores Delegados, foram possíveis em virtude das seguintes medidas: nacionalização do ensino, tornando-o laico e gratuito e permitindo o aproveitamento total de seus serviços; criação de um sistema de bôlsas de estudo que garante a satisfação de tôdas as necessidades dos estudantes, de acôrdo com o seguinte plano: 20 mil bôlsas para escolas secundárias básicas, de 7.º a 9.º grau; 3 mil para Institutos Pré-Universitários; 3 mil para Instrutores de Ofícios; 6 mil para as Universidades; 1.500 para cursos de Inseminação Artificial; 1.200 para cursos Maquinaria Agrícola; 14 mil para cursos de Corte e Costura e de preparação para o lar, para as camponesas; 1.200 para a preparação de professôres primários, nas montanhas; 750 para cursos de iniciação do magistério primário; 10 mil para alunos de Instrução Tecnológica; e, além do mais, centenas de bôlsas para estudar tecnologia nos países socialistas; criação de 100 centros de educação secundária, com o que cada município terá pelo menos um.

Êste ano, em Cuba, como anunciei, o analfabetismo será liquidado. É um maravilhoso espetáculo. Até o atual momento, 104.500 brigadistas, quase todos estudantes entre 10 e 18 anos, inundam o país de um extremo ao outro para ir diretamente ao *bohio* do camponês, para ir à casa do operário, para convencer ao homem velho que já não quer estudar, e liquidar, assim, o analfabetismo em Cuba.

Tôda vez que uma fábrica liquida o analfabetismo entre seus operários, levanta uma bandeira que anuncia o feito ao povo de Cuba; cada vez que uma cooperativa liquida o analfabetismo entre seus camponeses, levanta a mesma insígnia; e existem 104 500 jovens que têm como insígnia um livro e um farol para levar as luzes da educação às regiões atrasadas, e que pertencem à Brigadas "Conrado Benitez", com o que se honra o nome do primeiro mártir da educação da Revolução Cubana, enforcado por um grupo de contra-revolucionários pelo grave delito de se encontrar nas montanhas de nossa terra ensinando os camponeses a ler.

Essa é a diferença, Senhores Delegados, entre nosso país e os que o combatem.

PANORAMA CULTURAL CUBANO

Cento e cinqüenta e seis mil alfabetizadores voluntários, que não dão o tempo integral, já que são trabalhadores e profissionais, servem ao ensino; 32 mil professôres dirigem êsse exército, e só com a cooperação ativa de todo o povo de Cuba foi possível alcançarmos cifras de tal vulto.

Fêz-se tudo em um ano, ou melhor, em dois anos: sete quartéis de Regimento foram transformados em cidades escolares; 27 quartéis são, hoje, escolas, e tudo isso sob o perigo das agressões imperialistas. A cidade escolar "Camilo Cienfuegos" tem atualmente 5 mil alunos procedentes da Sierra Maestra, e estão em construção unidades para 20 mil alunos; projeta-se construir uma cidade semelhante em cada província; cada cidade escolar se autoabastecerá de alimentos, iniciando às crianças camponesas nas técnicas agrícolas.

Além do mais, foram estabelecidos novos métodos de ensino. A escola primária passou, de 1958 a 1959, de 602.000 a 1.231.700 alunos; a secundária básica, de 21.900 a 83.800; comércio, de 8.900 a 21.300; tecnológicas, de 5.600 a 11.500.

Foram invertidos 48 milhões de pesos em construções escolares sòmente em dois anos.

A Imprensa Oficial fornece textos e demais impressos para todos os estudantes, gratuitamente.

Duas cadeias de televisão que cobrem todo o território nacional, permitem usar êste poderoso instrumento de educação maciça para o ensino. O mesmo se verifica com tôda a Rádio Nacional, que está a serviço do Ministério da Educação.

O Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica, a Biblioteca e o Teatro Nacionais, mandando suas caravanas por todo o país, completam o grande aparelho divulgador da cultura.

O Instituto Nacional de Esportes, Educação Física e Recreação, cuja sigla é INDER, promove o desenvolvimento físico em grande escala.

Êsse é, senhores delegados, o panorama cultural de Cuba atualmente.

Agora chega a parte final de nossa intervenção, a parte das definições, porque queremos deixar bem clara a nossa posição.

O DOCUMENTO SECRETO IANQUE

Denunciamos a "Aliança para o Progresso" como um veículo destinado a separar o povo de Cuba dos outros povos da América Latina, a esterilizar o exemplo da Revolução Cubana e, finalmente, a domesticar os outros povos de acôrdo com as indicações do imperialismo.

Desejaria que me permitissem demonstrar cabalmente o que afirmo.

Existem muitos documentos interessantes no mundo. Distribuiremos entre os delegados alguns documentos que chegaram às nossas mãos e que demonstram, por exemplo, a opinião que o imperialismo tem sôbre o govêrno da Venezuela, cujo chanceler, há alguns dias, nos atacava duramente, quem sabe, por entender que nós estávamos violando as leis de amizade com o seu povo e seu Govêrno.

Entretanto, é interessante assinalar que mãos amigas fizeram chegar a nós um documento esclarecedor. Trata-se de um documento secreto dirigido ao embaixador Moscoso, na Venezuela, por seus assessôres John M. Gates Jr., Irving Tragen e Robert Cox.

Em um dos seus parágrafos diz êsse documento, falando das medidas que devem ser tomadas na Venezuela para realizar uma verdadeira "Aliança para o Progresso", dirigida pelos Estados Unidos:

"Reforma da Burocracia. Todos os planos que se formulem — referindo-se à Venezuela —, todos os programas que se iniciem para o desenvolvimento econômico da Venezuela, seja pelo govêrno venezuelano ou por técnicos norte-americanos, terão que ser aplicados através da burocracia venezuelana. Mas, enquanto a administração pública dêsse país se caracterizar pela inépcia, a negligência, o formalismo, o favoritismo dos partidos na distribuição de empregos, o latrocínio, a duplicidade de funções e a ereção de impérios particulares, será pràticamente impossível fazer que projetos dinâmicos e eficazes passem através da máquina governamental. A reforma do aparelho administrativo é, possivelmente, a necessidade mais fundamental, já que não só se destina a retificar um desajuste básico econômico e social, como também implica em recondicionar o próprio instrumento através do qual se deverão plasmar tôdas as demais reformas básicas e projetos de desenvolvimento."

Existem muitas coisas interessantes nesse documento, que poremos à disposição dos Senhores Delegados. Nêle se fala também dos nativos. Depois de ensinar os nativos, deixa-se os nativos a trabalhar. Somos nativos, nada mais, do que isso. Mas, há algo muito interessante, Senhores Delegados: é a recomendação que o senhor Gates faz ao Sr. Moscoso, sôbre o que se deve fazer na Venezuela e porque se deve fazer. Diz assim:

"Os Estados Unidos ver-se-ão na necessidade, provàvelmente mais depressa do que se pensa, de advertir os godos, a oligarquia, os novos ricos, os setores econômicos nacionais e estrangeiros em geral, os militares e o clero, de que terão, em última instância, que escolher entre duas coisas: contribuir para o estabelecimento na Venezuela de uma sociedade baseada nas massas, retendo parte de seu "status quo" e suas riquezas, ou ter que enfrentar a perda dos dois (e muito provàvelmente a própria morte no "paredón") — êste é um relatório dos norte-americanos ao seu embaixador — se as fôrças da moderação e do progresso forem derrubadas na Venezuela".

AS INSTRUÇÕES SÔBRE O "CASO DE CUBA"

Depois isso se completa e dá a imagem do quadro e de tôda a maquinação em que vai começar a se desenrolar essa Conferência com outros relatórios sôbre as instruções secretas dirigidas pelo Departamento de Estado, na América Latina, sôbre o "caso de Cuba".

Isso é muito importante, porque é o que mostra onde estava a mãe do cordeiro. Diz assim: — permitir-me-ei transcrever um pouco, embora depois o distribuamos, respeitando o tempo, que já violei um pouco:

"Inicialmente, ficou plenamente assentado na América Latina que a invasão estava apoiada pelos Estados Unidos e que, por isso mesmo, teria êxito. A maioria dos governos e setores responsáveis da população estavam preparados para aceitar um fato consumado ("fait accompli"), ainda que existissem temores sôbre a violação do princípio de não intervenção. Os comunistas e outros elementos fortemente pró-Castro, tomaram imediatamente a ofensiva, com demonstrações e atos de violência dirigidos contra agências dos Estados Unidos em vários países, especialmente na Argentina, Bolívia e México. Entretanto, tais atividades antinorte-americanas e pró-Castro receberam um apoio limitado e tiveram menos efeito do que se poderia esperar".

"O fracasso da invasão desalentou os setores anti-Castro, os quais consideravam que os Estados Unidos deviam fazer algo dramático que restaurasse seu danificado prestígio, porém foi acolhido com alegria pelos comunistas e outros elementos pró-Castro".

E, continua:

"Na maioria dos casos, as reações dos governos latino-americanos não foram surpreendentes. Excetuando o Haiti e a República Dominicana, as repúblicas que já haviam rompido ou interrompido as relações com Cuba expressaram sua compreensão diante da posição norte-americana. Honduras se uniu ao campo antiCastro, suspendendo as relações em abril e propondo a formação de uma aliança de nações centro-americanas e do Caribe para resolver pela fôrça com Cuba. A proposição — que também foi sugerida independentemente pela Nicaragua — foi abandonada sem alarde, quando a Venezuela se recusou a apoiá-la. Venezuela, Colômbia e Panamá expressaram séria preocupação pelas penetrações soviéticas em Cuba, mas se mantiveram a favor da realização de algum tipo de ação coletiva da OEA — "ação coletiva da OEA", entramos em terreno conhecido, — para fazer frente ao problema cubano. Opinião semelhante foi adotada pela Argentina, Uruguai e Costa Rica. Chile, Equador, Bolívia, Brasil e México recusaram apoiar qualquer posição que implicasse uma intervenção nos assuntos internos de Cuba. Essa atitude foi provàvelmente muito intensa no Chile, onde o govêrno encontrou forte oposição, em tôdas as esferas, a uma intervenção militar aberta de qualquer Estado contra o regime de Castro. No Brasil e no Equador a questão provocou sérias divisões no Gabinete, no Congresso e nos partidos políticos. No caso do Equador, a posição intransigente pró-Cuba do Presidente Velazco foi abalada, mas não alterada, pela descoberta de que comunistas equatorianos estavam sendo treinados dentro do país na tática de guerrilhas por revolucionários pró-Castro". Entre parênteses, digo é mentira.

FALTA DE APOIO PARA A INTERVENÇÃO

"Mesmo assim, existem muito poucas dúvidas de que alguns dos elementos anteriormente não comprometidos da América Latina ficaram impressionados favoràvelmente pela habilidade de Castro em sobreviver a um ataque militar, apoiado pelos Estados Unidos, contra o seu regime. Muitos que haviam vacilado em se comprometer antes, porque supunham que os Estados Unidos eliminariam o regime de Castro com o tempo, pode ser que tenham mudado agora de opinião. A vitória de Castro demonstrou a êles o caráter permanente e factível da Revolução Cubana — relatório dos Estados Unidos. Além do mais, sua vitória excitou o latente sentimento antinorte-americano que prevalece em grande parte da América Latina.

"Em todos os aspectos, os Estados membros da OEA são agora menos hostis à intervenção dos Estados Unidos em Cuba do que antes da invasão, mas uma maioria — incluindo o Brasil e o México, que somam mais de metade da população da América Latina — não está disposta a intervir ativamente e nem sequer a se unir em uma quarentena contra Cuba.

"Tampouco poderia se esperar que a Organização desse de antemão sua aprovação à intervenção direta dos Estados Unidos, exceto no caso de que Castro esteja envolvido, sem deixar margem a dúvidas, num ataque a um govêrno latino-americano.

"Mesmo que os Estados Unidos tivessem êxito — o que parece impossível — em persuadir à maioria dos Estados latino-americanos a se unirem numa quarentena contra Cuba, a tentativa não teria um êxito total. O Brasil e o México, seguramente, se recusariam a cooperar e serviriam de canal para as viagens e outras comunicações entre a América Latina e Cuba.

A ATIVIDADE DO BRASIL

"A oposição oferecida durante muito tempo pelo México à intervenção de qualquer tipo não representaria um obstáculo insuperável à ação coletiva da OEA contra Cuba. Entretanto, a atitude do Brasil, que exerce uma forte influência sôbre seus vizinhos sul-americanos, é decisiva para a cooperação hemisférica. Enquanto o Brasil se recusar a atuar contra Castro, é provável que certo número de outras nações, incluindo a Argentina e o Chile, não manifestem desejos de se arriscar a repercussões internas adversas para satisfazer os desejos dos Estados Unidos.

"A magnitude da ameaça que representam Castro e os comunistas em outras partes da América Latina continuará provàvelmente dependendo no fundamental dos seguintes fatôres: a) a habilidade do regime em manter a sua posição; b) sua eficácia em demonstrar o êxito de seu modo de abordar os problemas de reforma e desenvolvimento; e, c) a habilidade dos elementos não comunistas em outros países latino-americanos de proporcionar alternativas factíveis e popularmente aceitáveis. Se, através da propaganda, etc., Castro puder convencer os elementos descontentes que existem na América Latina de que realmente estão se realizando reformas sociais básicas que beneficiem às classes mais pobres — isto é, se disso que afirmamos se convencerem os Senhores Delegados que é verdade — crescerá a atração pelo exemplo cubano, que continuará inspirando imitadores de esquerda em tôda a zona. O perigo não é tanto de que um aparelho subversivo, com seu centro em Havana — possa exportar a Revolução, como o de que uma crescente miséria e descontentamento entre as massas dos povos latino-americanos proporcione aos elementos pró-Castro oportunidades de atuar".

SABEM BEM QUE CUBA NÃO AMEAÇA NINGUÉM

Depois de considerar se nós intervirmos ou não, raciocinam:

"E' provável que os cubanos atuem cautelosamente a êsse respeito durante algum tempo. Provàvelmente não estão desejosos de se arriscar a que se intercepte ou se descubra alguma operação de pirataria ou de auxílio militar proveniente de Cuba. Tal eventualidade traria como resultado um maior endurecimento da opinião oficial latino-americana contra Cuba, casualmente até o ponto de proporcionar um apoio tácito à intervenção norte-americana, ou dar pelo menos possíveis razões para sanções por parte da OEA. Por essas razões e em virtude da preocupação de Castro pela defesa de seu próprio território neste momento, o uso de fôrças militares cubanas para apoiar a insurreição em outras partes é extremamente improvável".

Assim, Senhores Delegados que têm dúvidas, o Govêrno dos Estados Unidos anuncia que é muito difícil que nossas tropas intervenham nas questões nacionais dos outros países.

"À medida que o tempo passa, e diante da ausência de uma intervenção direta de Cuba nos assuntos internos de Estados vizinhos, os presentes receios contra o castrismo, a intervenção soviética no regime, a sua natureza "socialista" — êles o põem entre aspas — e a repugnância pela repressão do Estado policial de Castro tenderão a decrescer e a política de não intervenção será reafirmada".

CONFESSAM O DESPRESTÍGIO IANQUE

Afirma depois o relatório: "Além do seu efeito direto sôbre o prestígio dos Estados Unidos nessa zona — que decresceu indubitàvelmente depois do fracasso da invasão — a sobrevivência do regime de Castro poderia ter um efeito profundo sôbre a vida política americana nos anos próximos. Cuba prepara a cena para uma luta política nos têrmos promovidos pela propaganda comunista durante muito tempo neste Hemisfério, ficando de um lado as fôrças "populares" — entre aspas — antinorte-americanas e do outro os grupos dominantes aliados aos Estados Unidos. Aos governos que prometem uma reforma evolutiva por um período de anos, mesmo num ritmo acelerado, se oporão líderes políticos que prometerão um remédio imediato para os males sociais, mediante o confisco de propriedades e a transformação da sociedade. O perigo mais imediato do exemplo de Castro para a América Latina poderia ser muito bem o perigo para a estabilidade daqueles governos que estão atualmente tentando mudanças sociais e econômicas através da evolução, mais ainda que para aquêles que tratarem de impedir tais mudanças, em parte devido às tensões e excitadas esperanças que acompanham as mudanças sociais e o desenvolvimento econômico. Os desempregados da cidade e os camponeses sem terra da Venezuela e do Peru, por exemplo, que esperaram que a Ação Democrática e o APRA efetuassem reformas, constituem uma fonte ativa de fôrça política para o político que os convença de que a modificação pode ser efetuada mais ràpidamente do que o prometeram os movimentos social-democráticos. O apoio popular de que atualmente desfrutam os grupos que procuram mudanças evolutivas ou o amparo potencial que normalmente poderiam obter à medida que as massas populares latino-americanas se tornam mais ativas politicamente, se perderia na medida em que os líderes políticos extremistas, utilizando o exemplo de Castro, possam encontrar apoio para a transformação revolucionária".

ALIANÇA PARA FREAR A LIBERTAÇÃO

E, no último parágrafo, senhores, aparece a nossa amiga aqui presente: "A 'Aliança Para o Progresso' poderia muito bem proporcionar o estímulo para levar a cabo programas mais intensos de reforma, mas a menos que êstes se iniciem ràpidamente e comecem imediatamente a mostrar resultados positivos, é provável que não sejam um contrapêso suficiente para a crescente pressão da extrema esquerda. Os anos que temos pela frente serão, seguramente, testemunhas de uma corrida entre aquelas fôrças que estão tentando iniciar programas evolutivos de reforma e as que estão procurando grangear o apoio de massas para uma revolução básica econômica e social. Se os moderados ficarem para trás, nessa corrida, poderão, com o tempo, se verem privados de seu apoio de massas e colhidos numa posição insustentável entre os extremos da direita e da esquerda».

Êstes são, Senhores Delegados, os documentos que a Delegação de Cuba queria apresentar para analisar cruamente a "Aliança Para o Progresso".

Conhecemos todos o que pensa intimamente o Departamento de Estado norte-americano: "E' preciso fazer com que os países da América Latina cresçam, senão vem um fenômeno que se chama "castrismo», que é tremendo para os Estados Unidos".

Pois bem, senhores, façamos a "Aliança Para o Progresso" sôbre êsses têrmos: que cresçam de verdade as economias de todos os países membros da Organização de Estados Americanos; que cresçam para [illegible] seus produtos e não para que se [illegible] em [illegible] de recursos para os monopólios norte-americanos; que cresçam para assegurar a paz e não para criar reservas para uma eventual guerra de conquista; que cresçam para nós e não para os de fora. E a todos vós, Senhores Delegados, a Delegação de Cuba vos diz com tôda a franqueza: queremos, dentro de nossas condições, participar da família latino-americana; queremos conviver com os países ou América Latina; queremos vê-los crescer, se fôr possível, no mesmo ritmo em que estamos crescendo, mas não nos opomos a que cresçam num outro ritmo. O que exigimos é a garantia da não agressão para as nossas fronteiras.

CUBA NÃO EXPORTARÁ A REVOLUÇÃO

Não podemos deixar de exportar exemplo, como querem os Estados Unidos, porque o exemplo é algo espiritual que transpassa as fronteiras. O que demos é a garantia de que não exportaremos revolução, damos a garantia de que não se moverá um fuzil de Cuba, de que não se moverá uma só arma de Cuba para ir lutar em nenhum outro país da América.

O que não poderemos assegurar é que a idéia de Cuba não seja implantada em algum outro país da América e o que asseguramos nesta Conferência, diante dos povos, é que se não forem tomadas medidas urgentes de prevenção social, o exemplo de Cuba se arraigará nos povos e, então sim, aquela exclamação que Fidel fêz num 26 de Julho e que se interpretou como agressão, exclamação que deu muito o que pensar, voltará a se tornar certa. Fidel disse que se as condições sociais continuassem como até agora, "a cordilheira dos Andes seria a Sierra Maestra da América".

Nós, Senhores Delegados, conclamamos à aliança para o progresso, à aliança para o nosso progresso, à aliança pacífica para o progresso de todos. Não nos opomos a que se nos deixem de lado na repartição dos créditos, mas nos opomos a que nos deixem de lado na participação na vida cultural e espiritual de nossos povos latino-americanos, aos quais pertencemos.

O QUE CUBA NÃO ADMITIRÁ

O que jamais admitiremos é que cerceiem a nossa liberdade de comerciar e ter relações com todos os povos do mundo, e do que nos defenderemos, com todas as nossas fôrças, é de qualquer tentativa de agressão estrangeira, seja praticada pela potência imperialista ou por algum organismo latino-americano que endosse o desejo de alguns de nos verem liquidados.

Para finalizar, Senhor Presidente, Senhores Delegados, quero dizer que faz algum tempo tivemos uma reunião no Estado-Maior das Fôrças Armadas Revolucionárias no meu país, Estado-Maior ao qual pertenço. Tratava-se de uma agressão contra Cuba, que sabíamos que viria, mas não sabíamos ainda quando e nem por onde. Pensávamos que seria muito grande, e de fato ia ser muito grande. Isso ocorreu antes da famosa advertência do Primeiro-Ministro da União Soviética, Nikita Kruschiov, de que seus foguetes podiam voar muito além das fronteiras soviéticas. Nós não havíamos pedido essa ajuda e não conhecíamos essa disposição de ajudar. Por isso, nos reunimos, sabendo que se aproximava a invasão, para enfrentar como revolucionários o nosso destino final. Sabíamos que se os Estados Unidos invadissem Cuba, se verificaria uma hecatombe, mas finalmente seríamos derrotados e expulsos de todos os lugares habitados do país.

Propusemos então, os membros do Estado-Maior, que Fidel Castro se retirasse para um reduto da montanha e que um de nós tomasse a seu cargo a defesa de Havana. Nosso Primeiro-Ministro e Chefe respondeu naquela ocasião, com palavras que o enaltecem — como todos os seus atos — que se os Estados Unidos invadissem Cuba e Havana fôsse defendida como o deveria ser, centenas de milhares de homens, mulheres e crianças morreriam ante a fúria das armas ianques e que a um governante de um povo em revolução não se podia pedir que se refugiasse nas montanhas. Seu lugar estava ali onde se encontravam os seus mortos queridos e que ali, com êles, cumpriria a sua missão histórica.

Essa invasão não se registrou, mas mantemos êsse espírito, Senhores Delegados. Por isso posso predizer que a Revolução Cubana é invencível. Porque tem um povo como é o povo cubano e porque tem um governante como o que dirige Cuba.

Isso é tudo, Senhores Delegados. (Prolongados aplausos).

Tática Dos EUA: Comprar os «Grandes» e Fazer Promessas Aos «Pequenos»

(Conclusão da 4.ª página)

ram, por meio de comitês especiais de assessoramento estabelecidos como parte integral da administração do Plano, efetivo apoio no trabalho de recuperação econômica". (O grifo é nosso). Eis aí a que se reduz a "independência" das CIOSL, ORIT, etc., numa confissão dos próprios imperialistas...

O conhecido pelego Ari Campista, integrante da delegação brasileira, perambula pelos corredores da conferência, certamente decepcionado com o entêrro solene do documento ianque.

Esta foi, sem dúvida, a derrota mais contundente e desmoralizante sofrida pelos Estados Unidos aqui. Arturo Morales Carrion, americano de origem pôrto-riquenha, um dos pais do documento e representante dos Estados Unidos na comissão, teve de engolir em sêco sua própria criação e ouvir as duras verdades que foram ditas por Cuba.

É possível que os americanos já esperassem ter que fazer concessões, nesse ponto. Tanto que a conferência dos Roberto Marinho, Júlio de Mesquita e outros ases da imprensa «livre», anunciada para realizar-se simultâneamente com a reunião do CIES, gorou, pelo menos por enquanto. Jules Dubois, do "Chicago Tribune", um dos piores intrigantes contra Cuba, é outro que tem que contentar-se com freqüentar a sala de imprensa e arrastar-se pelos corredores da Conferência, no seu mesquinho trabalho.

POSIÇÃO DECISIVA

Com o fim da Conferência já à vista, o grande empenho de Washington — segundo se afirma — é redigir uma declaração, ou algo semelhante, em têrmos tais que Cuba não possa assinar. O Brasil, cuja atuação neste particular é decisiva, estaria procurando compor a situação. Mas também na delegação brasileira há uma tendência, a que não seria estranho o sr. Roberto Campos, a conciliar com os Estados Unidos, em detrimento de Cuba. Entretanto, o convite formulado pelo presidente Jânio Quadros a Guevara para visitar Brasília é interpretado aqui como uma indicação de que prevalecerá o bom senso e que o Brasil não seguirá pelo [illegible] do opróbrio e da traição a Cuba.

FRACASSO IANQUE EM PUNTA DEL ESTE:

KENNEDY NÃO CONSEGUIU ISOLAR CUBA

PUNTA DEL ESTE (De Josué Almeida, enviado especial de NR) — Via VARIG — Mais de dois mil delegados e observadores, cêrca de quinhentos jornalistas de todos os países da América, além da opinião pública continental — em especial a uruguaia — estão assistindo neste momento a importantes derrotas do imperialismo norte-americano e de sua política de submissão da América Latina.

Certo, desde o momento mesmo em que Kennedy convocou esta conferência, apenas vinte dias após o estrondoso fracasso da invasão de Cuba, tornou-se visível contra quem estaria voltada a reunião de Punta del Este e que objetivos se ocultavam por trás da suposta filantropia ianque. Entretanto, nada como o curso mesmo da conferência poderia mostrá-lo com tanta clareza. Assim, ao convocar a reunião extraordinária do CIES, os Estados Unidos colocavam como seu objetivo fundamental arregimentar os governos latino-americanos — mediante o subôrno, em nome de um desenvolvimento que só poderá existir contra êles ou a despeito dêles — para uma ação coletiva contra Cuba. Pois os que afirmam que Washington mudou é porque fecham deliberadamente os olhos ao fato de que nunca foi tão grande como agora o ódio do imperialismo norte-americano em face dos estragos que já lhe causou e continuará causando a gloriosa revolução cubana. Isso transparece em qualquer conversa informal com quase todos os norte-americanos aqui presentes, simples jornalistas ou representantes do govêrno. Ainda que mantenham uma indiferença bem estudada diante do que Cuba representa e do que a delegação cubana está fazendo aqui, basta que o formal seja pôsto de parte para que venham à tona seus verdadeiros sentimentos. Isso pode bem ser resumido numa frase pronunciada por um jornalista americano em presença dêste correspondente: "Fidel não pode viver".

No momento em que são escritas estas notas, a conferência ainda não está terminada e, apesar de tudo, é difícil fazer um prognóstico de qual será o seu desfêcho. Uma coisa, porém, parece-nos certa: precisamente a conferência em que os Estados Unidos depositavam tantas esperanças evidenciou que as relações entre os países da América jamais voltarão a ser o que eram antes da revolução cubana. A desintegração do império ianque na América Latina é um processo irreversível e em marcha.

A PRESENÇA DE CUBA

E' possível que o govêrno norte-americano admitisse a presença de Cuba em Punta del Este três meses atrás. Entretanto, jamais poderia prever uma série de fatos que estão ocorrendo aqui, e entre êles:

1) a relativa receptividade que as proposições cubanas estão encontrando no seio de várias delegações, o que cria dificuldades adicionais para os Estados Unidos;

2) a presença atuante da delegação cubana, extremamente hábil, ao mesmo tempo crítica e construtiva, expondo pontos-de-vista e verdades revolucionárias que queimam como ferro em braza os delegados do imperialismo.

Isso é geralmente reconhecido. Figuras sabidamente conservadoras da delegação brasileira manifestaram idêntico ponto-de-vista em conversas informais e o mesmo colhemos igualmente junto a representantes de outros países. Um dêstes, o presidente da delegação de El Salvador, dr. Manoel Chevarria, disse-nos: "Pondo de parte os aspectos políticos do discurso do sr. Guevara, é preciso reconhecer, porém, que há nêle muitos argumentos que merecem a maior atenção".

O DISCURSO DE GUEVARA

Os dois primeiros dias da conferência — depois da sessão inaugural de sábado, seguida de um domingo de recesso — foram tomados por sessões plenárias nas quais os chefes de cada uma das delegações expuseram suas queixas, suas convicções ocidentais e cristães e... principalmente suas pretensões. Um dos primeiros a falar foi o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Dillon, com um discurso muito cauteloso, reafirmando a promessa de "mais de um bilhão de dólares" contida na mensagem de Kennedy, lida na sessão inaugural e acenando com a "possibilidade lógica" de que nos próximos dez anos a América Latina receba um fluxo de capitais imperialistas de 20 bilhões de dólares. Depois, um a um, monòtonamente, foram desfilando os delegados latino-americanos, repetindo as mesmas coisas de sempre, regra a que não fugiram sequer os representantes dos chamados três grandes da AL — Argentina, Brasil e México —, distinguindo-se êstes apenas pela apresentação de números mais precisos retratando a miserável realidade latino-americana. Entretanto, apesar da aparente placidez com que transcorria a reunião, havia uma indisfarçável ansiedade em tôrno do que iria dizer Guevara — um dos últimos oradores das primeiras sessões plenárias. Como iria comportar-se Cuba? Nem mesmo alguns contatos preliminares havidos anteriormente entre Guevara e outros delegados — um dos quais com o ministro Mariani, na tarde de domingo — pôde remover a expectativa em tôrno do discurso do jovem comandante de Sierra Maestra, discurso muito significativamente chamado de "terceiro astronauta".

Foi assim que têrça-feira, dia 8, às 17 horas, Guevara começou a pronunciar seu histórico discurso, de improviso, que durou duas horas e 15 minutos. A colocação das delegações em tôrno da mesa, obedecendo a sorteio, situa a delegação cubana a dois lugares da americana, precisamente nesta ordem: Uruguai, Brasil, Estados Unidos, Nicarágua, Costa Rica, Cuba e as demais. Desde as primeiras palavras, o chefe da delegação cubana passou a escalpelar o imperialismo norte-americano e sua atuação na América Latina.

Começou por caracterizar a reunião como uma conferência política, urdida contra Cuba e contra o que o exemplo de Cuba significa em todo o Continente americano.

"Uma nova etapa começa nas relações dos povos da América Latina" — afirma um dos documentos preparatórios da conferência. Guevara disse que concordava com essa caracterização e explicou porque: "E' certo. Só que essa nova etapa começa sob o signo de Cuba, Território Livre da América, e esta Conferência e o tratamento especial que tiveram as delegações e os créditos que forem aprovados, têm todos o nome de Cuba, agrade ou não aos beneficiários, porque houve uma mudança qualitativa na América, como o demonstra o fato de um país ter podido levantar-se em armas, destruir um exército opressor, formar um nôvo exército, popular, pôr-se de pé diante do monstro invencível, esperar o ataque do monstro e derrotá-lo também".

Imitando um sorriso às vêzes, outras forçando, visìvelmente, bocejos e, ainda, deixando pender a cabeça para atender aos fotógrafos americanos, Dillon ia ouvindo impotente o bombardeio de acusações e verdades, proferidas a apenas dois metros dos seus ouvidos e dos seus olhos. Na delegação brasileira, em geral atenta, embora fria, apenas o governador Brizola assentia com a cabeça aos trechos mais veementes do discurso de Guevara.(De passagem, convém recordar que foi precisamente Dillon — que agora fala em reforma agrária e em revolução americana — a personalidade oficial de Washington que investiu pùblicamente contra Brizola, quando da encampação da Bond and Share, em Pôrto Alegre, conforme recordou o governador gaúcho, em conversa conosco, aqui em Punta del Este).

HISTÓRICO DAS AGRESSÕES

Guevara passou à enumeração das sucessivas agressões desfechadas ou inspiradas pelos Estados Unidos contra Cuba, a partir do momento em que foi decretada a reforma agrária, em maio de 1959. Descreveu um a um os atos agressivos, os conchavos que os inspiraram colocando o imperialismo ianque no banco dos réus, perante um auditório muitas vêzes acovardado e perplexo, mas em qualquer caso de tôda a América. Enalteceu a solidariedade prestada a Cuba nestes momentos difíceis, destacando o apoio desinteressado e espontâneo oferecido pela União Soviética, com a célebre advertência de Kruschiov de que os foguetes soviéticos poderiam voar além das fronteiras da URSS, no caso de uma agressão americana a Cuba.

Em outro trecho do seu discurso, Guevara analisou a natureza da revolução cubana, que se transformou em revolução socialista por fôrça de causas internas e da ação externa do imperialismo. Descreveu as grandes realizações da revolução cubana, diante das quais — num contraste implícito — as metas da "Aliança para o Progresso" são como brinquedos de criança.

REFORMA AGRÁRIA

De pé, falando pausadamente e por vêzes com ênfase, trajando o uniforme legendário da Sierra Maestra, Guevara contrastava de maneira chocante com os flácidos senhores, representantes das "oligarquias vacuñas" (para usar uma expressão sua, na entrevista coletiva que depois concedeu), que ouviam atônitos o seu discurso, como que sem entender por que era aquilo possível e justo às barbas do amo...

Acêrca da reforma agrária, de que falam todos os latifundiários aqui presentes, a começar pelo representante peruano Buiz Beltrán, títere dos Estados Unidos, disse Guevara: "Os peritos sugerem a substituição de ineficientes latifúndios e minifúndios por fazendas bem equipadas. Nós dizemos: querem fazer a Reforma Agrária? Tomem a terra daqueles que têm muita e dêem-na aos que não a têm. Assim se faz a Reforma Agrária, o resto é canto de sereia."

A propósito de reforma agrária, aliás fomos informados de que na América Central já existe até quem esteja comprando terras para depois, uma vez aprovada a "reforma", vendê-las com lucro...

Dois radialistas brasileiros compuseram a respeito uma marchinha carnavalesca, muito apreciada nos corredores da conferência, que começa assim: "Nós somos irmãos da OPA / aliados para o progresso / reunidos num balneário / resolvemos o problema agrário / com sucesso..."

CUBA E A AMÉRICA LATINA

Durante todo o longo discurso do delegado cubano, apesar do calor que fazia na sala, com a calefação, a enorme assistência manteve-se firme e por três ou quatro vêzes interrompeu com palmas o orador. Note-se que no recinto sòmente podiam permanecer os jornalistas credenciados, os delegados e observadores, além de um certo número de funcionários da conferência. Assim, quando Guevara assegurou que Cuba quer continuar na comunidade latino-americana, não deseja sair dela, mas apenas evitar que a expulsem do seio das nações latino-americanas, ouviram-se aplausos, de várias partes do salão.

Manifestou, igualmente, o desejo de Cuba de ingressar na Associação Latino-americana de Livre Comércio, desde que respeitadas as peculiaridades internas do seu país. Ao mesmo tempo, advertiu para o perigo que a integração econômica da América Latina oferece, como oportunidade a mais para os monopólios internacionais que manejam os processos de comércio dentro de tais associações, como o demonstram os exemplos da Europa.

ESTABILIZAÇÃO DE PREÇOS

Falando por todos os povos da América, Guevara formulou uma série de reivindicações, em nome das quais muitos países disseram ter vindo a Punta del Este. São elas: "garantia de preços estáveis, mercados crescentes ou, pelo menos, estáveis; garantias contra agressões econômicas; garantias contra a suspensão unilateral de compras em mercados tradicionais; garantias contra o "dumping" de excedentes agrícolas subsidiados; garantia contra o protecionismo à produção de produtos primários; criação das condições nos países industrializados para as compras de produtos primários com maior grau de elaboração."

IMPACTO FINAL

Concluindo seu discurso, Ernesto Guevara voltou a caracterizar a "Aliança para o Progresso' como "um veículo destinado a separar o povo de Cuba dos demais povos da América Latina, esterilizar o exemplo da revolução cubana e a domesticar os outros povos, de acôrdo com as indicações do imperialismo." Para isso, apoiou-se fundamentalmente em dois documentos secretos do govêrno norte-americano "que mãos amigas fizeram chegar até nós". Um dêles é um documento secreto dirigido ao embaixador Moscoso, representante dos Estados Unidos na Venezuela, pelos seus assessores John M. Gates, Jr., Irving Tragen e Robert Cox. Sob o título "Reforma da Burocracia", o referido documento traça todo um programa de intervenção nos assuntos internos daquele país. A revelação da existência de tal informe provocou visível mal-estar entre a delegação venezuelana, que, logo após a sessão, reuniu-se secretamente. Ignora-se, evidentemente, que decisões tomou, mas no dia seguinte Dillon distribuía através do USIS, na conferência, um comunicado à imprensa explicando que havia solicitado a Washington informações a respeito e, inclusive, admitindo a autenticidade do documento, embora atribuindo-o a "funcionários subalternos".

O BRASIL E A TRAMA DA INVASÃO

O segundo documento — que, como o primeiro, foi amplamente distribuído pela delegação cubana entre tôdas as demais delegações, inclusive a norte-americana — são instruções secretas do Departamento de Estado sôbre o "caso de Cuba". É feita aí uma fria e detalhada análise nas gestões empreendidas pelo govêrno norte-americano para arregimentar títeres a fim de realizar a agressão a Cuba. Diz, a certa altura, o documento do Departamento de Estado: "A oposição mantida pelo México durante muito tempo à intervenção de qualquer tipo, não representaria um obstáculo insuperável à ação coletiva da OEA contra Cuba. A atitude do Brasil, entretanto, que exerce uma forte influência sôbre os seus vizinhos sul-americanos, é decisiva para a cooperação hemisférica. Enquanto o Brasil se recusar a atuar contra Castro, é provável que um certo número de outras nações, incluindo a Argentina e o Chile, não tenha desejos de arriscar-se a repercussões internas adversas para satisfazer os Estados Unidos."

Foi, certamente, êste trecho da exposição de Guevara aquêle que mais fundo calou na delegação brasileira. Falando logo em seguida ao discurso, o ministro Mariani afirmou que Guevara havia situado muito bem a posição do Brasil na política continental, "tanto mais porque não implicava em acusações ao outro lado", isto é, aos Estados Unidos.

REVOLUÇÃO INVENCÍVEL

Ao concluir, disse Guevara que Cuba não pode deixar de exportar exemplo, como querem os Estados Unidos, porque o exemplo "é algo espiritual que transpassa as fronteiras. O que garantimos é que não exportaremos revolução, damos a garantia de que não sairá um fuzil de Cuba, de que não sairá uma única arma de Cuba para ir lutar em nenhum outro país da América." E adiante: "Nós, senhores delegados, conclamamos à aliança para o progresso, à aliança para o nosso progresso, à aliança pacífica para o progresso de todos. Não nos opomos a que nos deixem de lado na repartição dos créditos, mas nos opomos a que sejamos postos de lado na intervenção na vida cultural e espiritual de nossos povos latino-americanos, aos quais pertencemos."

Finalmente, narrou um episódio da revolução cubana, quando Fidel Castro recusou-se a permanecer nas montanhas — por sugestão do Estado Maior das Fôrças Revolucionárias — ante a iminência de uma grande invasão que estava em preparo, alegando que preferia ficar em Havana, para lutar. Guevara encerrou seu histórico discurso com as seguintes palavras:

"Não se produziu esta invasão, mas mantemos êste espírito, senhores delegados. Por isso, posso predizer que a Revolução Cubana é invencível, porque tem um povo e porque tem um governante como o que dirige Cuba."

Uma salva de palmas seguiu-se ao fim do discurso de Guevara. Nesse momento, quando ressoavam os aplausos, um grupelho de exilados cubanos, inspirados ao que se diz aqui pela "Central Intelligence Agency" dos Estados Unidos, irrompeu da platéia com vitupérios contra Guevara e a revolução. Ràpidamente dominados — eram quatro ou cinco — foram retirados da sala e dois dêles presos por algumas horas... Dois dias depois falavam numa reunião anti-Cuba, em Montevidéu, organizada para contrabalançar as diversas manifestações de massas que se têm realizado quase que diàriamente contra a reunião do CIES e em solidariedade a Cuba.

Contando com facilidades que denunciam as fontes do apoio que recebem, êstes fugitivos da revolução cubana pululam em Montevidéu e Punta del Este, confundindo-se com o batalhão de espiões e agentes policiais que acompanham a delegação dos Estados Unidos. Ao palhaço Luiz Conte Aguero, como o chamou Guevara, e cuja credencial de jornalista foi cassada pela Secretaria Geral da Conferência, acaba de vir juntar-se outro "líder cubano no exílio", Tony Varonna. Entretanto, são como fantasmas perambulando no Uruguai, pois mesmo nesta requintada cidade de Punta del Este, refúgio de grandes capitalistas e latifundiários do Uruguai, Argentina e Brasil, o calor popular cerca a delegação cubana desde que aqui chegou chefiada por um legendário barbudo nascido nos pampas.

NOVOS RUMOS

GUEVARA A HAEDO: AGORA TUDO É MELHOR EM CUBA

PUNTA DEL ESTE (De Josué Almeida, correspondente especial de NR) — Transcorreu num ambiente de grande cordialidade a recepção oferecida a Che Guevara pelo presidente do Conselho Nacional de Govêrno do Uruguai, Victor Haedo. Estiveram presentes o governador Leonel Brizzola, o embaixador brasileiro em Montevidéu, Walder Sarmanho, o ministro Azzini e outras personalidades.

Guevara foi, naturalmente, alvo não só das atenções e gentilezas, mas também de um bombardeio de perguntas. A certa altura, afirmou o Che que, ao fim do plano quinquenal, Cuba será o segundo maior produtor mundial de niquel. Haedo perguntou se as jazidas de niquel ficavam ao sul, respondendo Guevara que, pela configuração geográfica da ilha, Cuba não tem pròpriamente sul. — Mas Cuba tem o seu norte, comentou Haedo, evidentemente com um sentido duplo. Todos riram. E Che retrucou: — Sim, mas além do Norte, temos também o nosso Oriente...

Um dos presentes ofereceu cigarros a Guevara, que disse preferir charutos. Haedo mandou então que trouxessem charutos, "daqueles que o Dorticós me mandou". Oferecendo-os a Guevara, comentou Haedo, ainda com malícia, que, pelo menos antes (da revolução), os charutos de Cuba eram muito bons. — Pois são agora melhores, acrescentou Guevara. O Estado faz as coisas bem... Interveio Brizzola admitindo que agora os operários põem alma nos charutos. — Sim, disse Guevara. Agora os operários os fazem com alma, pois sabem que estão produzindo os charutos para si próprios e não para enriquecer alguns...

Durante a recepção, a bomba de chimarrão passava de mão em mão. E Guevara, explicando porque a manejava com facilidade, fêz questão de esclarecer a sua condição de homem dos pampas.

Tática Dos EUA: Comprar os «Grandes» e Fazer Promessas Aos «Pequenos»

PUNTA DEL ESTE (De Josué Almeida, enviado especial de NR) - Via VARIG — Para conseguir seu objetivo fundamental na reunião do CIES — isolar Cuba e passar a uma ação coletiva contra a revolução cubana —, a delegação norte-americana pôs em prática a tática de dividir para reinar. Seguindo o programa de "concentrar nos pontos vitais", preconizado pelo grupo chamado das "novas fronteiras" e também, entre outros, pelo conhecido comentarista Walter Lippman, os Estados Unidos vieram a Punta del Este com o propósito de dar alguma coisa aos maiores países — Brasil, Argentina e México —, a fim de obter o seu apoio para neutralizar o descontentamento dos pequenos e, por essa via, formar o tão desejado bloco contra Cuba, além de desencadear o terrorismo político organizado em todo o Continente.

A redação dada ao principal documento da Conferência, aquêle que definirá os princípios, os procedimentos e objetivos da "Aliança para o Progresso" põe a nu a tática norte-americana.

QUEM RECEBERIA OS DÓLARES?

Efetivamente, em meio à torrente de palavras em que vai navegando a reunião, sobressai um ponto que é o nó da questão: a prestação de "ajuda" norte-americana a qualquer país ficará condicionada a que êste país apresente projetos elaborados por especialistas em planificação, de maneira a justificar as aplicações de capitais. Ora, êsse seria um obstáculo contornável, porque os pequenos países poderiam, mesmo na situação de atraso em que vivem, contratar técnicos que elaborassem tais projetos. Sucede, porém, que os Estados Unidos não aceitam quaisquer técnicos, mas sòmente certos técnicos, em outras palavras, homens da sua confiança, capazes de fixar as condições em que realizar os possíveis investimentos e onde realizá-los. No seu discurso, Dillon encampou a indicação feita no documento básico preparado antes da Conferência — inclusive com a participação de técnicos brasileiros — no sentido de que se organizasse um comitê planificado composto por sete dêsses técnicos, os "sete sábios", como foram batisados pelos delegados, espécie de capatazes da "Aliança para o Progresso". Ora, a idéia da criação de tal comitê, por implicar na formação de um organismo supranacional, afetando a soberania de cada um dos países, e sujeitando-os mais às imposições de Washington foi desde logo repelida pelos pequenos países, o que obrigou outros famosos técnicos a elaborar um nôvo documento, dourando melhor a pílula, mas que, no essencial, nenhuma diferença faz em comparação com aquêle que a delegação americana trouxe em sua bagagem.

Assim se passam as coisas no plano formal. Na realidade, o que há é um choque de interêsses opostos: de um lado, estão os Estados Unidos, que não querem assumir o compromisso de dar dinheiro — mas desejam comprar o apoio para sua política, e desde já pelo menor preço. E como esperam comprá-lo dando alguns dólares ao Brasil, Argentina e México (e talvez também ao Chile e ao Peru), acham que podem pôr de parte os pequenos países, que êstes sempre viveram de promessas, como nos declarou um delegado nicaraguense, deputado e conservador, entusiasmado com o vulto do auxílio socialista a Cuba... De outro lado, as oligarquias que sempre imperaram na América Latina, até hoje mantidas no poder pelos monopólios e pelo govêrno dos Estados Unidos, vieram para a Conferência com os olhos apenas nos dólares que Washington lhes daria, sem a menor preocupação com progresso algum e menos ainda progresso planificado... Sua plataforma em Punta del Este é muito simples: querem que os Estados Unidos se comprometam a dar de imediato "para planos de emergência", num prazo "digamos, de 90 dias", uma certa quantidade de dólares. Não pedem muito, de 200 a 500 milhões "para os pequenos". Alguns, como a Nicarágua, contentar.se-iam com 5 ou 10 milhões. Mas, são o destacamento mais voraz e barulhento do "me dá um dinheiro aí". Os porta-vozes das "novas fronteiras" apresentam êsse fato como "uma contradição entre os Estados Unidos e as oligarquias feudais da América Latina", que assim seriam, agora, o obstáculo a um programa de desenvolvimento continental...

ONDE ENTRA CUBA

Em outras ocasiões, os norte-americanos não teriam maiores dificuldades em remover tais diferenças. Agora, porém, novos fatôres surgem em cena e um dêles é a presença da nova Cuba. Não apenas com o seu próprio exemplo, com o exemplo de como um pequeno país pode libertar-se e desenvolver-se no mundo atual, mas também através de uma participação ativa e positiva, Cuba tornou-se o legítimo porta-voz dos interêsses dos povos da América, e em especial dos pequenos países. Mais de vinte diferentes proposições — sôbre a defesa dos preços dos produtos primários, a estabilização das economias latino-americanas, sôbre educação, intercâmbio entre os povos da América, liberdade de informação, etc. — foram apresentadas pela delegação cubana. Em cada uma das comissões, os delegados cubanos, além de uma assiduidade exemplar, discutem tôdas as questões com uma seriedade que desperta admiração, inclusive entre homens como Mariani e Barbosa da Silva — segundo declarações que fizeram.

É certo que as proposições cubanas são sistemàticamente repelidas. Mas isso não admira. O que espanta é como, apesar da presença do amo, os pequenos países vão ganhando coragem e já houve vários casos em que alguns dêles ficaram com Cuba e contra os Estados Unidos. Tal fato sucedeu pela primeira vez na comissão mais importante, aquela que que discute o documento básico — a "Aliança para o Progresso". Em determinada questão, além de Cuba três outros países votaram contra os Estados Unidos. Isso provocou uma situação curiosa: o secretário da comissão, visìvelmente embaraçado ante a queda da unanimidade, efetuou quatro vêzes a contagem dos votos, a ver se numa dessas recontagens se restabelecia o "côro incaracterístico", com a volta ao redil das ovelhas tresmalhadas...

Na questão da distribuição da ajuda — da Aliança Para o Progresso — Cuba já declarou que não faz questão de ser posta de lado, mas se bate para que tal ajuda não seja mais um instrumento de aviltamento da soberania nacional dos países que venham a recebê-la.

É claro que isto exaspera os delegados do imperialismo, cujo ódio a Cuba é realmente indisfarçável e espumante.

CONTRADIÇÕES COM O BRASIL

Ao mesmo tempo em que coqueteia todo o tempo com os Estados Unidos, o Brasil mantém uma atitude independente em certas questões, o que atrai a simpatia dos países que "não podem mirar de cara" o amo ianque, para usar a expressão de um representante centro-americano. E, enquanto isso, negocia com os Estados Unidos. Segundo um jornalista americano, os Estados Unidos já se teriam comprometido a emprestar-nos dois bilhões de dólares. Objetivamente, os elementos de independência existentes na política externa brasileira estão criando para os americanos certas dificuldades em Punta del Este.

Entretanto, alguns delegados levantam dúvidas acêrca da conseqüência da posição do Brasil: não se opõem a que a delegação brasileira tire o máximo de Washington, mas receiam que depois não venha a dar uma guinada brusca, em nome de interêsses egoístas. Em outras palavras, indagam: que concessões estará fazendo o Brasil para obter êsses favores, ainda que discutíveis, de Washington?

Porque não foi apenas o desmascaramento frontal, feito por Guevara do caráter de chantagem — sobretudo por parte dos Estados Unidos — da Conferência. As exposições dos chefes de delegações, as intervenções dos delegados nas comissões, os comentários da imprensa, têm sempre o mesmo fundo: vivemos momentos difíceis, uma grave ameaça pesa sobre os nossos povos, nosso sitema de vida, nossas concepções de liberdade e democracia (todos falam nisso, desde o Paraguai ao Peru) estão em perigo e a salvação é uma só: os dólares dos Estados Unidos, a "Aliança para o Progresso"...

MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA

Onde o objetivo anticubano da Conferência de Punta del Este mostrou-se de maneira mais explícita e brutal foi no V ponto do temário, intitulado "A opinião pública e o desenvolvimento da America Latina". Os Estados Unidos levaram à Conferência, em relação com êsse ponto, um documento obscurantista e terrorista. Elaborado por diretores de jornais os mais reacionários de diversos países americanos — entre os quais um sr. Raul Lima, citado como diretor do "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro —, o documento foi concebido por um grupo de apertos em anticomunismo. O nome de Arthur Schlesinger, eminência de equipe das «novas fronteiras" e autor do célebre Livro Branco que antecedeu e preparou a invasão de Cuba, em abril, aparece entre os dos que "assistiram às deliberações do grupo, como observadores".

O enquadramento da opinião pública, através do contrôle de todos os meios de divulgação, expulsão dos jornalistas progressistas de todos os órgãos de publicidade, a proibição da publicação de fatos capazes "de desacreditar os líderes democráticos", das grandiosas realizações do mundo socialista, proibição da circulação de literatura progressista, etc. — é um dos alvos visados nesse documento. Ademais, para que não ficassem dúvidas, é feita uma referência nominal a Cuba — membro da OEA e do CIES — como país onde as liberdades desapareceram...

O primeiro canhonaço sôbre êsse documento foi disparado por Guevara em seu discurso. E foi também a ação decisiva da delegação cubana que o levou à derrota antes mesmo de que começasse a ser discutido, pela comissão correspondente do CIES. Basta dizer que até o delegado da Guatemala na comissão, diretor do jornal mais direitista da cidade de Guatemala, onde não é permitido nenhum jornal progressista, atacou o documento, e o fêz... de posições de esquerda.

Ao instalar-se a comissão, havia o propósito de não discutir o trabalho, debatendo-se, em vez dêle, um substitutivo apresentado pela Argentina. Todavia, a delegação cubana reclamou que o mesmo fôsse submetido a debate. Várias delegações deram sua opinião sôbre se se devia ou não fazê-lo. E foi, por fim, impossível aos Estados Unidos impedir que, mesmo sem uma decisão formal, o documento fôsse discutido e rijamente desmascarado pelo delegado cubano, Ramos Palácio. A delegação do Brasil não se opôs ao debate.

CONTRÔLE DOS SINDICATOS

O referido documento preconiza o contrôle dos sindicatos do Continente nos moldes em que êste contrôle foi estabelecido sôbre os sindicatos norte-americanos e de alguns países da Europa Ocidental. Faz-se, aí, a cínica revelação de que "a experiência do Plano Marshall demonstrou que os trabalhadores sindicalizados, tanto na Europa Ocidental como nos Estados Unidos, oferece-

(Conclui na 3.ª página)